TEATRO COMPLETO

Tradução
Jaa Torrano

Eurípides

VOLUME II

ILUMINURAS

EURÍPIDES | Teatro completo | Volume II

Eurípides

TEATRO COMPLETO

VOLUME II

Tradução
Jaa Torrano
segundo texto de J. Diggle

ILUMINURAS

Copyright © 2016
Jaa Torrano

Copyright © edição
Editora Iluminuras Ltda.

Capa
Eder Cardoso/ Iluminuras

Revisão
Beatriz de Paoli

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E88e

Eurípides, 480-406 a.C.
Teatro completo, volume II [recurso eletrônico] / Eurípides ; tradução Jaa Torrano. - 1. ed. - São Paulo : Iluminuras, 2016.
recurso digital

Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-857321-500-7 (recurso eletrônico)

1. Teatro grego (Tragédia). 2. Livros eletrônicos. I. Torrano, Jaa. II. Título.

15-28866 CDD: 882
CDU: 821-14'02-2

2016
EDITORA ILUMINURAS LTDA.
Rua Inácio Pereira da Rocha, 389 - 05432-011 - São Paulo - SP - Brasil
Tel./Fax: 55 11 3031-6161
iluminuras@iluminuras.com.br
www.iluminuras.com.br

DEDICATÓRIA

aos leitores joviais
que se comprazem com
o sentido euripidiano de Zeus
como a explicação própria
da complexidade do mundo
contemporâneo dos Deuses,

aos meus caros amigos
partícipes das Musas
e de *Zeus Phílios*.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq,
por invictas virtudes
das bolsas PQ e PDE,
que me deram
este trabalho.

Aos miríficos alunos,
colegas e funcionários
do DLCV-FFLCH-USP,
pela numinosidade
imanente ao lugar.

Ao Nume provedor
de recursos necessários
à execução do trabalho,
por prover o necessário.

Ao Nume invisibilizante,
por preservar a concentração
mais completa no trabalho.

Ao Nume imperscrutável
pela solidão compartilhada
com a mais bela mortal,
ainda que pese velado
temor — quase terror —
de que seja a Imortal.

À bem-amada bem-amante,
por secreta série de epifania.

Aos caros amigos,

pela partilha do amável
convívio das Musas
e de Zeus *Phílios*.

Aos numinosos manes
dos dias idos e findos,
pela presente inteligência.

The last but not the least,
a Vossa Numinosidade,
por vossa venerabilidade.

Apresentação

De Eurípides (séc. V a.C.), o último e o mais trágico dos três (com Ésquilo e Sófocles) grandes poetas trágicos de Atenas clássica, temos hoje dezoito tragédias e um drama satírico, além de numerosos fragmentos resgatados de citações e de papiros.

Em língua portuguesa, esta é a primeira tradução por um único tradutor de todo o *Teatro Completo* de Eurípides. "Completo" neste caso se diz das peças que nos chegaram integrais, a saber, o drama satírico *O Ciclope* e as tragédias *Alceste, Medeia, Os Heraclidas, Hipólito, Andrômaca, Hécuba, As Suplicantes, Electra, Héracles, As Troianas, Ifigênia em Táurida, Íon, Helena, As Fenícias, Orestes, As Bacas, Ifigênia em Áulida* e *Reso*.

Mas atenção: a unicidade do tradutor não se deve a um acidente biográfico do signatário da tradução, mas antes e sobretudo à acribia poética e ao caráter metódico e sistemático desta presente tradução. A acribia poética reside em tomar o verso como unidade mínima básica constitutiva do poema dramático e em reconhecer o verso polimétrico — mais bem dito "verso livre" — na perspectiva das possibilidades das poéticas hoje vigentes, como o mais apto expediente para a transposição da riqueza rítmica e semântica do verso grego em português — e assim preservar o jogo entre as noções fundamentais próprias da cultura grega presentes nos versos gregos.

A presente tradução se diz metódica pela coerência de seus procedimentos, rigorosa ao observar e conservar as demarcações léxicas do imaginário mítico e assim contemplar com uma visão totalizante o sistema de imagens descritivas das noções míticas de "Deus(es)" e de seus correlatos. A presente tradução se diz sistemática por transpor as imagens, as noções e as reiterações e inter-referências das figurações mitopoéticas, transpondo assim também o movimento próprio ao pensamento mítico e político de Eurípides.

A presente tradução incorpora — com tanto rigor quanto possível — a índole do português falado no Brasil, em busca da compreensão — tão imediata quanto possível — dos versos traduzidos. A ironia trágica nos contempla justamente no horizonte dessa equivalência entre o imediato e o possível.

A presente tradução segue o texto de J. Diggle — *Euripidis Fabulae* (Oxford, 3 v., 1981, 1984, 1994) e onde este é lacunar, recorremos a restaurações propostas por outros editores, cujos nomes se assinalam à margem direita do verso traduzido.

AS SUPLICANTES

As personagens do drama:
Etra, mãe de Teseu
Coro
Teseu
Adrasto, rei de Argos
Arauto
Mensageiro
Evadne
Ífis
Crianças
Atena

ARGUMENTO DE *AS SUPLICANTES*

A cena se situa em Elêusis. O coro se compõe de mulheres de Argos, que são mães dos nobres caídos em Tebas. O drama é um elogio a Atenas. Drama representado entre 424-420 a.C.

[PRÓLOGO (1-41)]

ETRA:
Ó Deméter, dona desta terra de Elêusis,
e servos da Deusa que tendes o templo,
dai-me bom Nume e a meu filho Teseu,
à urbe dos atenienses e à terra de Piteu,
onde o pai me criou em próspera casa
e deu-me, Etra, ao filho de Pandíon
Egeu por esposa por dita de Lóxias.
Fiz esta prece, ao ver estas anciãs,
que deixaram a casa em solo argivo
com súplice ramo caídas a meu joelho,
com terrível dor, pois a redor das portas
de Cadmo, mortos os sete nobres filhos,

estão sem os filhos, que o rei dos argivos
Adrasto conduziu, da herança de Édipo
querendo a porção do banido Polinices,
seu genro. Os mortos, finados na guerra,
as mães querem sepultá-los no solo,
mas os reis impedem e não permitem
recolhê-los, desonrando lei dos Deuses.
Com o fardo de pedir-me, comum delas,
está Adrasto, com os olhos lacrimosos,
deitado, pranteando lança e expedição
de péssima sorte, que enviou de casa.
Ele me exorta a persuadir com súplicas
meu filho a recolhê-los ou por palavras
ou por força de arma e dar-lhes funerais,
e impõe esta obra comum a meu filho
e à urbe dos atenienses. Ora sacrifico
pela terra lavrada, tendo vindo de casa
para este recinto, onde parece primeiro
eriçar acima da terra espigas frutuosas.
Com esta cadeia sem cadeia do ramo,
diante do puro altar das duas Deusas
Filha e Deméter, aguardo, lastimando
as grisalhas mães de filhos sem filhos,
reverente às coroas sagradas. O arauto
foi até a cidade chamar para cá Teseu,
para ou banir do solo a miséria delas,
ou livrar das coerções as suplicantes,
agindo aos Deuses lícito. A mulheres
sábias convém sempre agir via varões.

[ESTÁSIMO EM VEZ DE PÁRODO (42-86)]

CORO:

Suplico-te eu, anciã, de anciã boca, [EST. 1]
prostrada ao teu joelho,
livra os filhos! Os sem lei deixam os corpos
dos finados mortos por morte solta-membros
para o banquete das feras montesas.

Vês mísero pranto nas pálpebras dos olhos [ANT. 1]
e rugosos na carne grisalha
arranhões das mãos. Que se há de fazer?

Não velei em casa meus filhos mortos,
nem avisto as fúnebres tumbas de terra.

Também tu, ó rainha, tiveste um filho, [EST. 2]
ao tornar o leito caro a teu esposo,
partilha comigo teu saber, partilha
quanto me doem corpos de mortos filhos!
Persuade teu filho, peço, a ir ao Ismeno
e pôr-me nos braços os corpos
errantes insepultos dos jovens mortos!

Ilícita, sob coerção, prostrada súplice [ANT. 2]
cheguei à ignífera lareira dos Deuses.
Temos justiça e tu tens força de modo
a abolir minha má sorte com a boa prole.
Com míseras dores suplico que teu filho
dê-me o morto nos míseros braços
a abraçar lúgubre corpo de meu filho.

Outra luta de gemidos aos gemidos [EST. 3]
sucede, ressoam mãos de servas.
Vinde, ó uníssonas dos males!
Vinde, ó reunidas nas dores,
ao coro que Hades venera!
Na face clara, com a unha,
sangrai a pele sangrenta! *È é!*
O luto por mortos honra os vivos.

Insaciável esta graça de gemidos [ANT. 3]
guia-me dolorosa qual da pedra
marinha fluindo incessante pingo
de água sempre a gemer.
A dor dos filhos mortos
mostra-se nas mulheres
fadigosa de gemidos. *È é!*
Estas dores me esqueçam morta!

[PRIMEIRO EPISÓDIO (87-364)]

TESEU:
De quem ouvi gemidos, golpes no peito
e prantos por mortos, vindo deste templo
o eco? Provê-me de asas o pavor
de que minha mãe, que procuro a pé,

fora de casa há tempo, tenha novidade.
Éa!
Que coisa! Vejo novos itens de falas:
a mãe anciã sentada diante do altar
e forasteiras perto não num só ritmo
de males. De seus olhos respeitáveis
dirigem à terra um mísero pranto.
Tonsuras e vestes não são festivas.
Que é isso, mãe? Cabe a ti dizer
e a mim, ouvir. Prevejo novidade.

ETRA:

Ó filho, eis as mulheres mães dos filhos
que morreram diante das portas cadmeias,
os sete chefes. Com os ramos suplicantes
vigiam-me, como vês, em círculo, ó filho.

TESEU:

Quem é esse mísero gemedor à porta?

ETRA:

Adrasto, como dizem, rei dos argivos.

TESEU:

Os jovens ao seu redor são filhos seus?

ETRA:

Não, mas são filhos dos finados mortos.

TESEU:

Por que vieram a nós com mão suplicante?

ETRA:

Sei, mas delas é a fala doravante, filho.

TESEU:

Inquiro-te, a ti, envolto nesse manto.
Diz! Descobre a cara, cessa o gemido!
Não há um termo senão pela palavra.

ADRASTO:

Ó vitorioso rei da terra dos atenienses
Teseu, venho suplicar a ti e à tua urbe.

TESEU:

À caça de quê e necessitado de quê?

ADRASTO:

Sabes da funesta expedição que fiz?

TESEU:

Não atravessaste a Grécia em silêncio.

ADRASTO:

Ali perdi os melhores varões de Argos.
TESEU:
Tal é o resultado da implacável guerra.
ADRASTO:
Para reclamar esses mortos, fui à urbe.
TESEU:
Com arautos de Hermes, sepultá-los?
ADRASTO:
E então os matadores não me permitem.
TESEU:
E que dizem, se o que solicitas é lícito.
ADRASTO:
Que dizem? Não sabem ter boa sorte.
TESEU:
Vieste por meu conselho, ou por quê?
ADRASTO:
Para resgatares filhos argivos, Teseu.
TESEU:
Onde nos é Argos? Ou alardes vãos?
ADRASTO:
Batidos sucumbimos e a ti recorremos.
TESEU:
Decisão à parte tua ou de toda a urbe?
ADRASTO:
Todos os danaidas te pedem sepultá-los.
TESEU:
Por que conduzes sete tropas a Tebas?
ADRASTO:
Aos dois genros oferecendo o favor.
TESEU:
Concedeste-lhes tuas filhas argivas?
ADRASTO:
Convolei aliança não nativa em casa.
TESEU:
Mas deste a forasteiros filhas argivas?
ADRASTO:
A Tideu, sim, e a Polinices de Tebas.
TESEU:
Movido por que amor nessa aliança?
ADRASTO:
De Febo me vieram difíceis enigmas.

TESEU:
Que disse Febo fazendo casar as filhas?
ADRASTO:
Que desse as filhas ao javali e ao leão.
TESEU:
Como explicaste o vaticínio de Deus?
ADRASTO:
À noite dois banidos me vieram à porta.
TESEU:
Quem e quem? Diz, dizes os dois junto.
ADRASTO:
Tideu travou batalha e símil Polinices.
TESEU:
Assim deste as tuas filhas a essas feras?
ADRASTO:
Comparando na batalha ambos a feras.
TESEU:
Como vieram das fronteiras da pátria?
ADRASTO:
Tideu banido por sangue nativo no solo.
TESEU:
O filho de Édipo, como deixou Tebas?
ADRASTO:
Para não matar irmão por praga do pai.
TESEU:
Disseste aí sábio exílio voluntário esse.
ADRASTO:
Mas ficando foram injustos com ausentes.
TESEU:
Seu irmão não o espolia de seus haveres?
ADRASTO:
Assim fui fazer justiça e então sucumbi.
TESEU:
Foste a adivinhos e viste chama de pira?
ADRASTO:
Oímoi! Persegues-me onde mais vacilei.
TESEU:
Não foste, parece, com o favor dos Deuses.
ADRASTO:
Ainda mais, parti a despeito de Anfiarau!
TESEU:

Tão facilmente deste as costas ao divino?
ADRASTO:
O clamor dos varões novos me aturdia.
TESEU:
Agiste com bravura em vez da prudência.
ADRASTO:
Isso mesmo destruiu muitos capitães.
Mas, ó cabeça a mais forte na Grécia,
rei dos atenienses, em opróbrio posso
prostrado ao chão abraçar o teu joelho,
grisalho varão rei de bom Nume antes,
todavia devo ceder à minha situação.
Salva meus mortos! Tem dó dos meus
males e destas mães dos filhos mortos,
cuja velhice grisalha chega sem filhos,
e ousaram vir aqui e a custo pôr o pé
forasteiro, a mover as velhas pernas,
missão não aos mistérios de Deméter
mas para honrar mortos quem devia
ter oportunos funerais por mãos deles.
É sábio o próspero perceber a pobreza
e o pobre admirar os que têm riqueza
com afã, para ter o amor dos haveres,
e saber de míseros os de sorte não má,
e poeta produzir os hinos que produz
com prazer, mas se não tem este afeto,
não poderia nunca, aflito por sua casa,
agradar os outros, pois isso não é justo.
Talvez digas: “Sem a terra de Pélops,
“como em Atenas propões esta faina?”
É justo que apresente esta explicação:
Esparta é inculta e variante nos modos,
os demais são pobres e fracos; somente
a urbe tua poderia sustentar esta faina;
ela tem visão das misérias e tem em ti
jovem nobre pastor, carentes de quem
muitas urbes sucumbiram sem estratego.
CORO:
A mesma palavra que ele eu te digo,
ó Teseu, comisera-te da minha sorte!
TESEU:

Com outros argui ao lutar com razão
tal: disse alguém que os mortais têm
mais do pior do que têm do melhor.
Mas minha opinião é contrária a essa,
os mortais têm mais bens do que males.
Se não por isso, não estaríamos vivos.
Louvo o Deus que dispôs nossa vida
apartada de confusão e de selvageria,
dando primeiro a razão, depois a língua
núncia de palavras, que conheça a voz,
e nutrição de fruto e por nutrição do céu
úmidos pingos, para nutrir os da terra,
regar ventre, e mais, abrigo de inverno
e para proteger do esplendor do Deus,
e navegação do mar para que possamos
permutar entre nós os produtos da terra.
Conhecemos o sem sinal e o não claro,
olhando o fogo, e adivinhos predizem
pelas dobras das vísceras e pelas aves.
Ora, não é abuso, dando-nos Deus tais
meios de vida, se não nos for o bastante?
Mas a prudência busca ter mais poder
que o Deus, e com o júbilo no espírito
cremos ser mais sábios que os Numes.
Assim também tu mostras não ser sábio.
Tu, submisso ao oráculo de Febo, deste
filhas a forasteiros como dando os Deuses,
e ao associares tua casa límpida à turva,
ulceraste a casa, pois o sábio não deve
associar os entes injustos com os justos
e torná-los caros a casas de bom Nume.
O Deus, considerando as sortes comuns,
destruiu com os malefícios do enfermo
o que não era enfermo nem foi injusto.
Conduzindo todos os argivos à guerra,
ao desonrares os vaticínios dos vates,
infrator dos Deuses destruíste a urbe,
seduzido por jovens, cujo prazer era
honrar a guerra e crescer sem justiça,
matando cidadãos, um, ao guiar tropa,
outro, por transgredir ao ter o poder,

outro, por ganância, ao não observar
se o povo assim tratado é prejudicado.
Há três classes de cidadãos: uns, ricos
e inúteis, querem ter cada vez mais,
outros, sem ter e carentes de víveres,
terríveis, pela parte maior em inveja,
lançam malignos ferrões aos que têm,
ludibriados por línguas de maus guias.
Das três classes, a média salva a urbe,
ao preservar a ordem que a urbe tem.
Sendo assim, deverei ser teu aliado?
Que bem alegar a meus concidadãos?
Adeus! Ide, se não foi boa a decisão
tua de nos atormentar com tua sorte.

CORO:

Errou, mas isso reside nos jovens,
é preciso ter a compreensão disso.
Mas ao médico disso, rei, chegamos.

ADRASTO:

Não te escolhi juiz de meus males,
nem corretivo nem punitivo deles,
se me vejo em má situação, ó rei,
mas por bem. Se assim não queres,
força é que te aceite. Que padecer?
Ide, ó anciãs, ide! Deixa aqui mesmo
o glauco verdor da coroa de folhagem,
tendo Deuses Terra e a ignífera Deusa
Deméter e a Luz do Sol por testemunha
de não nos bastarem preces por Deuses!

CORO:

Ele era filho de Pélops e temos na terra
de Pélops o mesmo sangue pátrio que tu.
Que fazes? Tu o trairás e repelirás da terra
as anciãs, sem que tenham nada do devido?
Não assim! A fera tem por refúgio a pedra,
o servo, o altar de Deuses, e a urbe à urbe
recorre sob a tempestade. Entre os mortais,
não há nada com um bom Nume até o fim.

Anda, mísera, do sacro solo de Perséfone,
anda! Põe a mão em seus joelhos e pede

que recolha os corpos, ó mísera de mim,
dos filhos que perdi sob torres cadmeias!
Ió moi! Tomai, pegai, levai, conduzi
as míseras mãos anciãs!
Ó caro, ó renomado na Grécia, à tua barba
suplico, mísera, caída ante teu joelho e mão,
comisera-te de mim, suplicante pelos filhos,
ou errante com lamento de lúgubre lamento!
Insepultos, júbilo de feras na terra de Cadmo,
filho, não os vejas em tua idade, suplico-te!
Vê pranto em meus olhos! Aos teus joelhos
assim me prosterno. Faz sepultar os filhos!

TESEU:
Mãe, por que choras levando aos olhos
os mantos finos? Por infelizes gemidos
que ouves? A mim também algo tocou.
Ergue a cabeça branca! Não chores mais
sentada ao venerável altar de Deméter!

ETRA:
Aiaî!

TESEU:
Não deves gemer por suas dores!

ETRA:
Ó míseras mulheres!

TESEU:
Não és uma delas.

ETRA:
Filho, digo algo belo para ti e a urbe?

TESEU:
Muito saber vem também de mulheres.

ETRA:
Mas a palavra que calo faz-me hesitar.

TESEU:
Disseste o feio, calar a fala boa aos caros.

ETRA:
Por me calar, então, não reprovarei nunca
o silêncio agora como um silêncio mau,
e como inútil as mulheres falarem bem,
não deixarei tímida e pávida o meu bem.
Filho, eu primeiro te insto que observes

os Deuses, não erres por os desonrar!
É teu único erro, no mais pensas bem.
Mais, se sofrendo injustiça não devesse
ser audaz, ficaria em grande quietude.
Sabe já quanta honra isso te confere,
e não me dá pavor aconselhar, filho,
se varões violentos impedem mortos
de receber a cota de tumba e funerais,
institui esta obrigação com o braço,
e cessa violações das leis da Grécia
toda! São coesas as urbes de homens
sempre que bem se observam as leis.
Dir-se-á que por falta de braços viris,
podendo a urbe obter coroa de glória,
abstiveste, por temor, mas com o javali
travaste combate, a lutar por prêmio vil,
mas onde ao veres elmo e ápice de lança
devias exercitar-te, tu te mostraste tímido.
Porque és meu, não ajas assim, ó filho!
Vês que tua pátria tratada como néscia
lança olhar de Górgona aos ultrajantes?
Ela terá a sua grandeza nesses trabalhos.
As urbes quietas em situação obscura
por precavidas têm ainda visão obscura.
Não irás, filho, em auxílio aos mortos
e a míseras mulheres em necessidade?
Não temo que tu marches com justiça
e ao ver próspero o povo de Cadmo
confio que ainda farei outros lances,
de dados, pois o Deus tudo reverte.

CORO:

Ó minha caríssima, bem lhe falaste
e a mim, e este júbilo se torna duplo.

TESEU:

As palavras, mãe, que eu disse dele
são verdadeiras e tornei manifesto
saber por quais decisões ele errou.
Vejo também eu o que aconselhas,
porque não condiz com meus modos
evitar o perigo. Muitas belas vezes,
mostrei aos gregos ter este hábito,

sempre constituir a pena dos maus.
Não me podem proibir estas fainas.
Que me dirão entre os mortais hostis,
quando minha mãe, ainda que trêmula,
primeiro instas a enfrentar esta faina?
Assim farei. Irei e liberarei os mortos,
persuadindo; se não, à força de lança
já será e não com a recusa dos Deuses.
Careço de que toda a urbe o decida
e decidirá, se consinto. Se lhe desse
a palavra, teria o povo mais benévolo.
Pois constituí o povo em monarquia
ao livrar esta urbe com voto paritário.
Sendo Adrasto exemplo do que digo,
irei aos cidadãos; se os persuadir disso,
se reunir aqui seletos jovens atenienses,
virei. Posto em armas, enviarei palavras
a Creonte, pedindo os corpos dos mortos.
Mas, anciãs, removei as coroas solenes
da mãe, para eu levá-la à casa de Egeu,
pela mão amiga. Infortunados os filhos
que não servem por sua vez a seus pais,
belíssimo tributo: dos filhos se recebe
por sua vez o que se concedeu aos pais.

[PRIMEIRO ESTÁSIMO (365-380)]

CORO:

Argos nutre-corcéis, ó minha terra pátria, [EST. 1]
ouviste, ouviste estas palavras
do rei, pias perante os Deuses,
e magníficas para Pelásgia
e para Argos?

Se chegasse ao termo e ao mais de meus [ANT. 1]
males e retirasse da mãe
ainda o sangrento arranhão,
faria amiga a terra de Ínaco
por esse bem.

Belo adorno de urbes é a faina reverente [EST. 2]
e tem graça para sempre. O que
a urbe me fará, enfim? Fará pacto comigo

e teremos os funerais dos filhos?

Defende a mãe, urbe de Palas! Defende [ANT. 2]
de se poluírem as leis dos mortais!
Tu veneras justiça, dás menos à injustiça
e resgatas sempre a todos de má sorte. 380

[SEGUNDO EPISÓDIO (381-597)]

TESEU:
Por teres esse ofício, sempre serves
à urbe e a mim, ao portares anúncios.
Indo além do Asopo e do rio Ismeno,
diz ao venerável rei dos cadmeus isto:
"Teseu te pede graça de sepultar mortos 385
"por ser vizinho e por estimar conseguir
"e por serem amigos todos os Erectidas."
E se anuírem, agradece e volta rápido,
e se não confiarem, eis outras palavras:
"Recebam meu cortejo de escudeiros!" 390
A tropa, sentada e presente à revista,
está pronta junto ao venerável Calícoro.
A urbe aceita de bom grado e contente
esta faina, porque soube que consinto.
Éa! Quem este vem obstar as palavras? 395
A quem não conhece bem parece arauto
cadmeu. Espera, se te libera dessa faina
este vindo ao encontro de meus desígnios!
ARAUTO:
Quem é o rei? A quem devo anunciar
fala de Creonte rei do solo cadmeu, 400
morto Etéocles, junto às sete portas,
pelo braço de seu irmão Polinices?
TESEU:
Começaste por falsa fala, forasteiro,
procurando rei aqui; não tem governo
de um só varão, mas é livre esta urbe. 405
O povo manda, em parte, por turnos
de um ano, sem conceder à riqueza
o máximo, mas o pobre pode igual.
ARAUTO:
Como nos dados, dás-nos um tento

maior, pois na urbe, de onde venho,
tem o poder um varão, não muitos.
Não há quem com afagos das falas
a reverta, vária, ao lucro particular,
ora meigo, espalhando muita graça,
ora nocivo e então em novas rusgas
oculte velhos erros e fuja da justiça.
Aliás, como sem ter retas palavras
o povo poderia dirigir reto a urbe?
O tempo, em vez da pressa, dá lição
melhor. Um lavrador, varão pobre,
ainda que não fosse ignaro, por fainas
não poderia avistar os itens comuns.
Isso, sim, é nocivo para os melhores
quando mau varão vale mais e tem
o povo com a fala, sendo antes nada.

TESEU:

Hábil o arauto e artesão de palavras.
Por também tu competires nesta luta,
ouve! Tu propuseste a luta de palavras.
Nada é mais hostil à urbe que um rei,
lá onde primeiro de tudo não há leis
comuns e tem o poder um dono da lei,
autocrata, e isso não é mais igualdade.
Escritas as leis, o desprovido de força
e o rico têm com igualdade a justiça,
e o mais desprovido de força pode
dizer ao rico o mesmo, em resposta,
e se é justo, o menor vence o grande.
Isto é liberdade: "Quem quer trazer
"ao meio algum conselho útil à urbe?"
Quem o quer, é brilhante; quem não,
cala-se. O que na urbe é mais paritário?
Onde quer que o povo dirija do solo,
ele se compraz com jovens cidadãos.
Um varão rei considera isso adverso,
e extermina os nobres, que considera
prudentes, temeroso pela sua realeza.
Como poderia ainda ser forte a urbe,
se qual espiga no prado na primavera
cortando ceifa e colhe flor de juventa?

Por que obter bens e vida para filhos
para conseguir mais vida para o rei?
Ou criar bem filhas virgens em casa,
para ledo prazer do rei quando quiser,
e prepara o pranto? Não mais eu viva,
se as minhas filhas se casarem à força!
Esses dardos aí lancei contra os teus.
Vens aí à procura de quê, nesta terra?
Serias punido, se urbe não te enviasse,
por falares demais. Deve o mensageiro
dizer todo o mandado e o mais rápido
voltar. No porvir envie Creonte à minha
urbe um mensageiro menos eloquente!

CORO:

Pheû pheû! Ultrajam, como se sempre
bem, quando o Nume faz bem a maus!

ARAUTO:

Eu já diria. Nesse assunto em debate,
tua opinião é essa, a minha é contrária.
Eu e todo o povo cadmeu proibimos
que Adrasto entre nesta terra; se está
na terra, antes de se pôr a luz do Deus,
soltos veneráveis mistérios das coroas,
expulsem-no; não recolhais os mortos
à força, se nada sois da urbe de argivos.
Se me ouves, navegarás sem vagalhões
tua urbe, mas se não, muitos vagalhões
de lança teremos nós e tu e teus aliados.
Observa, e não te irrites com as minhas
palavras, por manteres tão livre a urbe!
Troques a fala fogosa por mais breves!
Pois a esperança é infiel e conflagrou
muitas urbes por levar a ira ao excesso.
Quando a guerra vai ao voto popular,
ninguém conta ainda com a sua morte
e esse infortúnio é atribuível a outrem.
Se a morte fosse visível no ato de votar,
a Grécia nunca sucumbiria ao furor bélico.
Mas todos os homens sabemos a melhor
das duas razões e bens e males e quanto
Paz para os mortais é melhor que Guerra.

Paz primeiro é a mais amiga das Musas,
hostil às Punições, feliz com belos filhos,
alegre na riqueza. Repelindo-a, os maus
escolhemos as guerras, e escravizamos
os menores, varão a varão e urbe a urbe.
Com resgate e funerais tu vales a varões
inimigos e mortos que soberbia destruiu?
Ora, não mais deveras fumega fulminado
o corpo de Capaneu, que ergueu escada
ante as portas e jurou queimar a urbe,
se um Deus quisesse e se não quisesse?
E Caríbdis não arrebatou o adivinho,
ao lançar a quadriga dentro da fenda?
Outros capitães junto às portas jazem,
as ósseas juntas rompidas por pedras.
Ou diz que pensas mais bem que Zeus,
ou que Deuses justos destroem os maus.
Os sábios devem amar primeiro os filhos,
depois os pais e a pátria, para exaltá-la,
e não quebrá-la. Cadente é chefe audaz
e navegante, quieto na ocasião o sábio,
e isso também é bravura, a previdência.

CORO:

Bastante seria Zeus o punitivo.
Não devíeis cometer tal soberbia!

ADRASTO:

Ó vilíssimo!

TESEU:

Cala, Adrasto! Cala a boca

e não anteponhas tuas palavras às minhas,
pois ele não veio para fazer o anúncio a ti,
mas a mim! Devemos também responder.
Primeiro te responderei os primeiros itens.
Não sei eu que Creonte seja o meu dono
nem que tenha força que possa coagir
Atenas a fazer isso. Corram ao inverso
os eventos, se assim formos ordenados!
Essa guerra eu não a estou instaurando,
nem com estes eu fui à terra de Cadmo.
Honrar os mortos, sem lesar a urbe

nem provocar combates homicidas,
tenho por justo, lei dos gregos todos
observando. Que há nisto senão bem?
Ainda que argivos vos maltratassem,
estão mortos, bem repeliste os inimigos,
e mal para eles, e a justiça se cumpriu.
Concedei já que se cubram os mortos
com terra, e donde cada um veio à luz,
para lá partam, o espírito para o céu,
o corpo para a terra; nada possuímos
nosso mesmo senão residência em vida
e depois a que o nutriu o deve receber.
Crês ferir Argos se não honrar mortos?
Não só! A toda a Grécia é comum isto,
se privarem os mortos do que lhes cabe
e os mantiverem insepultos; se o uso
se instituísse, faria tíbios os valentes.
A mim vieste fazer terríveis ameaças,
e temeis mortos, se ocultos no chão?
Que temeis? Que, sepultados por vós,
devastem a terra? Ou no chão fundo
gerem filhos dos quais virá vingança?
Sinistro, sim, é esse gasto da língua,
padecer pavores perversos e vazios.
Mas, ó vãos, vede os males humanos!
Peleja é nossa vida. Mortais, boa sorte
uns têm logo, outros depois, outros já.
O Nume sobeja; por um de má sorte
é tido em apreço para ser boa a sorte;
quem está próspero o louva, temeroso
de perder o vento. Ciente disso, não
se deve ter fúria por injustiças módicas
nem ser tão injusto que lese de volta.
Como seria? Honrar os finados mortos
dai-nos, pois queremos ser reverentes!
Ou bem claro: irei e honrarei à força.
Nunca se proclamará entre os gregos
que ao vir a mim e à urbe de Pandíon
a prístina lei dos Numes se corrompeu.

CORO:

Coragem! Observando a luz da Justiça

evitarias muitas reprimendas de homens.
ARAUTO:
Queres que eu conclua em breve dito?
TESEU:
Diz, se queres, pois ainda não te calas!
ARAUTO:
Não terias nunca os filhos da terra argiva.
TESEU:
Ouve a minha resposta, se assim queres!
ARAUTO:
Ouviria, pois se deve dar o turno alheio.
TESEU:
Honrarei os mortos retirados do Asopo.
ARAUTO:
Primeiro tens que arriscar com escudos.
TESEU:
Ousei por outros já muitas outras fainas.
ARAUTO:
O pai te fez de modo a bastares a todos?
TESEU:
Quantos transgridam. Bons não punimos.
ARAUTO:
Tens hábito de muita ação, tu e tua urbe!
TESEU:
Sim, com muita faina, muito bom Nume.
ARAUTO:
Vai! Que a semeada lança te lance no pó!
TESEU:
Que Ares impetuoso nasceria de serpente?
ARAUTO:
Saberás ao sofreres, agora ainda és jovem.
TESEU:
Não me incites de modo a me enfurecer
com teus alardes, mas retira-te da terra
e leva as palavras vazias que trouxeste!
Não concluímos nada. Todos os varões
hoplitas e condutores de carros devem
partir e mover as testeiras de montarias
pondo da boca espuma no solo cadmeu.
Pois irei ante as sete portas de Cadmo,
eu mesmo com ferro afiado nas mãos,

eu mesmo arauto. Ordeno-te que fiques,
Adrasto. Não mescles tua sorte comigo,
pois eu em companhia do meu Nume
conduzirei a tropa, novo em nova lida!
Somente preciso ter os Deuses quantos
veneram Justiça, pois estando juntos
dão vitória. A virtude não traz nada
aos mortais, se o Deus não aquiesce.

[SEGUNDO ESTÁSIMO (598-633)]

CORO:

— Ó míseras mães de míseros capitães, [EST. 1]
no fígado o verde medo me perturba!
— Que nova palavra é essa que proferes?
— A expedição de Palas que fim terá?
— Dizes na lança ou na troca de falas?
— Seria lucro. Se mortos por Ares,
mortes, batalhas e fragores de lutas
surgirem pela urbe, que palavra,
que culpa disto, eu, mísera, teria?

— Quem brilha por boa sorte, Parte [ANT. 1]
recolheria, esta confiança me vale.
— Dizes que os Numes são justos.
— Quem mais gere as conjunturas?
— Diversos de Deuses vejo mortais.
— Pois sucumbes ao antigo pavor.
Justiça chama justiça; morte, morte.
Deuses aliviam males de mortais,
por dominarem o termo de tudo.

— Como iríamos ao campo de belas torres, [EST. 2]
desde o poço de belos coros da Deusa?
— Se um Deus te fizesse alada
para ir à urbe dos dois rios,
verias as sortes
dos caros, verias.
— Que sorte, que destino
espera o valente
rei desta terra?

— Invocamos Deuses já invocados, [ANT. 2]

isto nos pavores é a primeira fé.
— *Ió!* Zeus, que geraste o filho
da antiga mãe filha de Ínaco,
sê benévolo aliado
desta minha urbe!
— Teu ícone, teu suporte,
traz do ultraje
à pira da urbe!

[TERCEIRO EPISÓDIO (634-777)]

MENSAGEIRO:
Mulheres, com palavras muito gratas,
eu mesmo salvo, vencido na batalha
que os mortos sete chefes de tropas
travaram à margem do rio Dirceu,
venho anunciar a vitória de Teseu.
Livro-te de longa fala; servi Capaneu,
que Zeus com raio flamante fulminou.
CORO:
Ó caríssimo, bem anuncias teu retorno
e a fala de Teseu. Se a tropa de Atenas
ainda está salva, tudo bem anunciarias.
MENSAGEIRO:
Salvou-se e fez como Adrasto deveria
ter feito com os argivos, que do Ínaco
levou em guerra à urbe dos cadmeus.
CORO:
Como o filho de Teseu e os partícipes
da guerra ergueram o troféu de Zeus?
Diz! Lá presente alegrarás ausentes.
MENSAGEIRO:
Brilhante luz de Sol, claro fio de prumo,
atingia a terra; perto da porta Electra,
estive espectador na torre bem visível.
Vejo as três divisões das três tropas:
o povo em armas se estendia acima
até o monte Ismênio, como se dizia,
e o rei mesmo, ínclito filho de Egeu,
e os posicionados com ele na ponta
direita, íncolas da antiga Cecrópia,
e o próprio Páralo, armado de lança,

junto à fonte de Ares; tropa a cavalo
posicionada nas laterais do exército,
ambas iguais em número, e os carros,
sob o venerável memorial de Anfion.
O povo cadmeu se pôs ante os muros,
e pospôs os mortos por que há porfia.
Cavaleiros em armas contra cavaleiros,
e quadrigas armadas contra quadrigas.
O arauto de Teseu proclamou a todos:
"Silêncio, senhores! Silêncio, cadmeus!
"Escutai! Viemos em busca dos mortos,
"para sepultá-los, lei dos gregos todos
"observando, não carecendo de matar."
Creonte nada anunciou em resposta,
mas em silêncio se armou. Pastores
das quadrigas já iniciavam a batalha;
dirigindo uns carros diante de outros,
põem passageiros em ordem de lança.
Uns lutam com ferro, outros retornam
os potros em socorro aos passageiros.
Quando viu a turba de carros, Forbas,
que era chefe de cavaleiros Erectidas,
e os vigilantes da cavalaria cadmeia
travaram combate, batendo e batidos.
Por ver, e não por ouvir, pois lá estive
onde carros e passageiros combatiam,
por muitos males lá presentes não sei
qual dizer primeiro, se o pó erguido
elevando-se ao céu porque era muito,
ou se puxados para cima e para baixo
nas correias e rios de sangue funesto
dos que caem e dos carros quebrados
arrojados à força de cabeça no chão
e na ruína do carro perdendo a vida.
Ao suspeitar que venceria a cavalaria
daqui, Creonte, com escudo no braço,
avança antes do desânimo de aliados.
Já Teseu não se perde em hesitação,
mas saltou já com brilhantes armas.
Colidiram todo o exército no meio,
matavam, morriam, e transmitiam

o comando uns aos outros aos gritos:
"Fere!" — "Finca lança em Erectidas!"
A tropa saída dos dentes da serpente
era terrível na pugna; declinava a ala
esquerda nossa, mas batidos da destra
fugiam os deles. A luta era indecisa.
Pôde-se, então, aprovar o estratego,
que não somente logrou essa vitória,
mas foi à ala fatigada do exército
e rompeu voz que ecoasse a terra:
"Ó filhos, se não detiverdes a força
"dos varões semeados, vai-se Palas."
Deu ardor a toda a tropa de Crânao.
Ele mesmo pega arma de Epidauro,
terrível clava, vibrando qual funda,
ceifando pescoços e decepando rente
elmos sobre crânios com esse lenho.
Arduamente puseram o pé em fuga.
Eu lancei alaridos, dancei de alegria
e bati palmas. Eles afluíam às portas.
Gritos e lamúrias se ouviam pela urbe,
de jovens, de velhos; lotavam templos
de pavor. Podendo entrar pelos muros,
Teseu se deteve; não para pilhar a urbe
dizia ele ir, mas para reclamar mortos.
Tal estratego é preciso que se escolha,
ele entre os perigos se mantém valente
e odeia gente soberba que ao prosperar
querendo galgar os degraus até o topo
perde a prosperidade que poderia fruir.

CORO:

Agora que vejo este dia não esperado,
considero os Deuses e creio ter menos
má sorte porque pagam pena de justiça.

ADRASTO:

Ó Zeus, por que dizem serem prudentes
os míseros mortais? Pois por ti erramos
e fazemos tal qual tu por sorte consintas,
pois para nós Argos era não resistível
e nós mesmos muitos e jovens braços.
Quando Etéocles fazia a convenção

e era moderado, não quisemos aceitar
e aí sucumbimos. Aliás, teve boa sorte,
qual pobre quando tem recente riqueza
transgride e transgressor por turno cai,
malévola gente de Cadmo. Vãos mortais,
vós, que estendeis o arco além da medida
e perante justiça padeceis muitos males,
não confieis em amigos, mas em ações!
Urbes, se falando podeis vencer males,
atuais com a morte, não com a palavra.
Mas para que isso? Quero saber isto:
como te salvaste? Depois direi mais.
MENSAGEIRO:
Quando o tumulto de lança moveu a urbe,
cruzei as portas por onde a tropa entrava.
CORO:
Trazeis os mortos por que era o combate?
MENSAGEIRO:
Todos os chefes das sete ínclitas tropas.
ADRASTO:
Que dizes? Onde estão os outros mortos?
MENSAGEIRO:
Tiveram sepultura nos vales do Citéron.
ADRASTO:
Deste ou daquele lado? Quem sepultou?
MENSAGEIRO:
Teseu, onde é sombria pedra de Elêuteras.
ADRASTO:
E os mortos insepultos, onde os deixaste?
MENSAGEIRO:
Perto, pois tudo é perto, quando se cuida.
ADRASTO:
Os servos mal os portavam do massacre?
MENSAGEIRO:
Nenhum servo estava presente nessa faina.
ADRASTO:
Que dizes? O filho de Egeu assim o honra? [Kovacs]
MENSAGEIRO:
Dirias, se presente ao serviço dos mortos.
ADRASTO:
Lavou ele mesmo as chagas dos mortos?

MENSAGEIRO:
Estendeu os leitos e recobriu os corpos.
ADRASTO:
Terrível era o fardo e ainda vexaminoso.
MENSAGEIRO:
Que vexame nos dão os males comuns?
ADRASTO:
Oímoi! Como queria ter morrido com eles!
MENSAGEIRO:
Com vãs lamúrias, tu as induzes ao pranto.
ADRASTO:
Parece-me que elas mesmas são mestras,
mas irei aonde ante os mortos ergo a mão
e verto os pranteados cantares de Hades,
saudando os amigos, sem os quais mísero
a sós pranteio. Os mortais só não têm
como resgatar a perda uma vez perdida
a vida mortal, mas das posses têm meios.

[TERCEIRO ESTÁSIMO (778-836)]

CORO:
Ora bem, ora má sorte. [EST. 1]
Para a urbe a glória
e para estrategos de guerra
duplica-se a honra,
mas a mim ver os corpos dos filhos
dói-me, mas verei bela visão
se ao ver o não esperado dia
eu vir a maior dor de todas.

Sempre inupta até hoje [ANT. 1]
Tempo, o antigo pai
dos dias, tivesse-me feito!
Por que eu queria filhos?
Que dor ímpar eu esperaria ter,
se não fosse meu jugo de núpcias?
Agora, porém, vejo muito claro
o mal, despojada de meus filhos.

Mas já contemplo estes corpos
dos finados filhos; mísera,
como eu morreria com estes filhos,

descendo a Hades comum?
ADRASTO:
O lamento, ó mães, [EST. 2]
por mortos sob a terra,
clamai diante dos meus
lamentos, se os ouvirdes!
CORO:
Ó filhos, ó amarga
saudação das mães,
eu te saúdo, a ti, morto!
ADRASTO:
Ió ió!
CORO:
Por meus males!
ADRASTO:
Aiaî!
CORO:
Há muitos ais a gemer. [Kovacs]
ADRASTO:
Sofremos, *ó!*
CORO:
O pior dos males!
ADRASTO:
Ó urbe argiva, não vedes meu fado?
CORO:
Veem-me ainda a mim
mísera sem meus filhos.
ADRASTO:
Portais, portais os corpos [ANT. 2]
sangrentos dos malfadados
indignamente mortos por indignos
com os quais o combate se travou.
CORO:
Dai que nos abraços
meus enlace e tenha
nos braços os filhos!
ADRASTO:
Tens, tens.
CORO:
Doloroso fardo!

ADRASTO:
Aiaî!
CORO:
Não falas aos pais?
ADRASTO:
Ouvi-me!
CORO:
Gemes dores por ambos nós.
ADRASTO:
Matassem-me no pó renques de cadmeus!
CORO:
Nunca me tivesse jungido
o corpo à cama do marido!
ADRASTO:
Vede o pélago de males, [EPODO]
ó mães míseras dos filhos!
CORO:
Estamos laceradas de unhas,
vertemos cinza na cabeça.
ADRASTO:
Iò ió moí moi!
O chão da terra me tragasse!
A procela me lacerasse!
Ígnea flama de Zeus na cabeça caísse!
CORO:
Viste amargas núpcias
e amarga voz de Febo.
Veio-nos da casa de Édipo
com muitos gemidos Erínis!

[QUARTO EPISÓDIO (837-954)]

TESEU:
Indo te perguntar, quando vertias prantos
pela tropa, desistirei; omiti ao deixar lá
aquelas falas, mas agora, Adrasto, indago:
como, afinal, estes mortais por valentia
foram notáveis? Diz, por ser mais sábio,
a estes jovens cidadãos, pois és sabedor!
Pois vi maiores do que dizer por palavra
audácias com que esperavam pilhar a urbe.

Não te inquirirei, só para não ser ridículo,
com quem cada um travou o combate
ou recebeu a lesão da lança inimiga.
Vazias são essas palavras, de ouvintes
e de falante que presente no combate,
com as lanças frequentes ante os olhos,
anunciasse claramente quem é bravo.
Isso eu não poderia nem te perguntar,
nem, aliás, fiar nos que ousam contar.
A custo poderia ver mesmo o necessário
quem se pôs de pé diante dos inimigos.

ADRASTO:

Ouve, pois a mim sem coerção me dás
o louvor dos nossos a respeito dos quais
eu quero falar com verdade e com justiça!
Vês quem o dardo violento transpassou?
Este é Capaneu, cuja vida era possante,
não era vaidoso de riqueza, soberbia
não tinha mais do que um varão pobre,
evitava à mesa quem se sacia demais
por desdém do bastante; “não há bem
“no ventre voraz, módico basta”, disse.
Verdadeiro amigo de amigos, presentes
e não presentes, não muito numerosos.
Caráter sem mentira, fácil de tratar,
não descumpria nem com os de casa
nem com os da urbe. Depois nomeio
Etéoclo, treinado em outra presteza.
Jovem era na vida ainda incompleto,
mas obteve muitas honras em Argos.
Amigos muitas vezes doando ouro
não aceitou em casa de modo a ter
modos servis submisso ao dinheiro.
Odiava os que erram, nunca a urbe,
porque de fato a urbe não é a causa,
se mal vista por conta de mau piloto.
O terceiro deles, este Hipomedonte,
jovem ainda ousou já não se voltar
ao gozo de Musas, ao fofo da vida,
mas morador do campo tinha prazer
de ser varão austero, de ir a caçadas,

gostava de cavalo e de armar o arco,
querendo prestar os préstimos à urbe.
O outro, prole da caçadora Atalanta,
Partenopeu, jovem o mais formoso,
era árcade, e ao ir às águas de Ínaco
cresceu em Argos. Aí criado, primeiro,
como devem ser estrangeiros residentes,
não era opressivo, nem negativo à urbe,
nem litigante de palavras onde máxime
o nativo e o estrangeiro seriam opressivos.
Integrado às tropas tal qual argivo nativo,
defendeu o lugar, e se a urbe estava bem,
alegrava-se, e entristecia, se em má sorte.
Por ter muitos amantes e tantas mulheres
precavia-se de incorrer em qualquer erro.
Grande elogio de Tideu farei sendo breve:
não era brilhante orador, mas com escudo,
terrível sofista, inventor de muita destreza.
Superado em saber por seu irmão Meleagro,
conquistou igual renome na arte da lança,
inventor da verdadeira música do escudo.
Honrado era o rico caráter, o pensamento
estava mais nas ações do que nas palavras.
Por essas indicações, Teseu, não admires
que ousassem morrer defronte das torres.
A educação, se não é má, confere pudor;
todo homem bem educado tem vergonha
de se tornar mau. O bom valor do varão
é aprendido, se desde criança aprende
falar e ouvir o de que não tem ciência.
O que se aprende quer ser conservado
para a velhice. Filhos assim bem criai!

CORO:

Ió, filho! Com má sorte
te criava, trazia sob o fígado
e sofri as dores do parto.
Agora Hades tem o meu
fruto da fadiga, que mísera!
Não tenho sustento da velhice,
por ser a mísera mãe do filho.

TESEU:
Os Deuses, ao raptarem vivo o nobre
filho de Ecles para o fundo da terra
com a quadriga, fazem claro elogio.
O filho de Édipo, digo, Polinices,
se o louvássemos, não mentiríamos.
Era meu hóspede, antes de ir ao exílio
voluntário da urbe de Cadmo a Argos.
Sobre isso, sabes o que te peço faças?
ADRASTO:
Não sei senão atender a tuas palavras.
TESEU:
Capaneu, golpeado por raio de Zeus...
ADRASTO:
Sepultarás à parte, qual morto sagrado?
TESEU:
Sim, e todos os outros numa única pira.
ADRASTO:
Onde é que porás à parte o túmulo dele?
TESEU:
Aqui, perto da casa, construída a tumba.
ADRASTO:
Esse cuidado já competiria aos servos.
TESEU:
E estes, a nós. Transportem os mortos!
ADRASTO:
Ide, ó míseras mães, perto dos filhos!
TESEU:
Adrasto, menos conveniente o dizes.
ADRASTO:
Como? Não devem mães tocar filhos?
TESEU:
Pereceriam, se os vissem desfigurados.
ADRASTO:
Punge ver sangue e chagas de mortos.
TESEU:
Por que lhes queres impor essa dor?
ADRASTO:
Vences. É preciso ser firme. Teseu
diz bem. Depois de expostos ao fogo,
levareis os ossos. Ó míseros mortais,

por que tendes lanças e uns aos outros
vos matais? Cessai! Findos os males,
guardai cidades quietos com quietos!
Breve é o curso da vida, tem que ser
mais fácil e não difícil o seu percurso.

[QUARTO ESTÁSIMO (955-979)]

CORO:

Não mais com boa cria, não mais com boa [EST.]
prole, não mais com boa sorte
estou entre argivas mães de jovens,
nem Ártemis dos partos
interpelaria as sem prole.
Mal vivida é a vida,
errante como nuvem
vou sob ásperos ventos.

Somos as sete mães dos sete filhos [ANT.]
nós míseras, que geramos
os mais ínclitos entre argivos.
Agora sem crias nem filhos,
envelheço miserável.
Nem entre os finados,
nem entre os vivos conto,
com uma parte sem eles.

O restante são lágrimas, [EPODO]
tristes tumbas do filho
jazem nas casas, lúgubres
cortes, cabelos sem coroas,
ofertas de mortos finados,
cantos que não os recebe
Apolo de cabelo de ouro.
Alvorecendo em lamúrias
molho de pranto a dobra
úmida do manto no peito.

[QUINTO EPISÓDIO (980-1122)]

CORO:

Já avisto esta câmara
e sacra tumba de Capaneu

e fora do palácio
as ofertas de Teseu aos mortos,
e perto a ínclita esposa deste
morto pelo raio, Evadne,
a filha do rei Ífis.
Por que está no alto da pedra
que acima desta casa domina,
e vai por esse caminho?

EVADNE:

Que luz, que brilho, [EST.]
Sol outrora dirigia,
e Lua, no céu, clarão
no qual ninfas velozes
cavalgam pelas trevas,
quando a urbe de Argos
com hinos fortaleceu
o bom Nume das núpcias
minhas e de meu marido
Capaneu munido de bronze?
Saí de casa correndo,
como se debacasse,
a buscar a luz da pira,
e a mesma sepultura,
para romper em Hades
a vida fadigosa
e as fadigas da vida.
Seria a mais doce morte
morrer com meus mortos,
se o Nume assim fizesse.

CORO:

Vês perto de ti essa pira,
tesouro de Zeus, onde está
teu marido, morto por raio.

EVADNE:

Vejo, sim, o termo [ANT.]
onde estou. Ate-me
a sorte ao pulo do pé!
Assim por bela glória
partirei desta pedra,
pulando no fogo

e no ígneo calor
unida a meu marido
com a pele junto à pele
irei ao leito de Perséfone
por não te trair em vida
a ti, morto, sob a terra.
Sigam luz e núpcias!
Brilhem os leitos
de justos himeneus
argivos
nos filhos
e teu marido amado
unido às auras sem dolo
da nobre esposa!

CORO:
Olha! Ele mesmo teu pai se aproxima,
o velho Ífis vem às mais novas falas.
Antes não sabia; se as ouvir, sofrerá.

ÍFIS:
Ó míseras mulheres, eu mísero velho
venho com duplo luto consanguíneo
em busca do cadmeu morto por lança,
Etéoclo, para levar de navio à pátria,
e em busca de minha filha, a esposa
de Capaneu, a qual saiu de casa súbito
querendo morrer com o marido. Pouco
antes, era vigiada em casa, e quando
relaxei a guarda nos presentes males,
saiu. Mas somos da opinião de que
talvez esteja aqui. Dizei, se a vistes!

EVADNE:
Que lhes indagas? Eis-me nesta pedra,
qual pássaro sobre a pira de Capaneu,
mísera, em suspensão, levito, ó pai!

ÍFIS:
Ó filha, que vento? Que viagem? Por
que saíste de casa e vieste a este solo?

EVADNE:
Terias raiva dos meus pensamentos
se ouvisses. Não quero que ouças, pai!

ÍFIS:
Por quê? Não é justo que teu pai saiba?
EVADNE:
Serias juiz inábil do meu sentimento.
ÍFIS:
Por que te adornas com essa veste?
EVADNE:
Esta veste permite algo ínclito, pai.
ÍFIS:
Não pareces portar luto de marido.
EVADNE:
Vesti-me para uma situação nova.
ÍFIS:
Então compareces à tumba e à pira?
EVADNE:
Por aqui caminho com bela vitória.
ÍFIS:
O que venceste? Quero saber de ti.
EVADNE:
Todas as mulheres que o Sol viu.
ÍFIS:
Por ações de Atena ou por prudência?
EVADNE:
Por bem. Jazerei com o marido morta.
ÍFIS:
Que dizes? O que diz esse mau enigma?
EVADNE:
Eu salto nesta pira de Capaneu morto.
ÍFIS:
Ó filha, não digas a palavra ao povo!
EVADNE:
Quero que o saibam todos os argivos!
ÍFIS:
Mas eu não suportarei que tu o faças!
EVADNE:
Não importa, não podes me pegar.
Assim solto o corpo; não te é grato,
mas é a mim e ao abrasado marido.

CORO:
Ió!

Mulher, que terrível feito fizeste!
ÍFIS:
Eu morro mísero, filhas de argivos!
CORO:
È é!
Sofredor destas misérias,
verás mísero o ato audaz?
ÍFIS:
Não se veria nada mais mísero.
CORO:
Ió, mísero!
Compartilhais da sorte de Édipo,
velho, tu e minha sofrida urbe!
ÍFIS:
Oímoi! Por que mortais não podem ser
jovens duas vezes e velhos outra vez?
Em casa, sim, se algo não está bem,
corrigimos com opiniões posteriores,
mas, na vida, não. Se fôssemos jovens
e velhos duas vezes, se houvesse erro,
munidos de duas vidas, corrigiríamos.
Eu, ao observar outros criarem filhos,
tive paixão por filhos e queria tê-los.
Se eu tivesse vindo até aqui e sabido,
como acontece o pai perder os filhos,
não chegaria nunca a este mal hoje
eu, que fui pai e genitor de exímio
filho e dele agora então sou tolhido.
Seja! O que devo eu mísero fazer?
Ir para casa? Para ver muita solidão
em casa e o impasse em minha vida?
Ou ir para o palácio deste Capaneu?
Doce era antes, quando vivia a filha.
Mas não vive mais. Ela sempre trazia
os lábios à minha face, e esta cabeça
nos braços, nada é mais doce ao pai
velho que a filha. Maiores as vidas
de varões, mas menos doces afagos.
Levai-me o mais rápido para casa
e entregai às trevas! Aí consumirei

o velho corpo em jejum e morrerei.
Que me valerá tocar cinzas de filho?
Ó inelutável velhice, que ódio de ti!
Odeio os que buscam alongar a vida
dos mortais com poções e sortilégios,
desviando a rota para não morrerem
os que, quando inúteis à terra, devem
morrer, sumir e dar a vez aos jovens.

CORO:

Ió!
Aqui nos trazem as cinzas
dos finados filhos. Servas,
amparai a velha sem força!
Fraca por luto dos filhos
vivo há muito tempo
chorosa de muitas dores.
Que dor entre os mortais
descobririas maior
que ver mortos os filhos?

[QUINTO ESTÁSIMO (1123-1164)]

CRIANÇA:

Porto, porto [EST. 1]
ó mísera mãe, restos da pira do pai,
fardo não sem fardo por dores
ditas em suma todas as minhas.

CORO:

Iò, ió!
Filho, portas prantos
à mãe cara aos finados
e pouco vale pó por corpos
outrora formosos em Micenas.

CRIANÇA:

Sem filho, sem filho. [ANT. 1]
Eu mísero sem mísero pai
serei órfão em erma casa,
não nas mãos do pai genitor.

CORO:

Iò ió!
Onde a faina de meus filhos?

Onde a graça dos partos,
crias da mãe, insones fins dos olhos
e amáveis afagos das faces?

CRIANÇA:
Foram-se, não há mais, *oímoi,* pai! [EST. 2]
Foram-se.

CORO:
O céu já os tem
dissoltos na cinza do fogo,
alados alcançaram Hades.

CRIANÇA:
Pai, ouves os ais de teus filhos?
Munido de escudo ainda punirei
tua morte? Houvesse esse filho!

CRIANÇA:
Se Deus desse, viria ainda justiça [ANT. 2]
do pai.

CORO:
O mal não dorme mais?
Aiaî, que sorte! Muitos ais,
muitas dores tenho comigo.

CRIANÇA:
O brilho do Asopo ainda me acolherá,
chefe dos Danaidas em armas de bronze,
justiceiro do meu finado pai.

CRIANÇA:
Creio ainda te ver ante os olhos, pai. [EST. 3]

CORO:
Ao dar um beijo em tua face amada.

CRIANÇA:
A ordem de tuas palavras
se foi levada com o vento.

CORO:
Aos dois deixou dores, à mãe e a ti,
as dores do pai não te deixarão nunca.

CRIANÇA:
Tanto peso suporto que me matou. [ANT. 3]

CORO:
Traz! Porei as cinzas junto ao peito.

CRIANÇA:

Lastimei ouvir essa palavra
hórrida, tocou-me o espírito.
CORO:
Foste, filho! Não te verei mais,
adorno tão caro à tua cara mãe!

[ÊXODO (1165-1234)]

TESEU:
Ó Adrasto, ó mulheres nativas de Argos,
vede que os filhos amparam nos braços
cinzas dos bravos pais, que resgatamos!
Eu e a urbe lhes fazemos esse presente.
Vós, disto lembrados, deveis conservar
gratidão, visto que de mim conseguistes,
e sugerir aos filhos as mesmas palavras,
honrar esta urbe, passando de pai a filho
sempre a memória do que conseguistes.
Zeus e os Deuses do céu são testemunhas
do apreço de nossa parte, com que partis.
ADRASTO:
Teseu, reconhecemos o bem que fizeste
à terra argiva, necessitada de benfeitores,
e teremos gratidão imarcescível. Tratados
por vós com nobreza, devemos retribuir.
TESEU:
Em que mais ainda vos devo ser útil?
ADRASTO:
Adeus! Dignos sois tu e a urbe tua.
TESEU:
Assim será! Tenhas sorte também tu!
ATENA:
Ouve, Teseu, esta palavra de Atena,
o que deves fazer e ao fazer ser útil!
Não dês essas cinzas a esses jovens
para tão fácil levarem à terra argiva,
mas pelas fadigas tuas e desta urbe,
antes toma juramento. Assim deve
Adrasto jurar; por ser rei, ele pode
jurar por toda a terra dos Danaidas.
O juramento será que argivos nunca
oponham arma inimiga a esta terra,

e se outros opuserem, façam guerra.
Se trair o juramento e atacar a urbe,
impreca má ruína à terra dos argivos.
Ouve como deves sacrificar as reses!
Dentro de casa tens o tripé de bronze,
que Héracles pilhou da sede de Ílion
e ao partir para outra presteza, deu-te
a incumbência de apor à lareira pítia.
Corta nele as gargantas de três reses,
grava as juras no cavo bojo do tripé
e confia ao Deus que cuida de Delfos
memórias de juras e provas à Grécia!
A faca afiada, com que feres e matas
as reses, esconde-a no seio da terra
junto dessas piras dos sete mortos!
Mostrada a quem atacar esta urbe,
infundirá pavor e danoso retorno.
Feito isto, escolta fora os mortos!
Templos onde cremar seus corpos,
doa-os ao Deus no trívio do Istmo!
Assim te falei. Direi aos de Argos:
adultos pilhareis a urbe de Ismeno,
por justiça à morte dos pais mortos,
tu, Egialeu, o novo chefe no lugar
de teu pai, e o etólio filho de Tideu
que o pai deu o nome de Diomedes.
Não antes que sombreeis os queixos,
deveis ter brônzea tropa de Danaidas
contra a septiviária torre dos cadmeus.
Chegareis amargos a eles, crescidos
filhos de leão, devastadores da urbe.
Não há outro modo. Ditos "epígonos"
na Grécia fareis cantarem os pósteros,
tal expedição com Deus guiareis.

TESEU:

Rainha Atena, farei como tu dizes,
tu me diriges de modo a não errar.
Por juras o jungirei. Só tu me fazes
resistir reto; se quiseres bem à urbe,
viveremos doravante em segurança.

CORO:

Vamos, Adrasto! Façamos juramentos
a este varão e a esta urbe, defensores
nossos dignos de veneração!

ELECTRA

As personagens do drama:
Lavrador micênio
Electra
Orestes
Pílades — personagem muda
Coro
Ancião
Mensageiro
Clitemnestra
Dióscoros

ELECTRA DE EURÍPIDES

Drama representado entre 422-416 a.C.

[PRÓLOGO (1-166)]

LAVRADOR:
Ó antiga terra de Argos, águas de Ínaco,
donde outrora o rei Agamêmnon partindo
levou Ares em mil navios à terra troiana.
Matou Príamo, no poder em solo ilíaco,
capturou a ínclita cidadela de Dárdano,
e voltou a esta Argos, nos altos templos
depositou muitos despojos dos bárbaros.
Lá teve boa sorte, mas, em casa, porém,
morreu por dolo da mulher Clitemnestra
e pelo braço do filho de Tiestes, Egisto.
Ele, a transmitir antigo cetro de Tântalo,
pereceu, e Egisto é o soberano da terra
com a esposa dele, a filha de Tindáreo.
Quando foi a Troia, deixou no palácio
menino Orestes e menina Electra flor.

O velho preceptor do pai sequestrou
Orestes de morrer pela mão de Egisto,
e deu para Estrófio criar em terra fócia.
Electra permaneceu no palácio paterno.
Ao vir-lhe o flóreo tempo da juventude,
príncipes da terra grega pediam sua mão.
Temendo que a um dos reis desse filho
vingador de Agamêmnon, enclausurou-a
Egisto, e não a concedia a um noivo.
Quando estava cheio de muito pavor
de que às ocultas desse filho a nobre,
pensando em matá-la, ainda que fera,
sua mãe a salvou do braço de Egisto.
Para o marido morto ela tinha escusa,
mas temia o ódio por morte de filhos.
Por isso, Egisto deste modo tramou:
o Agamemnonida foi banido da terra,
Egisto propôs ouro a quem o matasse,
e a nós nos deu ter Electra por esposa.
Somos nascidos de pais micênios,
não há como nisso me desmentir,
ilustres pela origem, mas carentes
de posses, aí se perdeu a nobreza.
Ao débil deu para ter débil pavor.
Se um varão valoroso a obtivesse,
despertaria a morte de Agamêmnon,
adormecida, e justiça viria a Egisto.
Testemunhe Cípris que este nunca
ultrajou seu leito, ela ainda é virgem.
Não sendo condigno, tenho pudor
de pegar e ultrajar a filha de ricos.
Lamento o meu cunhado nominal,
o mísero Orestes, se, vindo a Argos,
vir as núpcias de má sorte da irmã.
Quem diz que sou um tolo, se tenho
uma jovem em casa e não a toco,
saiba que mede o sábio com más
regras de juízo e ele mesmo é tolo.

ELECTRA:

Ó Noite negra, nutriz de áureos astros,
quando, com esta bilha na cabeça,

tomo o caminho das fontes fluviais, 56
e pranteio o meu pai ao grande céu, 59
não por ter tanta carência, mas para 57
expor a soberba de Egisto aos Deuses.
A letal filha de Tindáreo, minha mãe, 60
baniu-me de casa, agradando o marido.
Ela gerou outros filhos com Egisto
e excluiu Orestes e a mim de casa.
LAVRADOR:
Por que me fazes o favor, ó mísera,
com fadigas, se tiveste boa criação, 65
e, dizendo-te eu isto, não te absténs?
ELECTRA:
Eu te julgo amigo igual aos Deuses,
em meus males não foste transgressor.
Grande sorte a mortais no infortúnio
é descobrir médico como tenho em ti. 70
Sem que se peça, devo aliviar fadiga,
tanto quanto posso, para te facilitar,
e compartilhar esforços. Tens muitas
fainas externas, e de casa devemos
cuidar bem. Ao lavrador, ao chegar 75
de fora, é doce encontrar dentro bem.
LAVRADOR:
Se assim te parece, vai. Não é longe
desta moradia a fonte. Eu com o dia
levo bois à lavoura e semeio as ruas.
Inativo ninguém com Deuses na boca 80
poderia colher os víveres sem esforço.
ORESTES:
Pílades, a ti primeiro dos homens te
considero fiel e amigo hóspede meu.
Único amigo, admiravas este Orestes
fazer o que fiz sob o terror de Egisto, 85
que matou meu pai, ele e a mãe letal.
Voltei, desde as cerimônias do Deus,
ao solo argivo, sem que isso se saiba,
para matar os matadores de meu pai.
Esta noite, em visita à tumba do pai, 90
pranteei e ofereci primícias de cabelo
e na pira imolei o sangue de cordeiro,

às ocultas dos poderosos desta terra.
Dentro dos muros, não ponho o pé,
compondo a luta em duas, eu voltei
aos limites desta terra, para sair a pé
em outra terra, se um vigia me visse,
e à procura da irmã (dizem que unida
em núpcias vive e não é mais solteira),
para conviver e com a sua cooperação
saber claro o que há dentro dos muros.
Agora que raia clara visão de aurora,
para fora desta senda mudemos o passo.
Algum lavrador ou alguma moradora
nos surgirá, a quem perguntaremos
se minha irmã habita estes lugares.
Mas vejo aqui uma servente com
o fardo d'água na cabeça raspada,
sentemo-nos e interroguemos
a servente, caso tenhamos notícias
do que nos traz a esta terra, Pílades.

ELECTRA:

Apressa, é hora, o passo do pé! *Ó!* [EST. 1]
Anda! Anda, pranteadora!
Ió moí moi!
Nasci de Agamêmnon,
a hostil filha de Tindáreo
Clitemnestra me gerou,
os cidadãos me chamam
mísera Electra.
Pheû pheû! Duros males,
horrenda vida!
Ó pai, tu, na casa de Hades,
jazes morto por tua esposa
e por Egisto, ó Agamêmnon!

Vai, desperta o mesmo ai! [MESODO 1]
Ergue o pranteado regalo!

Apressa, é hora, o passo do pé! *Ó!* [ANT.1]
Anda! Anda, pranteadora!
Ió moí moi!
Que urbe, que casa, ó
mísero irmão, pervagas,

deixando na casa paterna
a irmã chorosa
no pior infortúnio?
Venhas me livrar
mísera dos males,
ó Zeus, Zeus, por meu pai,
para punir a morte vil, aporte
em Argos o pervagante passo.

Retira da cabeça e depõe o pote [EST. 2]
para exclamar de modo correto
os ais noturnos ao pai,
clamor, canto, canção
de Hades, ó pai, por ti
sob a terra digo os ais com
os quais cada dia cada vez
faço-te libações, ferindo
a garganta com as unhas
e por tua morte batendo
a mão na cabeça raspada.

È é, lacera a cabeça! [MESODO 2]
Qual cisne cantor
nas águas do rio
chama por seu pai,
morto nas malhas
dolosas da rede, mísero
pai, eu te pranteio

a pele molhada no último banho [ANT. 2]
no leito de morte mais miserável.
Ió moi ió moi,
amargo talho de machado
contra ti, pai, amargo plano
na volta de Troia!
Não te recebeu a mulher
com mitras nem coroas,
mas com bigúmea faca
de Egisto fez lúgubre talho
e teve doloso esposo.

[PÁRODO (167-212)]

CORO:
Ó filha de Agamêmnon, Electra, [EST.]
vim à tua residência no campo.
Veio, veio um micênio, bebedor de leite,
caminhante da montanha;
e anuncia que os argivos proclamam
de hoje a três dias um sacrifício,
e todas as virgem irão junto a Hera.
ELECTRA:
Nem a festas, amigas,
nem a colares de ouro,
adeja-me o ânimo,
mísera, não farei coro
com as noivas argivas,
nem baterei o pé em círculo.
Pranteio à noite e cuido de prantos
miserável o dia todo.
Vê minha cabeleira suja
e fiapos estes em minhas vestes,
se convêm à princesa
filha de Agamêmnon
e à Troia que lembra
conquista de meu pai!
CORO:
Grande é a Deusa. Mas vem e aceita [ANT.]
de mim mantos bordados para vestir
e adornos de ouro das graças da festa!
Crês que com os teus prantos
sem honrar os Deuses vencerás
os inimigos? Não com gemidos,
mas com preces a venerar os Deuses
terás dias felizes, ó filha!
ELECTRA:
Nenhum Deus ouve o grito
da de mau Nume, nem ouve
os antigos sacrifícios do pai.
Oímoi do que pereceu
e do que vive errante,
que algures tem terra alheia
mísero a errar por lar servil,
nascido de ínclito pai!

Habito casa pobre
a consumir a vida
banida do palácio pátrio
nos cimos da montanha.
A mãe em núpcias cruentas
vive desposada por outro.

[PRIMEIRO EPISÓDIO (213-431)]

CORO:
Helena, a irmã de tua mãe, causou
muitos males a gregos e à tua casa.
ELECTRA:
Oímoi! Mulheres, cessei o pranto.
Forasteiros perto de casa no altar
em tocaia se erguem de emboscada.
Fujas tu pelo caminho! Eu correndo
para casa escaparei dos malfeitores.
ORESTES:
Espera, ó mísera! Não temas meu braço.
ELECTRA:
Ó Febo Apolo, suplico-te não morrer!
ORESTES:
Outros eu mataria mais odiosos que tu.
ELECTRA:
Vai-te! Não toques o que não deves tocar!
ORESTES:
Não há quem eu tocaria com mais justiça!
ELECTRA:
E por que rondas com faca minha casa?
ORESTES:
Espera e ouve! E logo não discordarás.
ELECTRA:
Paro, e sou toda tua, pois és mais forte.
ORESTES:
Venho a ti com as palavras de teu irmão.
ELECTRA:
Ó caríssimo, ele está vivo ou está morto?
ORESTES:
Vive. Primeiro quero te anunciar o bem.
ELECTRA:
Tenhas bom Nume em paga de doce fala.

ORESTES:
Concedo que nos seja comum de ambos.
ELECTRA:
Em que terra o mísero tem mísero exílio?
ORESTES:
Vai-se por não usar único uso de urbes.
ELECTRA:
Não lhe faltam os víveres de cada dia? 235
ORESTES:
Ele os tem, mas o exilado é sem força.
ELECTRA:
E com que palavra dele assim vieste?
ORESTES:
Se vives, e em que condições vives.
ELECTRA:
Não me vês primeiro o corpo seco?
ORESTES:
Consumido em mágoas de me dar dó. 240
ELECTRA:
E a cabeça e a trança à navalha à cita?
ORESTES:
Morde-te o irmão, e talvez o pai morto.
ELECTRA:
Oímoi! Que tenho mais caro que eles?
ORESTES:
Pheû pheû! E ao irmão mais do que tu?
ELECTRA:
Ausente ele, não presente nosso amigo. 245
ORESTES:
Por que habitas aqui longe da cidadela?
ELECTRA:
Casei-me, forasteiro, em núpcias letais.
ORESTES:
Lastimo, por teu irmão. Com micênio?
ELECTRA:
Não com quem o pai pensasse casar-me.
ORESTES:
Diz, para que eu saiba e diga a teu irmão. 250
ELECTRA:
Aqui nesta casa dele distante eu habito.
ORESTES:

Lavrador ou boiadeiro é digno da casa.
ELECTRA:
Um varão pobre nobre e, ante mim, pio.
ORESTES:
Que piedade a mais o teu esposo tem?
ELECTRA:
Ele não ousou nunca me tocar o leito.
ORESTES:
Por divina castidade ou desprezo a ti?
ELECTRA:
Não apreciava o ultraje aos meus pais.
ORESTES:
Por que não quis aceitar núpcias tais?
ELECTRA:
Não julga lícita a doação, ó forasteiro.
ORESTES:
Entendi. Teme pagar o justo a Orestes.
ELECTRA:
Por isso mesmo, e mais ainda, é casto.
ORESTES:
Pheû!
Falaste de nobre, que será bem tratado.
ELECTRA:
Se o agora ausente vier um dia à casa.
ORESTES:
Isso a mãe, a que te gerou, suportou?
ELECTRA:
As mulheres amam varões, não filhos.
ORESTES:
Por que Egisto te cometeu esse ultraje?
ELECTRA:
Queria que assim tivesse filhos fracos.
ORESTES:
Para que não tivesses filhos punitivos?
ELECTRA:
Assim quis. Pague-me o justo por isso!
ORESTES:
O marido da mãe sabe que és virgem?
ELECTRA:
Não sabe, furtamos-lhe isso em silêncio.
ORESTES:

Amigas estas te ouvem estas palavras?
ELECTRA:
A bem guardarem minhas e tuas falas.
ORESTES:
O que Orestes ante isso, ao vir a Argos?
ELECTRA:
Perguntas isso? Falas mal! Não é hora?
ORESTES:
Ao vir, como mataria matadores do pai?
ELECTRA:
Ousando como inimigos do pai ousaram.
ORESTES:
Terias tu e ele a ousadia de matar a mãe?
ELECTRA:
Com a mesma arma que o pai foi morto.
ORESTES:
Digo-lhe isso, e a firmeza de tua parte?
ELECTRA:
Morresse eu por imolar sangue da mãe!
ORESTES:
Pheû!
Se Orestes estivesse perto ouvindo isso!
ELECTRA:
Ó forasteiro, não reconheceria se o visse.
ORESTES:
Não admira. Dele novo te separaste nova.
ELECTRA:
Só um dos meus amigos o reconheceria.
ORESTES:
O que dizem tê-lo furtado da matança?
ELECTRA:
O antigo velho preceptor do nosso pai.
ORESTES:
O teu pai, ao morrer, recebeu sepultura?
ELECTRA:
Recebeu o que recebeu, banido de casa.
ORESTES:
Oímoi! Que dizes aí? Perceber dores,
ainda que alheias, lancina os mortais.
Diz, para que saiba e leve a teu irmão,
palavras sem alegria mas necessárias!

A compaixão não reside na ignorância,
mas nos sábios, e incólume não reside
nos sábios a sentença demasiado sábia.
CORO:
Tenho comigo o mesmo desejo que ele.
Estando longe da cidade, não conheço
males da urbe, mas agora quero saber.
ELECTRA:
Se devo dizer, e a amigos devo, diria
as graves sortes minhas e de meu pai.
Por moveres a fala, forasteiro, suplico,
anuncia a Orestes males meus e seus,
primeiro, com que mantos me abrigo,
que sujeira me oprime, e sob que teto
tenho domicílio, banida da casa real,
tecendo eu mesma os mantos no tear
ou estarei despida e ficarei sem nada
carregando eu mesma a água do rio.
Sem festas, falta em ritos e em coros,
não falo com mulheres, sendo virgem,
e envergonho Castor, que, antes de ir
aos Deuses, fez-me corte, sendo prima.
Minha mãe, entre os espólios frígios,
tem o trono; ante as sedes, asiáticas
servas se dispõem, cativas de meu pai,
a jungirem mantos ideus com áureos
broches. O sangue do pai sob o teto
ainda fenece, negro, e quem o matou
circula com a mesma viatura do pai,
e cetro, com que comanda os gregos,
ufana-se de ter mãos sujas do sangue.
Sem honras, a tumba de Agamêmnon
não teve libações nem ramo de mirto
jamais. Sua pira está erma de adornos.
Ébrio de vinho, marido de minha mãe,
o ínclito, como dizem, dança na tumba,
com pedra lapida a pétrea lousa do pai,
e tem a ousadia de nos dizer a palavra:
“Onde o filho Orestes? Bem te defende
“presente a tumba?” Ultraja o ausente.
Suplico-te, ó forasteiro, isso anuncia.

Muitos o saúdam, o intérprete sou eu,
os braços, a língua, o mísero espírito,
a minha cabeça raspada e o pai dele.
É vergonhoso, se o pai pilhou frígios,
mas ele a sós não puder matar um só,
sendo jovem e nascido do melhor pai.

CORO:

Eis que o avisto, digo o teu marido,
ao deixar o trabalho, ao ir para casa.

LAVRADOR:

Éa! Que forasteiros vejo nesta porta?
Por que ante estas portas campestres
vieram? À minha procura? À mulher,
é vergonhoso estar com varões jovens.

ELECTRA:

Ó caríssimo, não me venhas suspicaz,
saberás a razão, pois estes forasteiros
vieram a mim como arautos de Orestes.
Ó forasteiros, compreendei as palavras.

LAVRADOR:

Que dizem? Vive o varão, e vê a luz?

ELECTRA:

Vive no relato, e não sem fé me dizem.

LAVRADOR:

Ainda se lembra do pai e de teus males?

ELECTRA:

Com essa esperança, sem força no exílio.

LAVRADOR:

Vieram de Orestes com quais palavras?

ELECTRA:

Enviou-os para que vejam meus males.

LAVRADOR:

Alguns se vêem, outros talvez tu digas?

ELECTRA:

Sabem, não têm nenhum deles em falta.

LAVRADOR:

Não já lhes devia ter aberto a porta?
Entrai em casa. Pelas boas palavras,
tende o abrigo que minha casa oculta.
Servos, levai a bagagem para casa.
Não contradigais, vindos os amigos

ao amigo, pois ainda que seja pobre,
não mostrarei o hábito de má origem.
ORESTES:
Por Deuses, este é o varão que simula
núpcias, sem querer desonrar Orestes?
ELECTRA:
Ele se chama meu esposo na miséria.
ORESTES:
Pheû!
Não se pode ter clareza da honradez.
A natureza dos mortais é perturbada,
pois já vi um varão de um pai nobre
não ser nada, e de maus, bons filhos,
a inanição de espírito no varão rico,
e grande sentimento na gente pobre.
Como ao tomá-los distinguir certo?
Pela riqueza? Será usar mau critério.
Ou por não ter? Mas a penúria tem
mazela e carente ensina mal o varão.
Mas ao ir às armas? Ao ver a lança,
quem testemunharia que seja bravo?
Mais vale deixar isso solto a acaso.
Este varão não é grande dos argivos,
nem se ufana do renome de sua casa,
mas, gente do povo, viu-se o melhor.
Não delireis vós que passeais cheios
de opiniões vãs. Em visita a mortais,
distinguireis os nobres até nos hábitos?
Esses tais bem administram as urbes
e as casas, as carnes vazias de espírito
são as estátuas da praça, o braço forte
não aguarda a lança mais que o fraco,
isso reside na natureza e na valentia.
Digno é o presente e o não presente
filho de Agamêmnon, por que viemos,
aceitemos o pouso! Servos, devemos
entrar nesta casa. O pobre hospedeiro
seja-nos mais animado que opulento!
Louvo a recepção da casa deste varão
e quereria, se teu irmão por boa sorte
conduziu-me à moradia de boa sorte.

Talvez venha, pois são firmes oráculos
de Lóxias e demito mântica de mortais.
CORO:
Agora mais que antes alegres, Electra,
esquentamos o coração, pois talvez
com árduo avanço venha a boa sorte!
ELECTRA:
Mísero, ciente da penúria de tua casa,
por que recebeste estes nobres hóspedes?
LAVRADOR:
Por quê? Sendo nobres como parece,
não prezarão igual o pouco e o lauto?
ELECTRA:
Visto que erraste por estar com pouco,
vai ao antigo preceptor de meu caro pai,
que, à beira do rio Tânao, ao delimitar
os confins das terras espartana e argiva,
acompanha os rebanhos, banido da urbe.
Exorta-o a vir a esse que veio em casa
e a preparar-lhe refeição hospitaleira.
Ele se alegrará e fará prece aos Deuses
ao ouvir que vive o filho que já salvou.
Não da casa paterna, de junto da mãe,
teríamos algo, e seria amargo anúncio,
se a mísera soubesse que Orestes vive.
LAVRADOR:
Se assim pensas, direi essas palavras
ao velho. Vai para casa o mais rápido
e arruma a casa! Se quisesse, a mulher
inventaria para a ceia muitos produtos.
Há um tanto em casa ainda, no mínimo
de modo a fartá-los de pasto por um dia.
Quando cai em tais cismas o pensamento,
vejo como o dinheiro tem grande força
para servir o hóspede e salvar o doente
com os custos. Ao repasto de cada dia
o pouco basta, pois quando já saciado,
opulento e pobre, todo varão tem igual.

[PRIMEIRO ESTÁSIMO (432-486)]

CORO:

Ínclitas naus, que fostes a Troia, [EST. 1]
com os remos imensos,
seguindo coros de Nereidas,
onde o delfim amigo da flauta
salta circundando
proas de negro esporão,
levando o filho de Tétis,
leve salto dos pés, Aquiles,
com Agamêmnon às praias
do rio Simoente em Troia.

As Nereidas deixando alta Eubeia [ANT. 1]
levavam o escudo de áurea bigorna
lavrado por fadigas de Hefesto
ao Pélion e aos sagrados vales
da sombria Ossa,
mirantes das Ninfas,
moças buscadoras, onde o pai [Milton]
cavaleiro criou a luz da Grécia,
o filho de Tétis marinha,
o celerípede, para os Atridas.

Ouvi de alguém vindo de Troia [EST. 2]
ao porto de Náuplia,
ó filho de Tétis,
tais signos inscritos no círculo
de teu ínclito escudo
terríveis aos frígios:
Perseu na sede circular do orbe
com sandálias aladas sobre o mar
segura a cabeça cortada de Górgona,
com o correio de Zeus, Hermes,
o silvícola filho de Maia.

No meio do escudo brilha fúlgido [ANT. 2]
o círculo de Sol
com as éguas aladas
e celestes coros de astros,
Plêiades, Híades evitadas
dos olhos de Heitor.
No elmo feito de ouro
Esfinges com as encantadas caças
nas unhas. Nos flancos da couraça

a ígnea leoa apressa as garras
ao ver o potro de Pirene.

No gládio cruel quatro éguas galopam, [EPODO]
a negra poeira jorra às costas.
Tuas núpcias, ó malevolente,
mulher Tindárida, mataram
o rei de guerreiros tais.
Que os Deuses celestes
te enviem justa morte!
Ainda, ainda de tua goela verei
o sangue cruel vertido por ferro.

[SEGUNDO EPISÓDIO (487-698)]

ANCIÃO:
Onde a jovem senhora minha rainha
filha de Agamêmnon, ao qual criei?
Que íngreme é o acesso desta casa
para este velho decrépito pôr o pé!
Contudo, aos amigos, devo puxar
espinha dobrada e oscilante joelho.
Ó filha, diante de casa agora te vejo,
venho trazendo-te de meus rebanhos
este filhote novo, que separei da tropa,
grinaldas, queijos, que tirei das caixas,
e este grisalho tesouro de Dioniso cá
rico de aroma, lançar a pequena mas
doce taça dele na bebida mais fraca.
Vão levá-los aos hóspedes em casa!
Quero com este trapo de meu manto
enxugar as pupilas úmidas de pranto.
ELECTRA:
Ó ancião, por que tens aí úmido olhar?
Meus males no tempo lembram os teus?
Ou lastimas o exílio do mísero Orestes
e meu pai? Outrora o tiveste nos braços
e criaste sem proveito para ti e os teus.
ANCIÃO:
Sem proveito. Isso porém não suportei,
pois fui à tumba dele, perto do percurso,
e prostrado pranteei, ao ver a desolação,

e libações do odre trazido aos hóspedes
libei e cobri a tumba com ramos de mirto.
Na pira mesma, vi negra ovelha velosa
degolada e sangue vertido há não muito
e madeixas cortadas de loira cabeleira.
Admirei, ó filha, quem afinal ousou
ir à tumba, pois não é nenhum argivo;
mas talvez o teu irmão veio às ocultas,
veio e admirou a mísera tumba do pai.
Examina os cachos comparados aos teus,
se a cor será a mesma do cabelo cortado.
Os do mesmo sangue paterno tendem
a ter muitas semelhanças de nascença.
ELECTRA:
Ó velho, não falas digno de varão sábio,
se pensas que por temor de Egisto veio
oculto a esta terra meu intrépido irmão.
Depois, como conferir o cacho de cabelo,
o de nobre varão, crescido nos estádios,
e o feminino, penteado? Não é possível.
Em muitos verias madeixas semelhantes,
velho, e em não natos do mesmo sangue.
ANCIÃO:
Pisa tu no vestígio da bota e olha o passo,
se virá a ser simétrico com teu pé, ó filha!
ELECTRA:
Como haveria no chão rochoso da terra
as impressões dos pés? Se há pegadas,
não seriam iguais os pés de dois irmãos,
de varão e de mulher, mas dele é maior.
ANCIÃO:
Se o irmão ainda viesse à terra, não há
tecido de teu tear, que tu reconhecesses,
no qual outrora o escamoteei da morte?
ELECTRA:
Não sabes que, ao ser Orestes banido,
eu ainda era nova? Se é que teci vestes,
se ele era novo, como as vestiria hoje,
se as vestes não crescem com o corpo?
Ou um hóspede, por dó de sua tumba,
fez tonsura, ou por espiões nesta terra.

ANCIÃO:
Onde os forasteiros? Quero vê-los
e indagá-los a respeito do teu irmão.
ELECTRA:
Eles saem de casa com rápido passo.
ANCIÃO:
São nobres sim, mas isso é em falso,
muitos por serem nobres são maus.
Aos forasteiros todavia digo "salve!"
ORESTES:
Salve, ó ancião! De qual dos amigos,
Electra, é esta antiga relíquia viril?
ELECTRA:
Este instruiu o meu pai, ó forasteiro.
ORESTES:
Que dizes? O que ocultou teu irmão?
ELECTRA:
Este é o que o salvou, se ainda vive.
ORESTES:
Éa!
Por que me olha como se visse a marca
brilhante da prata? A que me compara?
ELECTRA:
Igual me apraz te ver coevo de Orestes.
ORESTES:
De meu chefe. Por que me circundas?
ELECTRA:
Também eu ao ver admiro, forasteiro.
ANCIÃO:
Senhora, filha Electra, ora aos Deuses!
ELECTRA:
Por algo ausente ou por algo presente?
ANCIÃO:
Ter o teu tesouro, que o Deus mostra.
ELECTRA:
Vê, invoco Deuses. Que dizes, velho?
ANCIÃO:
Olha, pois, para ele, o caríssimo, filha!
ELECTRA:
Há muito vejo. Não mais te sentes bem?
ANCIÃO:

Não me sinto bem por ver o teu irmão?
ELECTRA:
Que palavra inopinada dizes, ó ancião?
ANCIÃO:
Ver este Orestes filho de Agamêmnon.
ELECTRA:
Assim me persuado por ver que marca?
ANCIÃO:
A cicatriz na sobrancelha, ferida ao cair
ao acossar gamo contigo na casa do pai.
ELECTRA:
Que dizes? Vejo sim a prova da queda.
ANCIÃO:
Então vais abraçar os mais caros a ti?
ELECTRA:
Mas, ó velho, não mais, pois com sinais
teus persuadi o ânimo! Ó visto a tempo,
tenho-te sem esperar!
ORESTES:
E eu a ti, a tempo.
ELECTRA:
Já descrente.
ORESTES:
Nem mesmo eu esperei.
ELECTRA:
Ele és tu?
ORESTES:
Teu único aliado de guerra.
Se puder colher a rede que arremesso,
seria o salvador de males impossíveis. [Kovacs]
Confio, ou não devo mais ter Deuses,
se injustiças forem mais que a justiça.
CORO:
Vieste! Vieste! Ó dia tardio,
brilhaste, mostraste fulgente
archote à urbe, antes exilado
longe da casa paterna mísero
foi errante.
Deus, aliás, Deus guia
nossa vitória, ó amiga.
Ergue mãos, ergue voz, suplica

aos Deuses, por sorte, por sorte
teu irmão tomar posse da urbe!
ORESTES:
Seja! Nossos prazeres de abraços
guardo, a tempo daremos outros.
Tu, ancião, vieste oportuno, diz
como puniríamos matador do pai
e mãe cúmplice de ímpias núpcias?
Em Argos tenho amigos anuentes?
Ou fomos pilhados, assim a sorte?
Quem cooptar? À noite, ou de dia?
Que via voltar aos meus inimigos?
ANCIÃO:
Filho, na má sorte não tens amigo;
esta ocorrência se torna um achado,
compartilhar bem e mal em comum.
Tu aos amigos estás todo destruído
e sem esperança. Ouve-me e sabe:
tens em tua mão tudo e por sorte,
para teres paterna casa e urbe tua.
ORESTES:
Que fazer para conseguirmos isso?
ANCIÃO:
Matar o filho de Tiestes e tua mãe.
ORESTES:
Venho por essa láurea, mas como?
ANCIÃO:
Não dentro dos muros, se quisesses.
ORESTES:
Ele tem vigias e mãos de lanceiros?
ANCIÃO:
Sabes. Teme-te e claro não dorme.
ORESTES:
Seja! Propõe-nos o plano, ancião!
ANCIÃO:
Ouve-me, pois já me ocorreu algo!
ORESTES:
Mostres algo bom, possa eu saber!
ANCIÃO:
Vi Egisto, quando eu vinha para cá.
ORESTES:

Compreendi o relato. Em que lugar?
ANCIÃO:
Perto destes campos, nos estábulos.
ORESTES:
Que fazia? Vejo esperança no impasse.
ANCIÃO:
Pareceu-me que festejava as Ninfas.
ELECTRA:
Criação de filhos ou próximo parto?
ANCIÃO:
Não sei senão que ele imolaria boi.
ORESTES:
Com quantos varões? Ou só servos?
ANCIÃO:
Nenhum era argivo, mas mão servil.
ORESTES:
Há quem me reconheça se vir, velho?
ANCIÃO:
São servos que não te viram jamais.
ORESTES:
Seriam benevolentes, se vencermos?
ANCIÃO:
Isso é próprio de servos, e útil a ti.
ORESTES:
Como afinal me aproximaria dele?
ANCIÃO:
Indo onde ele te verá ao imolar rês.
ORESTES:
Os campos, creio, ladeiam esta via.
ANCIÃO:
Aí ao te ver convidará para a festa.
ORESTES:
Pungente conviva, se Deus quiser!
ANCIÃO:
Depois tu mesmo vês o que se dá.
ORESTES:
Falaste bem, mas a mãe, onde está?
ANCIÃO:
Em Argos, mas virá à festa do marido.
ORESTES:
Por que a mãe não veio com o marido?

ANCIÃO:
Por temer a voz do povo, atrasou-se.
ORESTES:
Entendo; sabe que é suspeita na urbe.
ANCIÃO:
Assim é, pois odeia-se mulher ímpia.
ORESTES:
Como? Matarei juntos uma e outro?
ELECTRA:
Eu mesma proverei a morte da mãe.
ORESTES:
E quanto àquilo, a sorte fará bem.
ANCIÃO:
Esteja este a serviço de ambos nós.
ORESTES:
Assim será. Vês que morte da mãe?
ELECTRA:
Ancião, vai e diz a Clitemnestra isto!
Anuncia meu parto ser de filho varão!
ANCIÃO:
Há muito tempo, ou há pouco tempo?
ELECTRA:
Há dez sóis, nos quais o parto é puro.
ANCIÃO:
E por que é que isso dá morte à mãe?
ELECTRA:
Virá ao ouvir que convalesço do parto.
ANCIÃO:
Como? Crês que ela pense em ti, filha?
ELECTRA:
Sim! E chorará a condição de meu filho.
ANCIÃO:
Talvez. Vai ao termo do que me dizes!
ELECTRA:
É claro que, vindo, ela decerto morre.
ANCIÃO:
Por certo, virá às portas de tua casa.
ELECTRA:
Não é a volta leve para as de Hades?
ANCIÃO:
Ah, se eu morresse tendo visto isso!

ELECTRA:
Primeiro, mostra-lhe o caminho, velho!
ANCIÃO:
Onde agora Egisto imola aos Deuses?
ELECTRA:
Depois, vai e diz à mãe o que eu disse!
ANCIÃO:
Parecendo a mesma palavra de tua boca.
ELECTRA:
Já é tua missão! Coube-te matar antes.
ORESTES:
Iria, se tivesse um guia do caminho.
ANCIÃO:
Eu decerto o escoltaria sem coerção.
ORESTES:
Ó Zeus pátrio e eversor de inimigos!
ELECTRA:
Condói-te de nós, sofremos misérias!
ANCIÃO:
Condói-te dos filhos nascidos de ti!
ORESTES:
Ó Hera, rainha dos altares micênios!
ELECTRA:
Dá-nos vitória, se te pedimos justiça!
ANCIÃO:
Dá-lhes justiça defensora de seu pai!
ORESTES:
Tu, pai, por ilícito na casa dos ínferos...
ELECTRA:
... e rainha Terra, a quem dou as mãos...
ANCIÃO:
... defende, defende os caríssimos filhos!
ORESTES:
Vem agora, e todos os mortos aliados...
ELECTRA:
... que contigo venceram frígios com lança
ANCIÃO:
... e que têm horror a ilícitos poluidores!
ORESTES:
Ouviste, ó maltratado por minha mãe?
ANCIÃO:

Sim, tudo isso o pai ouve. É hora de ir.

ELECTRA:

Sim, tudo; diante disso deves ser varão,
e diante disso te predigo Egisto morto,
como, se sucumbido cais a queda letal,
também estou morta, não me digas viva,
golpearei o coração com bigúmea faca,
entrarei em casa e lá farei o disponível;
como, se vier notícia tua de boa sorte,
ressoarei toda a casa, mas se morreres
será ao contrário disso. Isso eu te digo.
Vós, mulheres, bem claro assinalai-me
com gritos esse combate, e aguardarei
mantendo em minha mão arma pronta.
Nunca, se vencida por meus inimigos,
suportarei a retaliação de ser ultrajada.

[SEGUNDO ESTÁSIMO (699-746)]

CORO:

Sob a mãe alma dos montes [EST. 1]
micênios outrora — o rumor
mora em palavras grisalhas —
Pan soprando nos caniços
bem combinados dulcíssona
Musa ao cuidar dos campos
traz áureo anho de belo velo.
Na plataforma de pedra
o arauto de pé proclama:
"Vinde à ágora, à ágora,
"ó micênios, vinde ver
"com os reis venturosos
"as visões formidáveis."
Honram coros a Casa dos Atridas.

Altares de ouro se abrem [ANT. 1]
e resplendece pela cidade
o fogo nas aras dos argivos.
A flauta servente de Musas
ressoa os belíssimos sons.
As danças crescem amáveis
em louvor do áureo anho

de Tiestes. Em secreto leito
persuadiu a esposa legítima
de Atreu e levou para casa
o portento e proclama
perante a assembleia
que conserva em casa
o cornígero cordeiro de áureo velo.

Naquele dia, naquele dia, [EST. 2]
Zeus mudou as luzentes sendas
dos Astros e o fulgor do Sol
e o radioso rosto de Aurora,
e impele para o tardio dorso
com flama ardente de ígneo Deus
as nuvens chuvosas para a Ursa,
e os secos domínios de Ámon
mínguam sem ter orvalho,
por falta de belas chuvas de Zeus.

Isso assim se conta, mas [ANT. 2]
tem pouco crédito comigo
que o Sol de áurea visão
revolte a ardente morada
com má sorte de mortal
por justiça de mortal.
Palavras terríveis aos mortais,
boas ao culto dos Deuses;
delas imêmore, matas
o marido, irmã de célebres irmãos.

[TERCEIRO EPISÓDIO (747-858)]

CORO:
Éa éa!
Amigas, ouvistes grito, ou falsa ilusão
me veio qual subtérreo trovão de Zeus?
Vê, não sem sinais os ventos se erguem.
Rainha, volta defronte da casa, Electra!
ELECTRA:
Amigas, que é? Como foi a nossa luta?
CORO:
Só sei que ouvi um gemido de morte.
ELECTRA:

Também ouvi, longínquo no entanto.
CORO:
Avança de longe a voz, clara porém.
ELECTRA:
Gemido argivo, ou de meus amigos?
CORO:
Não sei, todo som de grito se mistura.
ELECTRA:
Dizes-me morte. Por que retardamos?
CORO:
Espera! Saibas claro qual é tua sorte!
ELECTRA:
Não é. Perdemos. Onde o mensageiro?
CORO:
Mensageiro virá. Matar rei não é pouco.
MENSAGEIRO:
Ó moças de bela vitória micênias, a todos
os nossos anuncio que Orestes venceu
e o matador de Agamêmnon jaz no chão,
Egisto. É necessário orarmos aos Deuses.
ELECTRA:
Quem és tu? Como confiar no que dizes?
MENSAGEIRO:
Não sabes me ver o servo de teu irmão?
ELECTRA:
Ó caríssimo, de medo tornou-se difícil
reconhecer o rosto, mas já reconheço.
Que dizes? Morto quem matou meu pai?
MENSAGEIRO:
Está morto, repito para ti o que pedes.
ELECTRA:
Ó Deuses, e Justiça onividente, vieste!
De que modo e por que meios mortais
matou o filho de Tiestes? Quero saber.
MENSAGEIRO:
Ao afastarmos o passo fora desta casa,
entramos numa dúplice via carroçável,
onde estava o recente rei dos micênios.
Encontrava-se ele nos jardins irrigados
colhendo coroa trançada de tenro mirto.
Ao ver, fala: “Salve, hóspedes! Quem

“sois? Donde viestes? De que terra sois?”
Disse Orestes: “Tessálios, ao rio Alfeu
“vamos para o sacrifício a Zeus Olímpio.”
Ao ouvir isso, Egisto dá estas ordens:
“Hoje é necessário participar conosco
“da festa, por sorte fazemos imolação
“às Ninfas. À Aurora levantai do leito
“e chegareis lá. Mas entremos em casa!”
— Assim falou e pegou-nos pela mão
e conduziu: — “Não deveis dizer não”.
Ao entrarmos em casa, dá estas ordens:
“Depressa, trazei ablução aos hóspedes,
“que vão ao altar perto das lustrações.”
Mas disse Orestes: “Há pouco fizemos
“ablução purificante nas águas do rio.
“Se é necessário forasteiros participar,
“rei Egisto, prontos, não dizemos não.”
Proferiram essas palavras entre eles.
Depuseram lanças, proteção do dono,
os servos e deram todos mãos à obra.
Uns levavam a vítima, outros, cestos,
outros acendiam o fogo e nos braseiros
erguiam caldeirões, toda a casa ressoava.
Pegou as primícias o esposo de tua mãe
e espalhou-as no altar, a exortar assim:
“Ninfas das pedras, sempre imolemos
“eu e minha esposa Tindárida, em casa,
“bem, como agora; os inimigos, mal!”
Ele visava Orestes e a ti. Meu patrão
sem emitir som suplicava ao contrário
ter a casa paterna. Egisto tirou do cesto
o reto cutelo, cortou pelos da novilha
e pôs no fogo sagrado com a destra,
feriu a novilha, erguida aos ombros
por servos, e assim diz a teu irmão:
“Entre os bens os tessálios contam
“ser hábil na arte de trinchar touro
“e domar cavalo. Pega ferro, hóspede,
“e demonstra essa fama dos tessálios!”
Ele pegou bem forjada faca dórica,
tirou dos ombros magnífico manto,

escolheu Pílades auxiliar no ofício,
afasta servos, pega pelo pé a novilha,
despe alvas carnes, esticando o braço,
e esfolou mais veloz que o cavaleiro
percorre o duplo percurso a cavalo,
e abriu os flancos. Egisto examinou
as vísceras nas mãos. O lóbulo do fígado
não havia e perto vasos e vesícula biliar
davam maus sinais a quem examinava.
Ele entristece, e o meu patrão pergunta:
"Por que desanimas?" — "Hóspede, temo
"dolo externo. É o mais odioso mortal
"filho de Agamêmnon hostil à minha casa."
O outro disse: "Temes dolo de exilado
"tu o rei da urbe? Para fruirmos a festa,
"não nos trarão faca de romper o peito
"ftíada em vez de dórica? Pega e corta!"
Egisto pegando as entranhas examinava
dividindo. Quando ele abaixou a cabeça,
o teu irmão se ergue na ponta dos pés,
e golpeia vértebras e quebra a espinha
dorsal, e o corpo todo em convulsão
vibrava, estertorava em difícil morte.
Ao virem, os servos saltam às armas,
muitos em luta com dois. Corajosos,
resistem de frente brandindo as facas
Orestes e Pílades. E disse: "Não venho
"hostil a esta urbe nem a meus servos,
"e por minha vez puni a morte do pai,
"mísero Orestes. Mas não me mateis,
"velhos servos do pai!" Eles ouvindo
retiveram as lanças, e foi reconhecido
por um ancião, velho servente da casa.
Logo coroaram a cabeça de teu irmão,
jubilosos, com alaridos. Ele vem a ti,
para mostrar, não a cabeça de Górgona,
mas de Egisto odiado. Sangue por sangue,
amarga veio a conta a esse agora morto.

[TERCEIRO ESTÁSIMO (859-879)]

CORO:

Amiga, põe o pé no coro qual corça no céu [EST.]
salta levitando com esplendor!
Mais coroado que os do rio Alfeu vence
teu irmão, que fez. Mas canta o canto
da bela vitória com o meu coro!

ELECTRA:
Ó luz, ó esplêndida quadriga do Sol,
ó Terra e Noite que antes contemplei,
agora meu olhar e despertar são livres,
quando jaz Egisto que matou meu pai.
Bem! Levemos os adornos de cabelos
que tenho e minha casa oculta, amigas!
Coroarei a cabeça do irmão vitorioso.

CORO:
Ergue o adorno da cabeça! O nosso [ANT.]
coro caro às Musas dançará.
Agora antigos reis de nossa terra serão
nossos reis justos, mortos os injustos.
Que seja o grito uníssono à alegria!

[QUARTO EPISÓDIO (880-1146)]

ELECTRA:
Ó Orestes de bela vitória nascido
de pai vitorioso na batalha de Ílion,
aceita coroa nos cachos de teus cabelos!
Não vens à casa ao correr inútil prova
de seis pletros, mas ao matar o inimigo
Egisto, que eliminou o teu e meu pai.
E tu, escudeiro, educado por piedoso
varão, Pílades, toma de minhas mãos
a coroa! Tens participação igual à dele
na prova. Seja sempre boa vossa sorte!

ORESTES:
Electra, considera primeiro os Deuses,
condutores da sorte, depois, louva-me,
a mim, servente dos Deuses e da sorte!
Venho, matei Egisto não com palavras,
mas com atos. Para que acrescentemos
claro saber ao fato, transporto o morto.
Se queres, expõe-no à rapina de feras

ou à pilhagem de aves filhas do céu!
Fixa e apoia na estaca, pois antes dito
senhor da casa, agora está submetido!
ELECTRA:
Tenho pudor, todavia quero dizer.
ORESTES:
O quê? Diz! Estás fora de perigo!
ELECTRA:
Ultrajar mortos, não me neguem!
ORESTES:
Ninguém há que te repreendesse.
ELECTRA:
Nosso implacável censor é a urbe.
ORESTES:
Diz se queres algo, irmã! Com leis
sem tréguas a ele reservamos ódio.
ELECTRA:
Seja! Qual dos males digo primeiro?
Qual, por fim? O que porei no meio?
Deveras nas alvoradas nunca cessei
de repetir o que te queria dizer diante,
se me tornasse livre de antigo temor.
Agora estamos livres, e devolverei
os males que eu queria dizer-te vivo.
Mataste e fizeste órfãos de nosso pai
a mim e a ele, sem ter tido injustiça;
por vis núpcias da mãe, mataste varão
chefe de tropa grego sem ir aos frígios.
Tanta foi tua ignorância que esperaste
não ter má para ti a mãe desposada,
injusto com as núpcias de meu pai.
Sabe que quem seduz esposa alheia
obrigado a tê-la em núpcias secretas
está mal se crê que ela não soube lá
ser prudente mas que com ele saiba.
Vivias péssimo, sem crer viver mal.
Sabias que tuas núpcias eram ilícitas
e a mãe sabia ser ímpio seu marido.
Ambos vis, assumistes vossa sorte,
ela, à tua vileza, e tu, à sua vileza.
Entre todos os argivos, ouvias isto:

"o da mulher", não "a do marido".
Mas eis o vexame, presidir a casa
a mulher, não o marido. Abomino
os filhos que se na urbe nomeiam
não por nome do pai mas da mãe.
Se desposada insigne e mais forte,
não se diz o varão, mas a mulher.
O teu maior engano irreconhecido:
presumias ser por força de posses
que nada são sem longo convívio.
A índole é constante, não as posses,
a sempre resistente vence os males.
A riqueza injusta e sócia de sinistros
voa de casa, florescida breve tempo.
Quanto a mulheres calo, não convém
moça falar, mas meu enigma se sabe.
Excedias, porque tinhas a casa real
e pela beleza, mas seja meu marido
não com cara de moça, mas viril,
e os seus filhos são afeitos a Ares,
mas os vistosos, só adorno de coro!
Vai-te sem saber que pego a tempo
deste justiça! Quem é tão maléfico,
se primeiro correu bem, não creia
que vence Justiça, antes de atingir
o termo da pista e de findar a vida!

CORO:

Tratou mal e permutou mal contigo
e com este. Justiça tem grande força.

ELECTRA:

Seja! Urge recolher seu corpo em casa
e dá-lo às trevas, servos! Quando vier,
a mãe não o veja morto antes da degola!

ORESTES:

Espera! Tratemos de outro assunto.

ELECTRA:

Qual? Vês os reforços de Micenas?

ORESTES:

Não, mas a genitora que me gerou.

ELECTRA:

Ora, vai bem para o meio da rede

e brilha pela viatura e pelas vestes.
ORESTES:
O que faremos? Mataremos a mãe?
ELECTRA:
Dó te toma ao vires o vulto da mãe?
ORESTES:
Pheû!
Como matar a que me criou e gerou?
ELECTRA:
Tal como ela matou o teu e meu pai.
ORESTES:
Ó Febo, muita insciência vaticinaste!
ELECTRA:
Onde Apolo é sinistro, quem é sábio?
ORESTES:
Disseste-me matar mãe que não devia.
ELECTRA:
O que te impede de vingar o teu pai?
ORESTES:
Matricida serei foragido, antes puro.
ELECTRA:
Se não defenderes o pai, serás ímpio.
ORESTES:
Eu sei. Não pagarei a morte da mãe?
ELECTRA:
E se descuidas da vindicta paterna?
ORESTES:
Ilatente o disse em figura de Deus?
ELECTRA:
Sentado no sacro tripé? Não creio!
ORESTES:
Não confiaria ter dito bom oráculo.
ELECTRA:
Não caias envilecido em covardia,
mas vai preparar-lhe o mesmo dolo
que pegou e matou o marido Egisto!
ORESTES:
Irei. Principio o terrível preâmbulo
e terrível farei. Se aos Deuses apraz,
seja! Árdua, não doce, a minha luta.
CORO:

Ió!
Rainha mulher da terra argiva,
filha de Tindáreo,
irmã de ambos os dois bons filhos
de Zeus, que entre astros habitam
o fúlgido céu e nas vagas do mar
têm honras salvadoras de mortais.
Salve! Venero-te igual às Deusas
pela riqueza e por ter bom Nume.
É hora de honrar
tua sorte, ó rainha!

CLITEMNESTRA:
Descei do carro, troianas! A mão
tomai, para eu sair desta viatura!
Os templos dos Deuses têm espólios
frígios, mas eu estas seletas troianas
obtive em vez da filha, que perdi,
parco prêmio, mas belo para a casa.

ELECTRA:
Ó mãe, ainda que eu servente banida
da casa do pai tenha casa de má sorte,
não devo tomar a tua venturosa mão?

CLITEMNESTRA:
Disponho das servas; não te canses!

ELECTRA:
Por quê? Tiraste-me cativa de casa,
e vencida a casa, fomos vencidas,
como essas, ficamos órfãs de pai.

CLITEMNESTRA:
Tais desígnios, todavia, teu pai teve
contra quem dos seus menos devia.
Direi. Quando mau renome alcança
mulher, há na língua um amargor.
Assim conosco não menos. Vede
a questão, e se merecer vosso ódio,
odiai com justiça; se não, por quê?
Tindáreo nos concedeu ao teu pai
não para morrer, nem meus filhos.
Persuadiu que casaria minha filha
com Aquiles e de casa a conduziu
à portuária Áulida, onde pôs sobre

pira e ceifou a alva face de Ifigênia.
Se para repelir a destruição da urbe,
ou servir à casa e salvar outros filhos,
por muitos matasse um, teria escusa.
Mas porque Helena era sim devassa
e o marido não soube punir traição,
por causa disso, matou minha filha.
Nisso, ainda que sofrendo injustiça,
não enfureci, nem mataria o marido.
Mas veio com moça louca de Deus
e levou ao leito, e as duas esposas
ele mantinha na mesma casa junto.
Tontas são as mulheres, não nego.
Suposto isso, quando o marido erra
por desdém ao leito, a mulher tende
a imitar ao varão e obter outro seu.
Reprovação depois brilha sobre nós,
essa culpa não compromete os varões.
Se de casa levassem Menelau velado,
eu deveria matar Orestes, para salvar
Menelau, marido da irmã? E teu pai
suportaria isso? Não deveria morrer
ele por matar os meus, e dele sofrer
eu não menos, se lhe matasse filhos?
Matei, voltei-me aos seus inimigos,
como era viável. Quem dos amigos
conviria comigo na morte de teu pai?
Fala, se quiseres, e livre contradiz
se teu pai não foi morto com justiça.

CORO:

Falaste com justiça, e a justiça é vil.
A mulher deve ceder ao marido sempre,
a prudente, mas a que assim não pensa
não vem ao número de minhas contas.

ELECTRA:

Lembra-te, mãe, das últimas palavras
tuas, ao conceder-me livre lhe falar.

CLITEMNESTRA:

Agora ainda o digo e não nego, filha.

ELECTRA:

Se ouvisses, mãe, depois farias mal?

CLITEMNESTRA:
Não, nunca! Serei mais doce contigo.
ELECTRA:
Eu diria, eis o princípio do proêmio,
tivesses, mãe, melhores sentimentos!
Pela forma sois dignas de ouvir loas
Helena e tu, mas sois ambas as irmãs
duas frívolas e não dignas de Castor.
Ela raptada de bom grado sucumbiu,
e tu mataste o melhor varão da Grécia,
alegando a defesa da filha, destruíste
o marido. Não bem te sabem qual eu.
Antes de sancionada a morte da filha,
quando recente a partida do marido,
trançavas ao espelho o loiro cabelo.
Se, ausente o varão, a mulher se faz
bela fora de casa, cancela que é má!
Ela não deve nunca mostrar à porta
belo rosto, se não busca algum mal.
Eu sei que só tu, de todas as gregas,
te alegrarias, se troianos fossem bem,
nublarias a vista, se fossem vencidos,
não querias que o rei viesse de Troia.
Mas tiveste ocasião de ser prudente:
tinhas marido, não inferior a Egisto,
eleito por Grécia o chefe das tropas;
porque Helena irmã teve tal fim,
poderias ter grande glória, maus
exemplos dão evidência aos bons.
Se, como dizes, o pai matou a filha,
que injustiça te fiz eu e meu irmão?
Se o mataste, por que não nos deste
a casa paterna, mas dotaste o leito
com bens alheios comprando núpcias?
Teu marido não foi banido em vez
do filho, nem morto por mim, mas
ele viva me matou dúplice da irmã.
Se for justo morte por morte, mato-te
eu e Orestes, filho vingador do pai.
Se aquilo é justo, isto também o é.
Quem, por ver a riqueza e a nobreza,

desposa mulher má, é tonto. Melhor
pobre e casto leito em casa que rico.
CORO:
Sorte, núpcias de mulheres. Ora bem,
ora mal, vejo cair a sorte dos mortais.
CLITEMNESTRA:
Ó filha, tu és sempre amor por teu pai.
Ainda vige que uns são em prol do pai,
outros tendem às mães mais que ao pai.
Quero compreender-te. Filha, não tenho
tanta alegria com o que me aconteceu.
Oímoi! Que sofro por meus desígnios,
por ira maior do que devia ao marido!
ELECTRA:
Lastimas tarde, quando não há remédio.
O pai está morto, e foragido da terra
por que não acolhes teu filho errante?
CLITEMNESTRA:
Tenho medo e penso em mim, não nele,
irado, como dizem, com a morte do pai.
ELECTRA:
Por que o teu marido é rude conosco?
CLITEMNESTRA:
Tais os modos, também foste ríspida.
ELECTRA:
Sofro dores, mas cessarei a minha ira.
CLITEMNESTRA:
Ele também não será opressivo a ti.
ELECTRA:
É soberbo de morar em minha casa.
CLITEMNESTRA:
Vês? Outra vez reatiças novas rixas.
ELECTRA:
Calo, tenho medo dele, como tenho!
CLITEMNESTRA:
Basta! Por que me chamaste, filha?
ELECTRA:
Ouviste, creio, falar do meu parto.
Sacrifica por mim, pois isso ignoro,
na décima lua da criança, como sói,
pois sou inexperiente de filho antes!

CLITEMNESTRA:
Isso é função da que fez o teu parto.
ELECTRA:
A sós partejei e dei à luz a criança.
CLITEMNESTRA:
A casa está tão isolada de amigos? 1130
ELECTRA:
Ninguém quer pobres por amigos. 1131
CLITEMNESTRA:
Tão sem banho e malvestida, tu, 1107
parturiente saída de recente parto? 1108
Mas irei, e dado o dia da criança, 1132
sagrarei aos Deuses. Feita a graça,
irei ao campo onde o marido imola
às Ninfas. Servos, levai este carro 1135
à cocheira, e quando vos parecer
ter concluído sagração aos Deuses,
vinde! Devo agradar ainda o marido.
ELECTRA:
Entra na pobre casa! Toma cuidado,
não manche o manto o fumoso teto! 1140
Farás a sagração que deves a Numes.
Pronta está a cesta, aguçada a espada,
que matou o touro, perto dele cairás
golpeada, na casa de Hades noivarás
com quem te uniste à luz. Eu te darei 1145
tal graça, e tu, a mim, a justiça do pai.

[QUARTO ESTÁSIMO (1147-1232)]

CORO:
Alternados males, mudadas auras [EST. 1]
sopram de casa. Outrora no banho
caiu o meu — meu — comandante,
e ecoou o teto e pétreos frisos 1150
da casa, ao dizer: “Ó mísera
“mulher, por que me matas,
“vindo à minha terra pátria
“na décima semeadura?”
<.....
.....>

Réflua Justiça do leito desfeito [ANT. 1]
conduz consigo a que, vindo
tardio mísero marido à casa
e muros ciclópicos e celestes,
matou-o com o aguçado gume
do machado nas mãos. Ó
mísero marido, que afinal
obteve por mal a mísera.
Rondando qual leoa montesa
esteios das cercanias, ela agiu.

CLITEMNESTRA (dentro):
Filhos, por Deuses, não mateis a mãe!
CORO:
Ouves um clamor sob o teto?
CLITEMNESTRA:
Ió moí moi!
CORO:
Também a chorei, morta por filhos.
Deus distribui justiça com a sorte.
Sofreste misérias, infligiste ilícitos
ao marido, mísera!

Sujos do sangue recente da mãe,
estes dão passos para fora de casa.
Troféus, mostras de míseras vítimas!
Não há nem houve casa mais mísera
que a de Tântalo e sua descendência!
ORESTES:
Ió! Terra e Zeus onisciente dos mortais, [EST. 1]
vede estes feitos sanguinários horrendos,
dobres corpos jazem no chão golpeados
por meu braço, ressarcimento dos meus
sofrimentos. <.....
.....>
ELECTRA:
Muito pranteias, irmão! Sou a causa,
mísera fui em fúria contra esta mãe
de quem sou filha!
CORO:
Ió, sorte! Tua sorte,
ó mãe que geraste

ilatentes males e a mais
sofreste dos teus filhos!
Com justiça pagaste a morte do pai.

ORESTES:
Ió! Febo, cantaste justiça [ANT. 1]
invisível, fizeste visíveis
dores, e concedeste sortes
cruéis da terra grega.
A que outra urbe ir?
Que hospedeiro, quem
pio olhará meu rosto
de matador da mãe?

ELECTRA:
Ió ió moi! Aonde, a que coro,
a que núpcias irei? Que marido
no leito nupcial me receberá?

CORO:
Mais uma vez teu pensamento
mudou-se ao sopro do vento,
agora pensas o lícito, antes não
pensavas, e fizeste algo terrível,
amiga, a teu irmão discordante.

ORESTES:
Viste como das vestes se despiu [EST. 2]
a mísera e mostrou seio à morte?
Ió moi! No campo ela se tornou
corpo materno e confundi-me!

CORO:
Bem sei, tiveste dores
ouvindo choroso gemido
da mãe que te gerou.

ORESTES:
Clamou com a mão em meu [ANT. 2]
queixo: "filho meu, suplico"
e suspendeu-se de meu rosto
de modo a mão soltar a faca.

CORO:
Mísera! Como suportaste
ver com teus olhos a morte
de tua mãe estertorante?

ORESTES:
Cobri com o manto minhas [EST. 3]
pupilas e consagrei a espada
lançando ao pescoço da mãe.
ELECTRA:
Exortei-te e junto contigo
desferi a faca. Cometi 1225
a mais terrível calamidade.

CORO:
Pega! Cobre o corpo da mãe [ANT. 3]
com mantos! Compõe lesões!
Ora, geraste os teus matadores!
ELECTRA:
Olha! Amigas e inimigas 1230
envolvemos neste manto,
termo de grandes males em casa.

[ÊXODO (1233-1358)]

CORO:
Mas eis acima dos cimos da casa
alguns Numes ou Deuses andam
celestes, pois este caminho não é 1235
de mortais. Por que estes afinal
vêm à vista manifesta a mortais?
DIÓSCORO:
Filho de Agamêmnon, ouve! Chamam-te
os gêmeos irmãos da mãe Dióscoros,
Castor, e este é o irmão Polideuces. 1240
O terrível aos navios tremor do mar
cessamos e viemos a Argos ao virmos
a imolação de nossa irmã e tua mãe.
Ela tem justiça, não és tu quem age,
Febo sim, Febo, mas ele é o rei meu, 1245
calo, ele sábio não te vaticinou sábio.
É coercivo anuir a isso, é necessário
ser o que Parte e Zeus te validaram.
Dá Electra a Pílades em casamento,
tu, deixa Argos, pois não podes ter 1250
esta urbe sendo matador de tua mãe.
Terríveis Cisões, as Deusas caninas,

rodopiarão enlouquecido andarilho.
Vai à santa estátua de Palas Atena
e suplica, pois afastará terrificadas
por terríveis serpes, sem te tocarem,
cercando-te com o círculo gorgôneo.
Na Pedra de Ares Deuses primeiro
sentaram-se e votaram sobre sangue,
quando Ares cruel matou Halirrótio,
o filho do rei marinho, por ira das
ilícitas núpcias da filha, onde mais
santa e firme vige a lei da votação.
Aí deves também correr da morte.
Sendo iguais te salvarão da morte
os votos dados, Lóxias assumirá
a causa por ter dito morte da mãe.
E no porvir esta lei estará vigente,
réu com votos iguais sempre vence.
Terríveis Deusas golpeadas de dor
terão fenda na terra perto da pedra,
venerável oráculo de mortais pios.
Tu em urbe de árcades no rio Alfeu
deves viver junto ao horto de Liceu
e de nome teu a urbe será chamada.
Assim te disse. Cidadãos de Argos
darão sepultura ao corpo de Egisto.
Menelau e Helena, já em Náuplia
agora que capturou a terra troiana,
darão à tua mãe. Da casa de Proteu
desde o Egito vem, não foi à Frígia.
Zeus, para a rixa e morte de mortais,
enviou a imagem de Helena a Ílion.
Que Pílades, com a moça e esposa,
retorne da terra aqueia para casa,
e conduza o assim dito cunhado
à terra fócia, e dê funda riqueza.
Tu, passando pela terra do istmo,
vai à numinosa pedra de Cécrops.
Cumprida a parte dada de morte,
terás bom Nume, livre dos males.

CORO:

Ó filhos de Zeus, lícito nos será

aproximarmos das vossas vozes?
DIÓSCORO:
Lícito é aos não sujos de sangue.
CORO:
Como, se sois Deuses irmãos
desta morta, não defendestes
ambos das Cisões esta morada?
DIÓSCORO:
Parte e Coerção levaram ao necessário,
e as falas não sábias da língua de Febo.
ELECTRA:
Tindáridas, posso também falar?
DIÓSCORO:
Podes. Atribuo a Febo
esta situação funesta.
ELECTRA:
Que Apolo, que oráculos
me deram matar a mãe?
DIÓSCORO:
Atos comuns, sortes comuns.
Uma Erronia dos pais
a ambos vos dilacerou.
ORESTES:
Ó minha irmã, tarde te vejo,
cedo estou sem teus encantos,
eu te deixarei por ti deixado.
DIÓSCORO:
Ela tem marido e casa,
e não tem tristeza, salvo
ir-se da urbe dos argivos.
ELECTRA:
Que outro gemido é maior
que deixar o limite da pátria?
ORESTES:
Mas eu sairei da casa do pai
e submeterei a morte da mãe
à votação alheia.
DIÓSCORO:
Ânimo! Irás à sacra urbe
de Palas. Vamos, suporta!
ELECTRA:

Abraça-me com o peito
no peito, caríssimo irmão!
Cruéis imprecações da mãe
nos afastam da casa do pai.
ORESTES:
Vem! Abraça-me e pranteia
como em túmulo de morto!
DIÓSCORO:
Pheû! Pheû! Até aos Deuses
é terrível ouvir o que disseste.
Há em mim e nos filhos do Céu
dó dos mortais de muitas fatigas.
ORESTES:
Não mais te verei.
ELECTRA:
Não estarei diante de teus olhos.
ORESTES:
Esse é teu último gesto a mim.
ELECTRA:
Salve, ó urbe!
Salve, ó vós, mulheres da urbe!
ORESTES:
Ó fidelíssima, tu já te vais?
ELECTRA:
Vou, com olhos ternos úmidos.
ORESTES:
Salve, Pílades! Vai!
Casa-te com Electra!
DIÓSCORO:
Cuidem eles de núpcias! Foge tu
dessas cadelas! Vai para Atenas!
Terrível pegada põe a teu encalço
as de pele turva e mãos de serpes,
donas do fruto das terríveis dores.
Nós ambos no mar siciliano prontos
salvaremos proas de navios salinas.
Ao percorrermos sideral amplidão,
não socorremos os conspurcados,
mas quem tem em conta na vida
o lícito e o justo nós preservamos,
porque livramos de difíceis fadigas.

Assim ninguém queira ser injusto
e ninguém navegue com perjuros.
Sendo Deus, anuncio aos mortais.

CORO:

Salve! Quem pode saudar
e com a sorte não se fatiga
tem entre mortais bom Nume.

HÉRACLES

As personagens do drama:
Anfitrião
Mégara
Coro
Lico
Héracles
Íris
Fúria
Mensageiro
Teseu

ARGUMENTO DE *HÉRACLES*

Héracles desposou Mégara, filha de Creonte, e teve filhos dela. Deixou-os em Tebas e foi a Argos para executar os trabalhos de Euristeu. Tendo vencido a todos em tudo, desceu à morada de Hades e por passar muito tempo lá deu aos vivos a impressão de que estivesse morto. Rebelados contra a soberania de Creonte, os tebanos reconduziram Lico de Eubeia. Drama representado cerca de 415 a.C.

[PRÓLOGO (1-106)]

ANFITRIÃO:

Quem não conhece o comborço de Zeus,
Anfitrião de Argos? Alceu, filho de Perseu,
tal me gerou outrora, a mim, pai de Héracles.
Conquistei esta Tebas, onde floriu terrígena
espiga dos semeados, de quem Ares salvou 5
exíguo número, e povoam a urbe de Cadmo
com os filhos de seus filhos, donde nasceu
Creonte, filho de Meneceu, rei deste solo.
Creonte vem a ser pai de Mégara, esta
que aclamaram com himeneus e flauta 10
todos os cadmeus, quando em minha

casa o ínclito Héracles a desposou.
Deixando Tebas, onde me estabeleci,
e a esta Mégara e sogros, o meu filho
quis viver na praça argiva e ciclópica
urbe, donde fui banido por ter matado
Eléctrion. Facilitando minha situação,
e desejoso de viver na pátria, paga
a Euristeu vultoso preço do retorno,
civilizar a terra, ou dominado por
ferrão de Hera, ou sendo necessário.
Executou todos os outros trabalhos.
Por último, pela boca do cabo Tênaro,
foi à casa de Hades, para trazer à luz
o tríplice cão, donde não regressou.
Há uma palavra antiga dos cadmeus
de que outrora Lico, marido de Dirce,
foi soberano desta urbe de sete portas,
antes de serem reis os potros brancos
Anfion e Zeto rebentos ambos de Zeus.
Um filho com o mesmo nome do pai,
sem ser cadmeu, mas vindo de Eubeia,
matou Creonte e assim domina o solo
atacando esta urbe doente de sedição.
Nossa aliança firmada com Creonte,
ao que parece, tornou-se o pior mal.
Estando meu filho no fundo do chão,
Lico, o novo governante desta terra,
quer matar filhos e mulher de Héracles
para extinguir o sangue com sangue,
e a mim, se entre varões devo contar
velho inútil, para que quando adultos
não façam justiça do sangue materno.
O meu filho me deixou neste palácio
para criar os filhos e guardar a casa,
ao entrar nas negras trevas do solo.
Que os filhos de Héracles não morram,
com a mãe, no altar de Zeus salvador,
que meu nobre filho ergueu — imagem
da vitoriosa lança, ao vencer os mínias!
Guardamos esta sé, carentes de tudo,
pão, água e vestes, com as costelas

no chão sem leito. Excluídos de casa
estamos sem os meios de salvação.
Em alguns amigos não vejo verdade,
outros deveras não podem socorrer.
Tal é para os homens o infortúnio,
não atinja os que bem me querem,
a mais verídica prova de amizade!

MÉGARA:

Ó velho, eversor da urbe dos táfios,
ínclito chefe de tropas dos cadmeus,
nada do divino para homens é claro!
Não fui exclusa da sorte de meu pai,
que porque próspero fez grande alarde
ao ter o poder por amor do qual saltam
longas lanças diante dos de bom Nume,
e ao ter filhos, e ele me deu ao teu filho,
ao casar com Héracles o insigne leito.
Agora aquilo se extinguiu e se evolou,
eu e tu, ó ancião, nós vamos morrer,
e os filhos de Héracles, que conservo
sob as asas qual ave envolve filhotes.
Cada um de um lado eles perguntam:
"Ó mãe, diz, onde está longe o pai?
"Que faz? Quando virá?" Vacilantes
perguntam pelo pai, eu os entretenho
contando contos. Com espanto quando
as portas rangem, todos erguem o pé,
como para caírem aos joelhos do pai.
Agora que esperança, que salvação,
terias à mão, ó velho? Olho para ti.
Ocultos não sairíamos destes lindes,
há vigias superiores a nós nas saídas,
e esperanças de salvação nos amigos
não temos mais. Que sentença tens,
diz-nos, que não seja pronta morte.

ANFITRIÃO:

Ó filha, tais conselhos não é fácil 88
dizer às pressas simples sem custo. 89
Tenhamos tempo, se não temos força! 87

MÉGARA:

Queres mais dor ou amas sim a luz?
ANFITRIÃO:
Assim me alegro e amo as esperanças.
MÉGARA:
Sim! Imprevisto não se prevê, velho!
ANFITRIÃO:
O remédio está em retardar os males.
MÉGARA:
Doloroso o tempo intermédio morde.
ANFITRIÃO:
Ó filha, seja-nos favorável a fuga
de meus e de teus males presentes!
Venha ainda meu filho, teu esposo!
Vamos, serena-te, afasta dos filhos
as fontes chorosas, afaga com falas
furtiva ao falar com míseros furtos!
As injunções de mortais se fadigam,
os ventos não sopram fortes sempre,
os de boa sorte no fim não tem boa
sorte, tudo se distancia um de outro.
Exímio é o varão que em esperanças
confia sempre, o impasse é covarde.

[PÁRODO (107-139)]

CORO:
Vim à casa de alto teto [EST.]
e ao velho jazigo,
apoiado no bastão,
velho cantor choroso
qual cisne grisalho,
só voz e vulto noturno
de sonhos noturnos
trêmulo, mas animado,
ó filhos, filhos de pai órfãos,
ó velho, e tu, mísera mãe,
que choras o marido
ido à casa de Hades!

Não canseis pé e perna [ANT.]
pesada, tal qual potro
no jugo sobe pétrea

ladeira com o peso
do carro de rodas!
Pega na mão e no manto
de quem deixa rastro dúbio!
O velho escolte o velho
com quem jovem com jovens
armados nas fainas da idade
conviveu antes sem desonra
da mais gloriosa pátria!

Vede como se parece [EPODO]
com o pai este brilho
gorgôneo nos olhos!
Desde cedo má sorte não cessa,
mas a graça não se foi.
Ó Grécia, que aliados,
que aliados, perderás,
se os destruíres!

Mas vejo perto da casa
vem Lico rei deste solo.

[PRIMEIRO EPISÓDIO (140-347)]

LICO:
Ao pai de Héracles e par, se necessário,
indago, e porque me tornei vosso rei
é necessário perguntar o que necessito.
Quanto tempo buscais prolongar a vida?
Que fé e defesa vedes contra a morte?
Ou credes que venha seu pai que jaz
junto de Hades? Quão além do valor
guardais luto, se é necessário morrer,
tu na Grécia com o vão alarde de ter
Zeus núpcias e filhos comuns contigo,
e tu, por ser dita dona de exímio varão.
Qual é o venerável feito de teu esposo,
se ele feriu e matou a hidra do pântano
ou a fera de Nemeia já presas na rede
e diz que matou ao sufocar no braço?
Assim travais combate? É necessário
por isso que Heraclidas não morram?
Ele fez fama, não sendo nada valente

na luta com feras nem tendo resistência,
nunca teve escudo no braço esquerdo,
nem foi perto da lança, mas com arco,
a mais vil arma, era propenso à fuga.
O arco não é prova de valentia viril,
mas esperar, ver e encarar de frente
veloz sulco de lança, firme no posto.
Em mim não há inclemência, velho,
mas precaução; pois sei que matei
o pai dela Creonte e tenho o trono.
Não quero que, por eles se criarem,
reste quem me puna por meus feitos.

ANFITRIÃO:

Defenda Zeus a parte de Zeus de seu
filho! Importa-me, Héracles, mostrar
com razões a ignorância dele sobre ti,
é preciso não permitir que te difamem.
Primeiro, com Deuses por testemunha,
devo afastar o nefando de ti, Héracles,
por nefando entendo a covardia em ti.
Interpelei o raio de Zeus e a quadriga
em que ele atacou com alados dardos
os flancos de Gigantes florões da terra
e com os Deuses festejou bela vitória.
Interroga tu em Fóloe, ó vilíssimo rei,
os ultrajantes quadrúpedes Centauros,
quem teriam em conta de exímio varão,
senão meu filho, que tu dizes parecer.
Inquirida Dírfis Abancíada tua nutriz,
ela não te louvaria, pois não há como
a pátria testemunhe um ato nobre teu.
Invenção de sábio, arma de arqueiro,
reprovas, ouve-me tu e torna-te sábio!
O varão armado depende das armas,
se a lança se parte, não pode por si 193
repelir a morte, com uma só defesa; 194
e se os companheiros não são bons, 191
ele morre pela inépcia dos próximos. 192
Quem tem arco na mão e boa mira, 195
tem maior vantagem, após mil setas,
com outras mil se defende da morte,

e longe afastado repele os inimigos,
ferindo quem vê com flechas cegas,
não expõe o corpo aos confrontados,
mas fica bem guardado. Isso na luta
é o mais hábil, maltratar os inimigos
e preservar-se não ancorado à sorte.
Estas palavras têm sentido contrário
às tuas a respeito das tuas posições.
Por que queres matar estas crianças?
Que te fizeram elas? Só te acho sábio,
se tens medo dos filhos dos exímios
por seres vil. Mas temos este agravo,
se por covardia tua vamos morrer,
o que devias sofrer de nós, melhores,
se Zeus conosco tivesse espírito justo.
Se tu queres ter o cetro desta terra,
deixa-nos sair banidos deste solo!
Não ajas violento ou sofres violência
quando vento divino te virar a sorte!
Pheû!
Ó terra de Cadmo, também a ti irei
distribuindo palavras de repreensão,
assim defendeis Héracles e filhos?
Ao enfrentar a sós todos os mínios,
ele fez Tebas ver com olhos livres.
Não aprovei Grécia, não suportarei
calar-me, se a vejo pior a meu filho;
ela devia trazer fogo, lanças, armas
a estes filhos em troca de expurgos
de mar e terra, que o pai cumpriu. [Reike]
Ó filhos, não vos protege Tebas
nem Grécia! Vede, amigo inerme
não sou nada senão som de voz!
Cessou o vigor que tínhamos antes,
velho tem mão trêmula e força dúbia.
Se eu fosse jovem e ainda possante,
ensanguentaria seus loiros cachos
com a lança de modo a fugir além
das raias de Atlas de medo da lança.

CORO:

Ora, ainda que tardem falar, não são

eloquentes os bons entre os mortais?
LICO:
Fala-nos tu palavras em que és forte,
por essas palavras eu te maltratarei.
Ide uns ao Hélicon, outros aos vales
do Parnaso, mandai lenheiros cortar
troncos de carvalho! Trazei à urbe,
empilhai ao redor de todo o altar,
acendei a lenha e queimai a todos
para que saibam que agora o morto
não tem poder neste solo, mas eu!
Ó velhos, sendo avessos ao meu
pensamento, não só lamentareis
os Heraclidas, mas também a sorte
da casa, ao sofrerdes, e lembrareis
que sois servos da minha realeza.
CORO:
Ó filhos da terra, que Ares semeou
devastando a boca voraz da serpente,
não tereis bordões, apoio da destra,
e ensanguentareis a ímpia cabeça
desse varão que governa os meus
não sendo cadmeu, mas o pior ádvena?
Mas não serás meu rei impunemente,
nem o que obtive com muita fadiga
terás na mão. Some lá donde vieste,
ultraja lá! Se eu viver, não matarás
os Heraclidas. Não sob tanta terra
aquele se esconde longe dos filhos.
Tu por destruíres ocupas esta terra,
e o benfeitor não tem a sorte digna.
Faço muito, se faço bem a amigos
mortos, onde mais faltam amigos?
Ó destra, que ardes por ter a lança,
destruíste o ardor na falta de força!
Eu te calaria de me dizeres servo
e glorioso seria útil a esta Tebas,
onde estás impune. Néscia urbe,
doente de sedição e más decisões,
pois tu não serias nunca seu rei!
MÉGARA:

Velhos, aprovo, pois os amigos
por amigos devem ter justa ira.
Quanto a mim, não sofrais nada
furiosos com reis! Anfitrião, ouve
meu juízo, se te parece verdadeiro!
Eu amo os filhos. Como não amar
o que gerei, de que cuidei? A morte
julgo terrível e considero canhestro
o mortal que contraria o necessário.
Se morrermos, não morramos nós
comidos por fogo, riso de inimigos,
para mim um mal pior que a morte!
Devemos muitos bens a esta casa:
gloriosa fama de guerra te tomou,
que não podes morrer por covardia,
meu esposo tem glória improvável,
ele não quereria salvar estes filhos
se fossem infames; os bem nascidos
sofrem com vexames de seus filhos;
não devo me furtar a imitar o varão.
Vê como considero tua esperança.
Crês que teu filho virá de sob a terra?
E qual dos mortos retornou de Hades?
Mas como com palavras o aplacaríamos?
Não! Deve-se fugir do sinistro varão
hostil e ceder aos sábios e bem criados.
Com respeito farias acordo mais fácil.
Já me ocorreu se pediríamos súplices
o exílio destes filhos, mas isso é mísero,
envolver a salvação em mísera penúria,
pois dizem que rostos de hospedeiros
olham doce um só dia a seus exilados.
Ousa conosco a morte, que te espera!
Provoco tua nobre natureza, ó velho.
Quem suporta sorte vinda dos Deuses
é ardoroso, mas o ardor é imprudente.
Se não urgir, ninguém fará o urgente.

CORO:

Se quando meus braços eram fortes
te ultrajassem, facilmente impediria,
mas ora nada somos. Doravante tu

verás como repelir a sorte, Anfitrião.
ANFITRIÃO:
Nem a covardia nem o apego à vida
me impede a morte, mas quero salvar
filhos do filho, mas parece impossível.
Olha, é possível ferir este pescoço com
espada, matar, precipitar do penhasco.
Dá-nos uma graça, ó rei! Suplicamos,
mata-nos e à mísera antes dos filhos,
para que não vejamos — ilícita visão —
filhos agonizantes chamando a mãe
e o pai do pai. Aliás, se és ardoroso,
faz; não temos forças de não morrer.
MÉGARA:
Eu te suplico dar mais graça à graça,
para fazeres a ambos nós favor duplo.
Deixa-me dar aos filhos adorno fúnebre!
Abre o palácio, estamos trancados fora,
para que tenham isso da casa paterna!
LICO:
Assim será. Digo a servos abram travas.
Entrai e enfeitai! Não vos nego mantos.
Quando os cobrirdes com os adornos,
virei para vos dar aos ínferos sob o solo.
MÉGARA:
Ó filhos, segui o mísero passo da mãe
até a casa do pai, onde outros dispõem
dos bens, mas o renome ainda é nosso!
ANFITRIÃO:
Ó Zeus, vãs tivemos as mesmas núpcias
e celebrávamos em vão o filho comum.
Ora, tu foste menos amigo que pareces.
Mortal, em valor te venço, grande Deus,
pois não sou traidor dos filhos de Héracles.
Tu soubeste o oculto percurso da cama,
pegando alheio leito que ninguém deu,
mas não sabes preservar os teus amigos.
Talvez sejas ínscio Deus, ou não és justo.

[PRIMEIRO ESTÁSIMO (348-441)]

CORO:

Lúgubre na boa sorte [EST. 1]
da dança, Febo retine
a bem sonora cítara
tocando com plectro de ouro.
Eu ao filho ido às trevas
da terra e dos ínferos,
seja o filho de Zeus,
seja o de Anfitrião,
quero hinear coroa
de feitos com louvor.
Brios de nobres labores
é o adorno dos mortos.

Primeiro tirou o leão [MESODO 1]
do bosque de Zeus,
vestiu a pele fulva
com a cabeça loira
nas fauces da fera terrível.

Aplainou a prole montesa [ANT. 1]
dos selvagens Centauros
com as flechas sangrentas
matando com setas aladas.
Sabem disso o remoinhoso
Peneu, os vastos campos
sem frutos das planícies,
as moradias do Pélion
e vales perto da Hómole
de onde com o pinho
em punho dominavam
a Tessália em cavalgadas.

Ao matar a auricórnia [EPODO 1]
corça de dorso malhado
predador de camponeses
ele honra a mata-feras
Deusa de Énoe.

Entrou na quadriga [EST. 2]
e domou com freio
éguas infrenes de Diomedes,
que no cocho sangrento moíam
com os dentes a ração de sangue

por prazer voraz de varões,
más comensais. Ele passou
além das vertentes ricas
de prata do rio Hebro,
servo do rei micênio.

Nas orlas de Mális [MESODO 2]
à beira do rio Anauro
matou com setas Cicno
matador de hóspedes de Anfaneia
morador intratável.

Foi às moças cantoras [ANT. 2]
e ao pátio vespertino
para colher áureo fruto
das ramas das macieiras,
quando matou guardiã
serpente de dorso fulvo
intocável espiral enrolada.
No fundo do sal marino
entrou dando os remos
da calmaria aos mortais.

Ele alonga os braços [EPODO 2]
na casa de Atlas sob
o meio da base do céu
e vigoroso susteve
o lar astral dos Deuses.

Por inóspita onda do mar [EST. 3]
foi à cavalaria de Amazonas
junto à fluvial Meótis
ao reunir na Grécia
o grupo de amigos
por causa do cinto [Kovacs]
do manto dourado [Kovacs]
da filha de Ares, caça funesta.
A Grécia teve o espólio célebre
da virgem bárbara
e conserva em Micenas.

Queimou com fogo [MESODO 3]
a cadela de mil cabeças
facínora hidra de Lerna.

Untou de veneno seta
e matou o tricorpóreo
pastor de Eriteia.

Noutras provas com boa sorte [ANT. 3]
brilhou e por último navegou
ao muito pranteado Hades
onde mísero concluiu
a vida e não voltou.
A casa está sem amigos,
O barco de Caronte espera
o passo sem retorno
nem Deus nem justiça
da vida dos meninos.
A casa em tua ausência
olha para teus braços.

Se vibrasse quando jovem [EPODO 3]
a força e lança na batalha
com meus pares cadmeus,
daríamos proteção aos filhos
com força, mas ora me falta
a juventude de bom Nume.

[SEGUNDO EPISÓDIO (442-636)]

CORO:
Mas eu vejo vestidos
com vestes de finados
os filhos do grande antes
Héracles e a sua esposa
puxar no mesmo passo
filhos e velho pai de Héracles.
Não posso mais, mísero,
conter a velha fonte
dos olhos em pranto.

MÉGARA:
Seja! Quem sagra, quem mata infaustos?
Quem é o matador de minha mísera vida?
Prontas as vítimas a levar à casa de Hades.
Ó filhos, não belo jugo de mortos nos leva
de uma só vez a velhos e jovens e mães!
Ó infausta Parte, minha e dos filhos,

vejo-os pela última vez ante os olhos!
Geramos-vos e criei para que inimigos
ultrajassem, rejubilassem e destruíssem.
Pheû!
Decaí muito de crer na boa esperança
que já esperei com razão de vosso pai!
O teu pai falecido te outorgou Argos
e devias residir na casa de Euristeu
com poder na Pelásgia de belos frutos,
envolvia tua cabeça com pele de feroz
leão, com a qual ele mesmo se revestia.
Serias rei de tebanos amigos de carros
herdeiro das minhas planícies de terra,
como tu persuadias o que te semeou,
e depositava em tua destra defensor
lenho trabalhado, mentirosa doação.
Prometeu-te dar a Ecália, que um dia
devastou com setas de longo alcance.
Por serdes três, com tríplice realeza
o pai vos fez fortes, ufano do vigor.
Eu disporia, para o vosso casamento,
de noivas seletas, da terra de Atenas,
Esparta e Tebas, para que amarrados
pela popa vivêsseis com bom Nume.
Isso já foi. Com a mudança da sorte,
dei-vos ter, em vez de noivas, Cisões,
e a mim, mísera, o banho de pranto.
Aqui o pai do pai festeja as núpcias
consogro de Hades, amarga aliança.
Ómoi! Qual de vós primeiro, qual último
apertar ao peito? Em qual dar um beijo?
Qual abraçar? Qual abelha de asas fulvas,
como eu recolheria os gemidos de todos
e da colheita faria um compacto pranto?
Ó caríssimo, se alguma voz de mortais
junto a Hades se ouve, digo-te, Héracles,
teu pai e filhos morrem, sucumbo eu,
antes dita por mortais venturosa de ti.
Socorre! Vem! Se espectro, surge-me!
Basta vires, ainda que sejas em sonho!
Há os maus que matam os teus filhos.

ANFITRIÃO:
Ó mulher, dá boas vindas aos ínferos!
Eu por ti, ó Zeus, ao céu vibro o braço
e brado, se deves ser útil a estes filhos,
defendei-os, porque logo não bastarás!
Muitas vezes foste invocado, vã fadiga,
pois, ao que parece, é preciso morrer.
Mas, ó anciãos, breve é a vida. Ide
por ela com a maior doçura possível
sem vos afligir de dia nem de noite.
O tempo não sabe salvar esperanças,
mas voa cuidadoso consigo mesmo.
Vede-me! Fui conspícuo entre mortais
por ter renome e a sorte me arrebatou
em um só dia tal qual pássaro no céu.
A grande riqueza e a glória não sabem
com quem ser estáveis. Adeus! Vede
pela última vez agora o amigo, colegas!
MÉGARA:
Éa!
Velho, vejo o caríssimo, ou que dizer?
ANFITRIÃO:
Não sei, filha! Faltam-me as palavras.
MÉGARA:
Ele é aquele que tínhamos sob a terra,
se não vemos um sonho à luz do dia.
Que digo? Que sonho tão aflita vejo?
Ó velho, não é outro senão teu filho!
Vinde, filhos! Atai-vos à veste do pai!
Vinde, depressa, não solteis, que ele
não vos é menos que Zeus salvador!
HÉRACLES:
Salve, ó teto e vestíbulo de meu lar,
com que prazer te avisto ao vir à luz!
Éa! O quê! Os filhos diante de casa
vejo coroados com adorno de mortos
e, na turba de varões, minha esposa
e meu pai prantearem que infortúnio?
Que me aproxime deles e tente saber!
Mulher, que novidade houve em casa?
MÉGARA:

Ó caríssimo!
ANFITRIÃO:
Ó luz advinda ao pai!
MÉGARA:
Vieste, vens salvo à hora dos teus?
HÉRACLES:
Que dizes? Que nos perturba, ó pai?
MÉGARA:
Sucumbíamos! Perdoa-me tu, ó velho,
se antecipei o que tu lhe devias dizer!
O feminino chora mais do que o viril
e morriam os meus filhos, eu perecia.
HÉRACLES:
Apolo! Que proêmio principia a fala!
MÉGARA:
Mortos os irmãos e o meu velho pai.
HÉRACLES:
Que dizes? Que fez? Que sorte teve?
MÉGARA:
O novo rei da terra, Lico, os matou.
HÉRACLES:
Em luta armada ou distúrbio da terra?
MÉGARA:
Motim. Tem o poder septívio de Cadmo.
HÉRACLES:
Por que o pavor te veio a ti e ao velho?
MÉGARA:
Ele ia matar o pai, a mim e aos filhos.
HÉRACLES:
Que dizes? Que temia de meus órfãos?
MÉGARA:
Que eles punissem a morte de Creonte.
HÉRACLES:
Por que os filhos têm adorno dos ínferos?
MÉGARA:
Vestimos já os paramentos da morte.
HÉRACLES:
Éreis mortos à força? Mísero de mim!
MÉGARA:
Sem amigos, ouvimos que morreste.
HÉRACLES:

Por que esse desânimo vos tomou?
MÉGARA:
Arautos de Euristeu assim anunciaram.
HÉRACLES:
Por que deixastes a minha casa e lar?
MÉGARA:
À força, o pai tirado da cama jacente.
HÉRACLES:
Não tinha pudor de ultrajar o velho?
MÉGARA:
Pudor? Habita distante desse Deus.
HÉRACLES:
Tenho ausente tão poucos amigos?
MÉGARA:
Que amigos possui o de má sorte?
HÉRACLES:
Cospem na guerra que fiz aos mínios?
MÉGARA:
A má sorte não tem amigos, repito.
HÉRACLES:
Tirai do cabelo esse capuz de Hades!
Vede outra vez a luz e com os olhos
vede meu retorno das ínferas trevas!
Agora que a ação cabe a meu braço
primeiro irei e devastarei o palácio
do novo tirano, decapitarei o ímpio,
e darei picado a cães, e os cadmeus,
beneficiários meus, descobertos maus,
domarei com esta arma de bela vitória
e disparando as setas aladas farei cheio
de sangue de mortos todo o rio Ismeno
e farei sangrenta a água clara de Dirce.
Quem devo defender mais que esposa,
filhos e o velho? Saúdem-se os feitos!
Em vão os fiz mais do que este outro.
Devo defendê-los, se em minha defesa
deviam morrer. Ou por que diremos
ser belo o combate contra hidra e leão
a mando de Euristeu, se meus filhos
eu não livrar da morte? Ora, Héracles
da bela vitória não serei como antes.

CORO:
É justo que o pai seja útil aos filhos,
ao pai ancião e à parceira de núpcias.
ANFITRIÃO:
É teu, filho, ser amável aos amigos
e odiar inimigos, mas não te afoites!
HÉRACLES:
Que vai mais veloz do que deve, pai?
ANFITRIÃO:
O rei tem por aliados muitos pobres,
parecendo prósperos, quando falam,
que com sedição destruíram a urbe
roubando vizinhos e os bens de casa
se vão em despesas banidos por ócio.
Foste visto ao entrar na urbe e visto
vê teus inimigos e não caias incauto!
HÉRACLES:
Não me importa se toda a urbe me viu,
mas ao ver auspício de modo infausto,
soube que um mal ocorrera em casa
e por prudência vim escondido à terra.
ANFITRIÃO:
Bem. Entra então e cumprimenta Héstia!
Permite que a casa paterna veja teu rosto!
O rei mesmo virá para arrastar e matar
a tua esposa e teus filhos e me degolar.
Se permaneceres aqui, terás tudo contigo
e ganharás em segurança. Não perturbes
tua urbe antes de bem dispor isto, filho!
HÉRACLES:
Assim farei. Tens razão. Irei ao palácio.
A tempo, ao retornar do fundo sem sol
de Hades e dos ínferos da Filha, primeiro
não deixarei de saudar os Deuses da casa.
ANFITRIÃO:
Foste de fato ao palácio de Hades, filho?
HÉRACLES:
E conduzi à luz a besta de três cabeças.
ANFITRIÃO:
Venceste na luta ou por dons da Deusa?
HÉRACLES:

Na luta. Por boa sorte vi os ritos místicos.
ANFITRIÃO:
E a fera de Euristeu está no seu palácio?
HÉRACLES:
No bosque de Ctônia, urbe de Hermíone.
ANFITRIÃO:
Euristeu não sabe que vieste à superfície?
HÉRACLES:
Não, porque vim antes para saber daqui.
ANFITRIÃO:
Como estiveste tanto tempo sob a terra?
HÉRACLES:
Atrasei-me ao trazer Teseu de Hades, pai!
ANFITRIÃO:
Onde está ele? Partiu para a terra pátria?
HÉRACLES:
Foi para Atenas, feliz fugido dos ínferos.
Mas, ó filhos, segui vosso pai ao palácio!
Ora, mais belos para vós são os acessos
que as saídas, mas mantende a coragem
e não mais desateis as águas dos olhos!
Tu, ó minha mulher, tem tento da vida,
cessa de tremer e solta do meu manto!
Não tenho asas e não fugirei dos meus.
Â!
Eles não soltam, mas atam-se ao manto
tanto mais! Tanto estivestes sob espada?
Conduzirei com as mãos estes barcos
e rebocarei qual navio. Não me omito
em servir aos filhos. Todo homem é igual
no amor aos filhos, os mais ricos mortais
e os que nada são. Diferem por seus bens,
uns têm, outros não. Todos amam os filhos.

[SEGUNDO ESTÁSIMO (637-700)]

CORO:
A juventude me é grata [EST. 1]
e a velhice sempre grave
pesa mais que os cimos de Etna
sobre a cabeça, tenebrosa
ocultando a luz dos olhos.

Não tivesse opulência
de realeza asiática, nem
palácio cheio de ouro,
em vez de juventude!
Ela é bela na opulência,
bela também na penúria.
A lúgubre e letal velhice
detesto. Que nas ondas
ela suma! Nunca devia
vir às casas e às urbes
dos mortais, mas voasse
no céu sempre com asas!

Se Deuses tivessem tino [ANT. 1]
e destreza como varões,
fariam dupla juventude
manifesto traço de valor
de quantos tivessem e
mortos teriam duas vias
de volta aos raios do sol
e a vileza só poderia
uma vez viver a vida.
Assim se poderia saber
quem é vil e quem bom,
qual nautas têm o número
dos astros entre as nuvens.
De fato não é dos Deuses
limite claro de bons e vis
mas uma vida girando
só aumenta a opulência.

Não cessarei de jungir [EST. 2]
as Graças às Musas,
a mais doce parceria.
Que não viva sem Musa
e seja sempre coroado!
Ainda velho cantor
celebro Memória,
ainda a bela vitória
de Héracles canto
com Brômio vinícola
e com a dança da lira

septicorde e flauta líbia.
Não cessarei as Musas
que me fazem dançar.

Delíades hineiam peã [ANT. 2]
à porta do templo,
a bela prole de Leto,
girando o belo coro.
Peãs em tua casa
velho aedo qual cisne
com lábios grisalhos
celebrarei, o bem
subsiste nos hinos.
Filho de Zeus no valor
indo além da nobreza
com fadigas fez a vida
dos mortais sem marola
ao destruir feras terríveis.

[TERCEIRO EPISÓDIO (701-734)]

LICO:
Ó Anfitrião, oportuno tu sais do palácio,
o tempo já é longo desde que com mantos
e adornos de mortos adornais vosso corpo.
Mas, *eîa*, aos filhos e esposa de Héracles
manda que se mostrem fora do palácio
como vós mesmos prometestes morrer!
ANFITRIÃO:
Rei, persegues-me em situação mísera
e ultrajas ultrajes contra meus mortos,
mesmo no poder devias ser moderado.
Já que nos impões a coerção de morrer,
é coercitivo consentir. Seja como crês!
LICO:
E Mégara? E filhos do filho de Alcmena?
ANFITRIÃO:
A conjecturar desde fora, creio que ela...
LICO:
Que coisa? Tens indício de que parece?
ANFITRIÃO:
Está súplice ante o altar puro de Héstia.

LICO:
Inútil súplica para que preserve a vida.
ANFITRIÃO:
E ainda invoca em vão o marido morto.
LICO:
Ele não está presente e não virá nunca.
ANFITRIÃO:
Não, se um dos Deuses não o restituir.
LICO:
Vai até ela e conduze-a fora do palácio.
ANFITRIÃO:
Agindo assim eu participaria da morte.
LICO:
Já que essa é a tua preocupação, nós,
os sem medo, operaremos o transporte
de mãe e filhos. Vinde, segui, servos,
para felizes vermos pausa de fadigas!
ANFITRIÃO:
Vai, então, tu! Vai como deves! O mais
importa a outro. Má situação espera
quem age mal. Ó velhos, por bem
ele vai e nos afiados laços das redes
será preso, se crê matar os vizinhos
o pior de todos! Irei para vê-lo cair
morto. O varão inimigo ao morrer
dá prazer e justiça pelas suas ações.

[TERCEIRO ESTÁSIMO (735-814)]

CORO:
— Mudam os males, o antes grande rei [EST. 1]
de volta retorna à vida desde Hades!
Iò!
Justiça e refluente lance dos Deuses!
— Vieste a tempo de morto dares paga
por teus ultrajes aos melhores que tu.
— Regozijos deram vazão às lágrimas;
o rei da terra veio de volta,
como antes não esperaria
nunca me acontecer.
— Mas, ó velhos, dentro do palácio
vejamos se lá está como eu quero!

LICO (dentro):
Ió moí moi!

CORO:
— Esta canção para mim grata de ouvir [ANT. 1]
começa em casa, não demora a morte.
Grita
o proêmio da morte gemendo o rei.
LICO (dentro):
Ó toda a terra de Cadmo, morro por dolo!
CORO:
— Pois destruías. Sê forte ao pagar
o preço e dar justiça por teus atos!
— Que insólito ofensor dos Deuses
mortal disse imprudente
que os celestes venturosos Deuses
não têm força?
— Velhos, o ímpio varão já não vive.
Cala-se a casa, voltemos às danças!
Amigos têm boa sorte como quero.

Danças, danças [EST. 2]
e festas tomam
Tebas, urbe sacra.
Mudanças dos prantos,
mudanças das sortes
geraram estes cantos.
O rei novo se foi e o mais antigo
domina, vindo desde Aqueronte.
Sem expectativa veio esperança.

Os Deuses, os Deuses [ANT. 2]
cuidam dos injustos
e de ouvir os pios.
Ouro e boa sorte tiram
os mortais da prudência,
ao dar injusto poder.
Não se ousa ver a volta do tempo,
o carro negro da opulência quebra
por violar a lei e agradar ao ilícito.

Ó Ismeno, coroa-te! [EST. 3]
Formai coros, ó polidas

vias da urbe de sete portas!
Ó Dirce de belo fluir
e filhas do Asopo, vinde
do rio pai, uníssonas
Ninfas, à bela vitória
da luta de Héracles!
Ó nemorosa pedra pítia,
lar das Musas do Hélicon,
exaltai com clamor jubiloso
minha urbe, minhas torres,
onde o ser semeado surgiu,
tropa de escudeiros que
lega a terra de pai a filho,
luz sagrada de Tebas!

Ó dois congêneres leitos [ANT. 3]
nupciais de varão mortal
e de Zeus, vindo ao leito
da noiva filha de Perseu,
tão fiel inesperada me surgiu
esta tua antiga união, ó Zeus!
O tempo mostrou claro
a força de Héracles, tu
saíste da cova da terra,
da casa de Plutão ínfera.
Foste-me rei mais forte
que a vileza dos chefes,
isso agora mostra à vista
em porfia de luta de faca
se o que é justo
ainda agrada aos Deuses.

[QUARTO EPISÓDIO (815-1015)]

CORO:
— *Éa éa*,
estamos no mesmo ataque de Pavor!
Velhos, que visão vejo sobre a casa?
— Foge! Foge!
Move o tardo passo, vai para longe!
— Ó rei Peã,
sê meu defensor dos males!

ÍRIS:
Sede firmes se vedes esta filha da Noite
Fúria, velhos, e a mim, serva dos Deuses,
Íris! Não traremos nenhum dano à urbe,
mas faremos guerra à casa de um varão
que dizem filho de Zeus e de Alcmena.
Antes que concluísse acerbos trabalhos
o dever o preservava, não permitia o pai
Zeus que eu ou Hera lhe fizéssemos mal.
Desde que fez os trabalhos de Euristeu,
Hera quer lhe vincular sangue comum
ao matar os filhos e eu quero com ela.
Mas, *eîa*, com teu implacável coração,
ó virgem sem núpcias da Noite negra,
a este varão, loucura que mata os filhos,
perturbação do espírito e pulo dos pés,
impele, move, solta a corda sanguinária
para que transportando por Aqueronte
a coroa de belos filhos, mortos os seus,
saiba qual é a cólera de Hera contra ele,
e a minha! Não os Deuses, mas mortais
serão grandes, se ele não servir justiça.
FÚRIA:
Eu sou de nobre pai e de nobre mãe
a filha da Noite e do sangue do Céu.
Tenho honras não invejadas dos meus.
Não me apraz visitar os caros mortais.
Antes de vê-la errar, quero aconselhar
Hera e a ti, se ouvirdes minhas falas.
Este varão não é ignoto nem na terra
nem entre Deuses e mandas-me a ele.
Civilizou ínvia região e mar selvagem,
restaurou sozinho as honras dos Deuses
pisadas por varões ímpios de modo que
não aconselho tramarem grandes males.
ÍRIS:
Não advirtas os ardis de Hera e meus!
FÚRIA:
Induzo-te ao melhor em vez do mal.
ÍRIS:
A dama de Zeus não te mandou pensar.

FÚRIA:

Ateste o Sol que faço o que não quero.
Se me é necessário servir a Hera e a ti,
irei. Nem o mar geme tão forte em ondas,
nem terremoto nem ferrão de raio aflige
como eu percorrerei o peito de Héracles.
Romperei vigas do teto e farei ruir a casa
ao matar os filhos e ao matar não saberá
que os mata antes que afaste minhas fúrias.
Olha lá! Desde a partida ele vibra a cabeça
e calado gira gorgôneas pupilas reviradas,
não respira sereno e qual touro em ataque
muge terrível. Invoco as Cisões de Tártaro
que rosnem e sigam quais cães ao caçador.
Já te farei dançar mais e flautarei no pavor.
Vai, Íris, ao Olimpo com o teu nobre passo!
Nós invisíveis invadiremos a casa de Héracles.

CORO:

Otototoî! Geme! Estão cortando
tua flor da urbe, filho de Zeus!
Mísera Grécia, perderás, matarás
teu benfeitor enquanto ele dança
com loucas fúrias ao som de flauta!

Muito pranteada subiu no carro
e no veículo oferece
ferrão como para ferir
Górgona filha da Noite com silvos
de cem serpes Fúria de olhos fúlgidos.

O Nume já mudou a boa sorte,
os filhos já são mortos pelo pai.

ANFITRIÃO (dentro):

Ió moi! Mísero!

CORO:

Iò! Zeus, teu filho já não tem filhos,
furiosas vorazes injustas Punições
estenderão os males.

ANFITRIÃO:

Iò! Telhados!

CORO:

Iniciam coros sem tímpanos
ingratos ao tirso de Brômio.
ANFITRIÃO:
Iò! Palácio!
CORO:
Sanguinários, sem as libações
dionisíacas dos jorros de uva!
ANFITRIÃO:
Ide em fuga, filhos!
CORO:
Hostil esta
hostil melodia flauteia.
Dá à caça aos filhos, não inócua
Fúria debacará em casa.
ANFITRIÃO:
Aiaî! Que males!
CORO:
Aiaî! Choro o velho pai
e a mãe nutriz de filhos,
a que em vão procriou!
Olha! Olha! O vendaval
sacode a casa, o teto cai.
ANFITRIÃO:
È é! Que fazes em casa, filho de Zeus?
Tu, qual Palas outrora contra Encélado,
a confusão de Tártaro envias para casa?
MENSAGEIRO:
Ó grisalhos anciãos...
CORO:
Com que clamor
me chamas?
MENSAGEIRO:
Ilatentes em casa!
CORO:
Outro
adivinho não levarei!
MENSAGEIRO:
Estão mortos os filhos!
CORO:
Aiaî!

MENSAGEIRO:
Pranteai o pranto!
CORO:
Hostis matanças,
hostis mãos paternas!
MENSAGEIRO:
Não se diria mais que nossa dor!
CORO:
Como dos filhos revelas a miserável
ruína, ruína do pai?
Diz como estes males
dos Deuses caíram sobre esta casa
e sobre a sorte miserável dos filhos!
MENSAGEIRO:
As oferendas ante o altar de Zeus
eram lustrais da casa, porque Héracles
matou e tirou de casa o rei da terra.
Estavam o formoso coro dos filhos,
o pai e Mégara. O cesto já circulara
o altar e mantínhamos lícita a voz.
Com a tocha na destra para imergir
na água lustral, o filho de Alcmena
ficou em silêncio e ao demorar o pai
os filhos olham, não era mais o mesmo,
mas com olhos revirados, perdido,
com as raízes dos olhos sanguíneas,
gotejava espuma no queixo peludo
e começou a falar com túrbido riso:
"Pai, por que faço o fogo lustral antes
"de matar Euristeu e duplico a faina?
"De uma só vez posso fazer isto bem.
"Quando trouxer o crânio de Euristeu,
"purificarei as mãos por esses mortos.
"Derramai as águas! Deixai os cestos!
"Quem me traz setas? Quem, armas?
"Irei a Micenas. É necessário pegar
"alavancas e forquilhas para pilhar
"com o recurvado ferro outra vez
"as bases dos Ciclopes, compostas
"com régua fenícia e a marteladas."
Andando, então, dizia ter um carro

sem o ter e subia à boleia do carro
e golpeava como se com aguilhão.
Servos tinham riso e pavor juntos,
e entreolhando-se, um deles disse:
"O rei brinca conosco ou está louco?"
Ele andava pela casa acima e abaixo
e cai no meio do salão e diz chegar
à urbe de Niso, e estando em casa,
caído ao chão como está, prepara
a refeição. Em pouco tempo diz
chegar ao nemoroso chão do Istmo.
Então ele se despiu de suas vestes,
batia-se com ninguém e ele mesmo
solicitou atenção e anunciou-se a si
vencedor de nada. Bramindo terrível
a Euristeu, na fala estava em Micenas.
O pai lhe toca a mão robusta e diz:
"Que tens, filho? Que modos esses?
"Não te torna Baco a recente morte
"dos que mataste?" Crendo que o pai
de Euristeu lhe toca a mão tímido súplice,
ele repele e prepara disponível a aljava
e setas contra os seus filhos, crendo
matar os de Euristeu. Trépidos de pavor
cada um vai para um lado, um ao manto
da mãe, outro sob a sombra da coluna,
outro qual ave se recolheu sob o altar.
A mãe grita: "Que fazes, filho? Matas
os filhos?" O pai e os servos gritam.
Ele, circundando ao redor da coluna
o terrível giro do pé, ao defrontar,
atinge o filho no fígado. De costas
regou as pétreas colunas a expirar.
Ele soltou alarido e assim alardeou:
"Este filho de Euristeu aqui morto
"caiu pagando-me o ódio do pai."
Mirava a seta em outro, recolhido
à base do altar como se se ocultasse.
O pobre logo cai aos joelhos do pai
e com a mão ao queixo e ao pescoço
diz: "Ó caríssimo pai, não me mates,

"sou teu, teu filho, não de Euristeu!"
Ao girar o olhar selvagem de Górgona,
quando o filho fica sob o lúgubre tiro,
batendo no crânio qual se malha ferro,
soltou a clava no crânio loiro do filho
e quebrou os ossos. Pegou outro filho
e foi ao terceiro como a imolar ambos.
Mas antes disso a mísera mãe os leva
para dentro de casa e tranca as portas.
Como se atacasse os muros ciclópicos,
escava, alavanca porta e retira portais
e com único tiro mata a esposa e filho.
Ele depois galopeia para matar o velho,
mas veio a imagem que à vista parecia
Palas brandindo na mão a lança no alto
e jogou uma pedra no peito de Héracles,
que o reteve da furente morte e lançou
no sono. Cai no chão colidindo as costas
numa coluna que com a queda do teto
jazia quebrada em duas sobre as bases.
Nós, ao ter os pés livres fora das fugas,
com auxílio do velho atamos cadeias 1009
de laços de corda à coluna para não
fazer outros feitos ao cessar o sono.
O mísero desperta do sono infausto
tendo matado esposa e filhos. Ignoro
quem dentre mortais é mais miserável.

[QUARTO ESTÁSIMO (1016-1038)]

CORO:
A morte que a pedra argiva tem
celebérrima e incrível na Grécia
outrora foi pelas filhas de Dânao.
Estes males do mísero filho de Zeus
superam, ultrapassam os de outrora.

Posso dizer a morte do filho de Procne
sacrificado a Musas, mas tu, ó terrível,
pai de três filhos,
com furiosa sorte os mataste a todos.
Aiaî! Que pranto?

Que ais? Que canto de finados? Que dança
de Hades ecoarei?
Pheû! Pheû!
Vede! Caem duplas trancas
no palácio de altas portas.
Ió moi!
Vede! Os míseros filhos
jazem ante o mísero pai dormindo
sono terrível após morte dos filhos.
Estas cadeias atam com nós fortes
de muitos laços o corpo de Héracles
junto às pétreas colunas do palácio.

[ÊXODO (1039-1428)]

CORO:
Qual pássaro a gemer a dor implume
dos filhos, este ancião de tardo passo
está aqui perseguindo amarga marcha.

ANFITRIÃO:
Velhos cadmeus, silêncio! Silêncio!
Não o deixareis entregue ao sono
esquecer-se dos males?

CORO:
Com lágrimas te lastimo, velho,
aos filhos e ao belo vencedor.

ANFITRIÃO:
Ide mais longe
sem ruído nem grito!
Não desperteis
esse que dorme
sereno sono!

CORO:
Oímoi!
Quanta morte!

ANFITRIÃO:
Â â! Matar-me-eis!

CORO:
Vertido surge.

ANFITRIÃO:

Ó velhos, não gemereis
quieto pranto?
Se desperto soltar cadeias destruirá
a urbe e o pai e demolirá o palácio.
CORO:
Impossível! Impossível para mim!
ANFITRIÃO:
Silêncio! Ouça respirar! Preste atenção!
CORO:
Dorme?
ANFITRIÃO:
Dorme sono insone funesto
quem matou a esposa e ao som do arco
matou os filhos.
CORO:
Lastima-o!
ANFITRIÃO:
Lastimo.
CORO:
A morte dos filhos.
ANFITRIÃO:
Ómoi!
CORO:
E de teu filho.
ANFITRIÃO:
Aiaî!
CORO:
Ó velho!
ANFITRIÃO:
Silêncio! Silêncio!
Ele retornando despertado acorda.
Vamos! Ocultar-me-ei oculto no palácio.
CORO:
Ânimo! Noite cobre os olhos de teu filho.
ANFITRIÃO:
Vede! Vede! Mísero
não evito deixar a luz nos males,
mas se me matar, a mim, seu pai,
urdirá males além dos males,
e além de Erínies
cometerá morte congênere.

CORO:
Devias ter morrido ao vir de punir
por tua esposa a morte dos irmãos
e destruir a ínclita cidade dos táfios!
ANFITRIÃO:
Em fuga, em fuga, velhos, correi
longe de casa! Evitai
o varão furioso ao despertar!
Ou com outra morte após morte
ainda debacará na urbe dos cadmeus.
CORO:
Ó Zeus, por que tens tanto ódio ao filho
teu e o conduziste a este pélago de males?
HÉRACLES:
Éa!
Respiro e contemplo o que preciso,
o fulgor, a terra e estes raios do sol.
Qual em tormenta e turvação terrível
da mente caí e respiro sopro quente
suspenso inconstante dos pulmões.
Por que, qual navio nas cordas,
atado o peito e o braço varonil
à pétrea coluna partida ao meio,
estou sentado vizinho a mortos?
Aladas lanças e setas jazem no chão,
elas antes escudando meus braços
salvavam flancos, salvas por mim.
Não desci de volta à casa de Hades,
ao vir de Hades a mando de Euristeu?
Mas não vejo o pedregulho de Sísifo,
Plutão ou cetro da filha de Deméter.
Surpreso, não sei onde é que estou.
Oé! Qual dos meus, perto ou longe,
há de sanear meu desconhecimento?
Nada de costumeiro conheço claro.
ANFITRIÃO:
Velhos, vou perto de meus males?
CORO:
Vou contigo, sem trair a situação.
HÉRACLES:

Pai, por que choras e cobres os olhos,
parado longe do caríssimo filho teu?
ANFITRIÃO:
Ó filho, és meu, ainda que mal sejas.
HÉRACLES:
Que mal tenho eu por que pranteias?
ANFITRIÃO:
O que Deus, se soubesse, lastimaria.
HÉRACLES:
Grande alarde, mas não dizes a sorte.
ANFITRIÃO:
Vês tu mesmo, se já tens lucidez.
HÉRACLES:
Diz se novo inscrito em minha vida.
ANFITRIÃO:
Se não és mais Baco de Hades, sim.
HÉRACLES:
Papaî! Repetiste o enigma suspeito.
ANFITRIÃO:
Ainda te examino se já estás lúcido.
HÉRACLES:
Não me lembra ter o espírito báquico.
ANFITRIÃO:
Solto as cadeias do filho ou que faço?
HÉRACLES:
E diz quem as pôs, que desaprovamos.
ANFITRIÃO:
Sabe tanto dos males! Omite o mais!
HÉRACLES:
Basta o silêncio saber o que busco?
ANFITRIÃO:
Ó Zeus, vês isto do trono de Hera?
HÉRACLES:
Dela sofremos tratamento hostil?
ANFITRIÃO:
Deixa a Deusa, cuida de teus males!
HÉRACLES:
Sucumbimos, dirás uma situação.
ANFITRIÃO:
Vê! Constata que jazem estes filhos!
HÉRACLES:

Oímoi! Que vista esta vejo mísero!
ANFITRIÃO:
Sem guerra, filho, guerreaste os filhos.
HÉRACLES:
Que guerra dizes? Quem os matou?
ANFITRIÃO:
Tu e teu arco e o Deus que é causa.
HÉRACLES:
Que dizes? Que fiz? Pai mau núncio.
ANFITRIÃO:
Louco, mas pedes as míseras lições.
HÉRACLES:
Sou eu quem matou minha esposa?
ANFITRIÃO:
Todos estes feitos só por tua mão.
HÉRACLES:
Aiaî! Névoa de pranto me cerca.
ANFITRIÃO:
Por causa disso lastimo tua sorte.
HÉRACLES:
Então destruí a casa ou debaquei?
ANFITRIÃO:
Só sei que a má sorte é toda tua.
HÉRACLES:
Onde furor nos teve? Onde ruiu?
ANFITRIÃO:
No altar ao limpar mãos com fogo.
HÉRACLES:
Oímoi! Por que poupo minha vida,
se matei meus caríssimos filhos?
Não irei saltar do penedo polido
ou furando o fígado com a faca
farei justiça ao sangue dos filhos?
Ou queimando a carne com fogo
tirarei da vida a infâmia por vir?
Mas no meio de mortal decisão
vem este meu caro primo Teseu.
Serei visto e o poluente filicídio
estará à vista de meu caro hóspede.
Oímoi! Que fazer? Onde ter vácuo
de males, indo alado ou no chão?

Devo cobrir a cabeça com trevas?
Tenho vergonha das malfeitorias
e não quero afligir os inocentes
levando-lhe uma funesta súplica.

TESEU:

Venho com outros, que no rio Esopo
esperam, jovens armados atenienses,
com a lança aliada a teu filho, velho.
O rumor chegou à urbe de Erectidas
que Lico usurpou o cetro desta terra
e move contra vós guerra e combate.
Vim em paga do que me fez Héracles
ao salvar-me dos ínferos, se careceis
do meu braço, velho, ou dos aliados.
Éa! Por que o chão cheio de mortos?
Atrasei-me talvez e depois dos últimos
males cheguei? Quem matou os filhos?
Com quem era casada esta que vejo?
Crianças não ficam perto de lança,
eu talvez encontre outro novo mal.

ANFITRIÃO:

Ó rei residente na colina oleícola...

TESEU:

Por que me fazes choroso prelúdio?

ANFITRIÃO:

Sofremos míseros males dos Deuses.

TESEU:

De quem são os filhos que chorais?

ANFITRIÃO:

São os filhos de meu mísero filho,
mísero pai perpetrou letal massacre.

TESEU:

Que dizes? Por quê?

ANFITRIÃO:

Por surto louco
por tintura da hidra de cem cabeças.

TESEU:

Que terrível dizes!

ANFITRIÃO:

Sumimos alados.

TESEU:
Diz boa palavra!
ANFITRIÃO:
Pedes-me o almejado.
TESEU:
Isto é Hera. Velho, quem aí com mortos?
ANFITRIÃO:
Eis o meu, meu filho laborioso que à guerra mata-gigantes foi com os Deuses armado de escudo na planície de Flegra.
TESEU:
Pheû! Pheû! Quem nasceu tão infausto?
ANFITRIÃO:
Não conhecerias nenhum outro mortal com mais fadigas nem com mais errâncias.
TESEU:
Por que cobre mísero rosto com manto?
ANFITRIÃO:
Por ter respeito à tua vista e à amizade de mesma tribo e ao sangue do filicídio.
TESEU:
Mas se condoído vim? Descobre-o!
ANFITRIÃO:
Ó filho, retira o manto dos olhos, joga-o fora, mostra o rosto ao sol! Com o pranto compete contrapeso, suplicamos prostrados a teu queixo, teu joelho e tua mão com o grisalho pranto, *iò*, filho, contém o ânimo de leão rude com que extravias em sanguinária e ilícita corrida para atares males a males, filho!
TESEU:
Seja! A ti, sentado em infausta sede, digo que mostres o rosto aos amigos. As trevas não têm tão negra nuvem que ocultasse o porte de teus males. Por que com a mão assinalas pavor? Que não me polua por falar contigo?

Junto a ti não me importa estar mal.
Tive outrora boa sorte; que se recorde
quando me salvaste dos mortos à luz.
Odeio que favor de amigos envelheça
e quem quer desfrutar dos bens, mas
não navegar com amigos em má sorte.
Ergue-te, descobre tua mísera cabeça,
olha para nós! O mortal que for nobre,
suporta reveses dos Deuses e não nega.
HÉRACLES:
Teseu, vês esta luta dos meus filhos?
TESEU:
Ouvi e anuncias males a quem os vê.
HÉRACLES:
Por que me descobres o rosto ao sol?
TESEU:
Por quê? Mortal não poluis os Deuses.
HÉRACLES:
Evita, ó mísero, meu ilícito contágio!
TESEU:
Não há ilatente de amigos a amigos.
HÉRACLES:
Aceito; se te fiz bem, eu não rejeito.
TESEU:
Bem tratado antes, agora te lastimo.
HÉRACLES:
Mereço lástima por matar os filhos?
TESEU:
Choro por ti pela diversa situação.
HÉRACLES:
Já viste outros em males maiores?
TESEU:
Tocas debaixo o céu com o revés.
HÉRACLES:
Por isso estou pronto para morrer.
TESEU:
Se fizesses isso, o que terias mais? [Kovacs]
HÉRACLES:
Poluirei o intocável altar de Deuses. [Kovacs]
TESEU:
Crês que as ameaças toquem Numes?

HÉRACLES:
Duro é o Deus, e eu, com os Deuses.
TESEU:
Cala-te! Não sofras mais por soberba!
HÉRACLES:
Estou cheio de males, não cabe mais.
TESEU:
Que farás então? Aonde irás furente?
HÉRACLES:
Morto, irei sob a terra, donde vim.
TESEU:
Disseste palavras de gente fortuita.
HÉRACLES:
E tu, fora da situação, me advertes.
TESEU:
O perseverante Héracles fala assim?
HÉRACLES:
Não tanto, trabalhe-se com medida!
TESEU:
Benfeitor e bom amigo dos mortais?
HÉRACLES:
Eles nada me valem, mas Hera domina.
TESEU:
Grécia não te suportaria inepta morte.
HÉRACLES:
Ouve para que conteste com palavras
as tuas advertências! Eu te explicarei
que é inviável eu viver agora e antes.
Primeiro nasci deste matador do velho
pai de minha mãe, ele assim poluído
casou-se com a minha mãe Alcmena.
Quando a base do ser não se assenta
certa, força é os filhos terem má sorte.
Zeus, Zeus quem for, fez-me inimigo
de Hera (mas tu não te irrites, velho,
eu te considero pai em vez de Zeus).
Quando eu ainda mamava, pôs duas
serpentes gorgôneas em minha roupa
a esposa de Zeus, para me destruir.
Quando ganhei o vigor da juventude,
devo contar as fadigas que suportei?

Que combate não travei contra leões,
ou contra tríplice Tifeu, ou gigantes,
ou cheio de quadrúpedes centauros?
Matei a cadela hidra que a seu redor
refloria cabeças e milhares de outras
fadigas perfiz e cheguei aos mortos,
para trazer à luz o tricéfalo porteiro
cão de Hades, por ordem de Euristeu.
Por fim, mísero suportei esta lide,
com filicídio frisar de males a casa.
Chego a esta necessidade: ser ilícito
residir em minha cara Tebas. Se fico,
a que santuário ou reunião de amigos
irei? Pois tenho intratáveis erronias.
Mas ir a Argos? Como, se expatriado?
Mas deveria eu partir para outra urbe?
E quando reconhecidos sermos vistos
presos ao aguilhão de línguas amargas?
"Não é o de Zeus que matou os filhos
"e a esposa? Não sumirá desta terra?"
A um varão antes dito venturoso
as mudanças doem, a quem sempre
esteve mal não dói o mal congênito.
Penso que chegarei a esta situação:
o solo emitirá voz para me interditar
que toque a terra, e o mar, que o cruze,
e as águas fluviais, e serei a imagem
de Ixíon, que gira encadeado na roda.
É melhor que não me vejam os gregos
com quem tive boa sorte e prosperei.
Por que devo viver? Que lucraremos
em posse desta inútil e ilícita vida?
Que dance a ínclita esposa de Zeus
sapateando no chão divino do Olimpo! [Kovacs]
Desempenhou o desejo que desejava
ao revirar o primeiro varão da Grécia
com as bases mesmas. A tal Deusa
quem faria preces? Ela, por ciúmes
de mulher no leito de Zeus, destruiu
os inocentes benfeitores da Grécia.
CORO:

Esta luta não é com outro Nume
que a dama de Zeus, bem se nota.
TESEU:
Mas vê se deves morrer por isso! [Kovacs]
Se os Deuses dessem aos mortais [Kovacs]
terem a vida imune e só a ti perda, [Kovacs]
eu te exortaria a que te destruísses [Kovacs]
sem demora antes de sofreres males. [Kovacs]
Mas nenhum mortal é imune à sorte,
nem Deuses, se cantores não mentem.
Não coabitam leitos uns dos outros
sem lei nenhuma? Não poluem pais
com cadeias por poder? Mas habitam
o Olimpo e suportam os seus errores.
Que dirás, porém, se tu, mortal nato,
excedes a sorte, mas os Deuses, não?
Deixa, pois, Tebas por causa da lei
e acompanha-me à cidadela de Palas!
Lá limparei tuas mãos de poluência,
e darei casa e parte dos meus bens,
dons da urbe por salvar sete duplos
jovens ao matar o touro de Cnosso
eu te darei. Tenho por toda parte
glebas de terra e com o teu nome
doravante os mortais as chamarão
em tua vida, morto e na de Hades
com sacrifícios e templos de pedra
toda a urbe de Atenas te fará honras.
Bela coroa dos cidadãos é ter glória
entre gregos por valer a nobre varão.
Assim esta graça de minha salvação
te retribuirei, ora careces de amigos.
Se Deuses honram, amigos não faltam,
basta o Deus auxiliar, quando quiser.
HÉRACLES:
Oímoi! Isso extrapola os meus males,
eu não creio que os Deuses se dêem
amores ilícitos e encadeiem braços,
não cri nunca e não me persuadirei,
nem que um seja déspota de outro.
Deus não precisa, se deveras é Deus,

de nada, eis míseras falas de cantores.
Considerei, ainda que entre males,
se seria covardia, se deixasse a luz,
pois quem nas situações não resiste,
não resistiria às armas de um varão.
Enfrentarei a vida e à tua urbe irei
e tenho gratidão por dez mil dons.
Mas tive prova de muitas fadigas,
as quais não reneguei nem chorei
águas nos olhos, não creria nunca
chegar a isto, lágrimas nos olhos.
Agora, creio, devo servir à Sorte.
Seja! Ó velho, vês o meu exílio,
vês-me o matador de meus filhos.
Dá tumba aos mortos e sepulta-os,
honra com prantos (ilícitos a mim),
apoia-os no peito e braços da mãe,
comunidade infausta, que eu mísero
destruí coacto! Sepultos os mortos,
vive mísero nesta urbe, mas ainda
força a vida a suportar meus males!
Ó filhos, o pai que vos fez e gerou
destruiu, e não fruístes meus bens,
que com fadigas eu vos preparava,
a gloriosa vida, belo prazer do pai.
Ó mísera, eu te destruí não como
sem vacilo conservavas meu leito
com as longas vigilâncias em casa.
Oímoi, por mulher e filhos! *Oímoi*,
por mim! Tão mísero fiz e desfiz-me
da mulher e filhos! Ó lúgubre prazer
de beijos! Ó lúgubre trato das armas!
Não sei se as mantenho ou dispenso.
Elas roçando os meus flancos dirão:
"Conosco mataste a mulher e filhos,
"filicidas nos tens." Então as levarei
nos braços? Por quê? Mas sem armas
com que fiz na Grécia exímias proezas
terei morte vil submisso aos inimigos?
Não se dispense, mas mísero conserve!
Faz-me, Teseu, um só favor! Em Argos

faz comigo o resgate do cão selvagem!
Que na dor dos filhos nada sofra a sós!
Ó toda a terra de Cadmo e povo tebano,
tonsurai! Compadecei! Ide aos funerais
dos filhos! Em resumo, chorai a todos
os mortos e a mim! Hera nos destruiu
a todos, míseros, num só golpe de sorte.
TESEU:
Levanta-te, ó mísero, basta de pranto!
HÉRACLES:
Eu não poderia, travaram-se as juntas.
TESEU:
As sortes abatem até aos mais fortes.
HÉRACLES:
Pheû!
Aqui fosse pedra imêmore de males!
TESEU:
Para! Dá tua mão ao amigo escudeiro.
HÉRACLES:
Que não deixe sangue em teu manto!
TESEU:
Deixa, não poupes nada! Não rejeito.
HÉRACLES:
Privado de filhos tenho-te por filho.
TESEU:
Abraça meu pescoço! Eu te guiarei.
HÉRACLES:
Parelha de amigos, um de má sorte.
Ó velho, tal varão se tem por amigo.
ANFITRIÃO:
A pátria que o criou teve bom filho.
HÉRACLES:
Volta-me, Teseu, para ver os filhos!
TESEU:
Por quê? Com esse jogo será mais fácil?
HÉRACLES:
Quero muito, e quero abraçar meu pai.
ANFITRIÃO:
Eis, ó meu filho, buscas meus agrados.
TESEU:
Assim não te lembras mais dos males?

HÉRACLES:
Tive todos aqueles menores que estes.
TESEU:
Se te vir ser feminino, não aprovarei.
HÉRACLES:
Estou abatido? Mas creio que antes não.
TESEU:
Demais. Doente não és o ínclito Héracles.
HÉRACLES:
Tu nos ínferos como eras entre os males?
TESEU:
Quanto ao ânimo era o menor de todos.
HÉRACLES:
Como ainda me dizes abatido nos males?
TESEU:
Segue!
HÉRACLES:
Salve, ó velho!
ANFITRIÃO:
Salve, ó filho!
HÉRACLES:
Honra-os como disse!
ANFITRIÃO:
E quem a mim, filho?
HÉRACLES:
Eu.
ANFITRIÃO:
Vens quando?
HÉRACLES:
Já sepultos os filhos.
ANFITRIÃO:
Como?
HÉRACLES:
Partirei de Tebas para Atenas.
Mas cuida dos filhos, dor insuportável!
Neste opróbrio de destruirmos a casa,
seguiremos Teseu destruídos entregues.
Quem quiser ter opulência ou poder
mais do que bons amigos pensa mal.
CORO:
Caminhamos míseros e chorosos

por termos perdido os mais nossos.

AS TROIANAS

As personagens do drama:
Posídon
Atena
Hécuba
Coro de cativas troianas
Taltíbio
Cassandra
Andrômaca
Menelau
Helena

ARGUMENTO DE *AS TROIANAS*

Após a devastação de Ílion, Atena e Posídon decidem destruir o exército dos aqueus, ele por bem querer a urbe porque a construiu, ela por ódio aos gregos pelo ultraje de Ájax a Cassandra. Os gregos sortearam as cativas de valor e deram Cassandra a Agamêmnon, Andrômaca a Neoptólemo, Políxena a Aquiles. Imolaram-na junto à sepultura de Aquiles e lançaram das muralhas Astíanax. Menelau levou Helena para matá-la e Agamêmnon tomou a profetisa por esposa. Hécuba, após acusar Helena e prantear e sepultar os mortos, foi conduzida à tenda de Odisseu, entregue a seu serviço.

As personagens do drama: Posídon, Atena, Hécuba, coro de cativas troianas, Taltíbio, Cassandra, Andrômaca, Menelau, Helena.

Drama representado em 415 a. C. segundo *Aelian. uar. hist.* 2.8:

Na nonagésima primeira Olimpíada, em que Exéneto de Agrigento venceu o estádio, Xénocles e Eurípides competiram. Xénocles, quem quer que fosse, foi o primeiro, com *Édipo*, *Licáon*, *As Bacas* e *Atamante*. O segundo foi Eurípides com *Alexandre*, *Palamedes*, *As Troianas* e o drama satírico *Sísifo*. Drama representado em 415 a.C.

[PRÓLOGO 1-152]

POSÍDON:

Posídon venho da salina profundeza
do mar Egeu, onde coros de Nereidas
rodopiam o mais belo passo do pé.
Desde que ao redor desta terra troiana
eu e Febo erguemos torres de pedra 5

com retas réguas, nunca se afastou
de mim o afeto da urbe dos frígios,
que agora fumega e perece pilhada
por lança argiva. Épio de Parnaso,
da Fócida, por expediente de Palas,
construiu o cavalo prenhe de armas
e pôs dentro das torres, funesto fardo.
Por isso por pósteros será chamado
cavalo de pau, por vestir oculto pau.
Bosques vazios e templos de Deuses
vertem sangue; nos degraus do altar
de Zeus protetor, Príamo jaz morto.
Muito ouro e despojos frígios vão
para os navios aqueus; e esperam
vento de popa, para no décimo ano
contentes verem esposas e filhos,
os gregos que atacaram esta urbe.
Eu, vencido pela argiva Deusa Hera
e Atena, as destruidoras dos frígios,
deixo a ínclita Ílion e meus altares.
Quando maligno vazio toma a urbe,
Deuses doentes não querem honras
e Escamandro ecoa muitos gemidos
de cativas feitas lotes de seus donos.
Umas o árcade tem, outras o tessálio,
outras os atenienses nobres Tesidas.
As troianas loteadas estão sob estes
tetos, as escolhidas para os primeiros
da tropa; com elas, a lacônia Tindárida
Helena, vista como cativa com justiça.
Quem quiser pode ver ali prostrada
a mísera Hécuba diante das portas
chorando muito pranto por muitos,
sem saber que na tumba de Aquiles
sua filha Políxena teve mísera morte.
Foram-se Príamo e os filhos, e Apolo
rei tornou a filha Cassandra delirante,
e negligente do divino e da piedade
Agamêmnon força núpcias trevosas.
Eu te saúdo, urbe de boa sorte antes,
polida fortaleza, se não te destruísse

Palas, filha de Zeus, viverias ainda.
ATENA:
Com o familiar mais próximo do pai,
grande Nume honrado entre Deuses,
podemos falar livres de antiga rusga?
POSÍDON:
Podemos, pois a companhia familiar,
rainha Atena, tem não pouco encanto.
ATENA:
Aprovo a índole doce e comunicarei
as razões comuns a mim e a ti, ó rei.
POSÍDON:
Anuncias notícia de um dos Deuses,
de Zeus ou ainda de um dos Numes?
ATENA:
Não, mas por Troia, onde estamos,
venho ao teu poder propor aliança.
POSÍDON:
Deixaste a antiga rusga e tens dó
dela agora já devastada pelo fogo?
ATENA:
Retorna lá antes, terás razões comuns
e quererás comigo o que quero fazer?
POSÍDON:
Sim, mas ainda quero saber de ti
se vens por aqueus ou por troianos.
ATENA:
Quero aos antigos inimigos troianos
alegrar, e amargar a volta dos aqueus.
POSÍDON:
Por que saltas assim ora aqui ora ali,
e odeias e amas demais a quem for?
ATENA:
Ignoras o ultraje a mim e ao templo?
POSÍDON:
Sei, Ájax puxou Cassandra à força.
ATENA:
Impune e inimputado por aqueus.
POSÍDON:
Sim, pilharam Ílion com tua força.
ATENA:

Por isso, contigo, quero puni-los.
POSÍDON:
De mim tens o pedido. Que farás?
ATENA:
Quero lhes dar malfadado regresso.
POSÍDON:
Retidos em terra ou em salino mar?
ATENA:
Ao navegarem de Ílion para casa.
Zeus fará chuva e granizo imenso
e sombrios sopros do firmamento,
diz que me dará o fulminante fogo
para ferir aqueus e queimar navios.
Tu, por tua vez, dá-lhes o mar Egeu
bramindo com torrentes e turbilhões,
enche de mortos o côncavo de Eubeia,
para que os aqueus doravante saibam
venerar meu templo e outros Deuses!
POSÍDON:
Assim será. O favor não pede longas
falas, perturbarei o pélago do mar Egeu.
As bordas de Míconos, os recifes délios,
Siros, Lemnos e os pontais de Cafareu
terão corpos de muitos finados mortos.
Segue ao Olimpo, e das mãos paternas
recebe os dardos fulminantes e espera
até que a esquadra argiva solte a vela!
Tolo é o mortal devastador de urbes,
pilhando templos e tumbas sagradas
dos mortos, ele mesmo perece depois.
HÉCUBA:
Ó de mau Nume, ergue do chão
a cabeça e o pescoço! Não há mais
Troia, não somos os reis de Troia.
Suporta essa mudança do Nume!
Navega o mar! Navega o Nume!
Não contraponhas a proa da vida
à onda, quando navegas a sorte!
Aiaî aiaî!
O que não posso chorar, mísera,
ao ruírem pátria, filhos e marido?

Ó grande orgulho recolhido
avoengo, não éreis nada!
Por que calar? Por que não?
Por que prantear?
Mísera de mim por grave Nume
prostrada por flexão das juntas,
estendido o dorso em duro leito.
Oímoi, cabeça! *Oímoi*, têmporas
e costelas! Que gana de girar
e oscilar dorso e espinha
para ambos os lados, indo
sempre a elegias de lágrimas!
Musa esta ainda é dos míseros,
sem coros celebrar a ruína.

Proas de navios, com velozes
remos indo à sagrada Ílion
por purpúrea via marinha
e portos de bom porte gregos,
com hediondo peã de aulos
e voz de siringes sonoras,
dependurastes o têxtil
artesanato egípcio
aiaî, no golfo de Troia,
ao encalço da hedionda
esposa de Menelau, acinte a Castor,
e ignomínia ao Eurotas.
Ela imola
o semeador de cinquenta filhos
Príamo e a mim, mísera Hécuba,
ela me pôs a pique nesta ruína.
Ómoi, em que sede me sento
sentada na tenda de Agamêmnon!
Serva sou levada
de casa, anciã enlutada,
devastada cabeça miserável.
Ó esposas miserandas
de troianos de lança brônzea
e moças de más núpcias,
Ílion fumega, choremos!
Qual clamor de aladas

aves, mãe, dedicarei
não a mesma dança
que outrora,
quando Príamo portava cetro,
com boas batidas de pé regente
dedicava aos Deuses frígios.

[PÁRODO (153-229)]

SEMICORO 1:
Hécuba, que gritas? Que clamas? [EST. 1]
A que vem a palavra? Em casa
ouvia as lamúrias que lamurias.
O pavor assalta o peito
de troianas, que em casa
lastimam a servidão.
HÉCUBA:
Ó filhas, nos navios aqueus
a mão já se move com remo.
CORO:
Ai de mim, por quê? Aonde
o navio já me leva da pátria?
HÉCUBA:
Não sei, imagino a ruína.
CORO:
Iò ió!
Míseras, para ouvir males,
troianas, saístes de casa;
argivos preparam o retorno.
HÉCUBA:
È é!
Não permitais
que Cassandra a debacar,
opróbrio perante argivos,
venha para fora, louca!
Não me torneis maior a dor!
Iò ió!
Troia, Troia, mísera pereces,
míseros, os que te deixam,
os vivos e os mortos!

SEMICORO 2:

Oímoi! Trêmula saí da tenda [ANT. 1]
de Agamêmnon, para ouvir-te,
ó rainha. A opinião de argivos
é de que mísera não me matem?
Ou já nas popas se preparam
marujos para mover remos?

HÉCUBA:

Ó filha, na alvorada vim,
a vida transida de horror.

CORO:

Já veio um arauto dânao?
Mísera sirvo a que leito?

HÉCUBA:

Perto talvez tenhas sorteio.

CORO:

Iò ió!
Que argivo, ou que ftiota,
ou ilhéu, me levará a mísera
condição longe de Troia?

HÉCUBA:

Pheû, pheû!
Mísera anciã servirei
a quem, como, onde?
Qual zangão, tímida,
espectro de morto,
inane ícone de mortos,
aiaî aiaî,
a vigiar junto a vestíbulos ou
criar crianças, eu que em Troia
detinha as honras de soberana?

CORO:

Aiaî aiaî, com que prantos [EST. 2]
se poderia chorar esta ruína?
Não moverei teares ideus
ao rodopiar a lançadeira.
Extrema vejo a casa paterna,
extrema. Mais dores terei
ou forçada a leito de gregos
(vá-se essa Noite e Nume!)
ou aguadeira de Pirene sendo

mísera serva de águas santas.
Fosse eu à ínclita região
bem numinosa de Teseu!
Não ao rodopio do Eurotas
e odiosa servidão a Helena,
onde servirei Menelau,
o devastador de Troia.

A santa região de Peneu, ANT. 2]
a mais bela base do Olimpo,
ouvi que cheia de opulência
floresce com belos frutos;
isso depois de ir à sacra
divina região de Teseu.
Ainda, ao Etna de Hefesto,
região defronte de Cartago,
mãe dos montes Sícelos, ouço
proclamar coroados méritos,
e a terra mais vizinha
do marujo do mar Jônio,
regada por belíssimo rio
brilhante com loira crina,
Crátis, almo de águas divinas,
tornando opulenta a terra viril.

[PRIMEIRO EPISÓDIO (230-510)]

CORO:
Eis que do exército dânao vem
o arauto, gestor de recentes falas,
executando passo de rápido pé.
Que traz? Que diz? Servas
já somos da terra dória.

TALTÍBIO:
Hécuba, conheces-me por muitas idas
a Troia como arauto do exército aqueu;
reconhecido, sim, diante de ti, ó mulher,
Taltíbio venho anunciar a palavra nova.

HÉCUBA:
Isso, isso, caras mulheres, era o pavor.

TALTÍBIO:
Já fostes sorteadas, se vos era o pavor.

HÉCUBA:
Aiaî, que urbe dizes
ou em Tessália ou em Ftia
ou na terra de Cadmo?
TALTÍBIO:
Sorteou-se cada uma de vós, não o lote.
HÉCUBA:
Quem coube a quem? Boa sorte espera
que troiana?
TALTÍBIO:
Sei, mas diz cada uma, não todas juntas!
HÉCUBA:
Ora, diz quem obteve
minha filha mísera Cassandra!
TALTÍBIO:
O rei Agamêmnon a teve escolhida.
HÉCUBA:
A serviço de noiva lacedemônia,
serva? *Ómoi moi!*
TALTÍBIO:
Não, mas noiva de trevosas núpcias.
HÉCUBA:
A virgem de Febo? O de áurea crina
como prêmio lhe deu a vida inupta.
TALTÍBIO:
O Amor da moça divina o alvejou.
HÉCUBA:
Retira, filha, do corpo, os ramos
divinos e os paramentos sagrados
de adornadas coroas!
TALTÍBIO:
Não é grande sorte o leito do rei?
HÉCUBA:
Por que me retiraste a filha nova?
Onde está ela?
TALTÍBIO:
Dizes Políxena, ou que perguntas?
HÉCUBA:
Essa, a quem o sorteio a jungiu?
TALTÍBIO:
Posta a servir a tumba de Aquiles.

HÉCUBA:
Ómoi! Eu a pari para servir
tumba? Mas que lei é essa,
que decreto de gregos, ó caro?
TALTÍBIO:
Felicita a filha! Ela está bem.
HÉCUBA:
Que é o que disseste?
Ora, ela me vê o sol?
TALTÍBIO:
A sorte a mantém livre dos males.
HÉCUBA:
E a mulher do brônzeo mestre Heitor,
Andrômaca mísera, que sorte ela tem?
TALTÍBIO:
O filho de Aquiles a teve escolhida.
HÉCUBA:
A quem sirvo eu que na mão velha
necessito do terceiro pé do bastão?
TALTÍBIO:
O rei de Ítaca Odisseu te teve serva.
HÉCUBA:
È é!
Golpeia a cabeça raspada!
Sulca dupla face com unhas!
Ió moí moi!
Coube-me servir
abominável varão doloso,
hostil à Justiça, fera fora da lei,
que tudo revira de lá para cá,
e ao contrário aliás para lá,
com dúplice língua
tornando antigos amigos inimigos.
Chorai-me, troianas!
Parti malsinada, fui,
mísera me tocou
o lote de má sorte.

CORO:
Sei tua sorte, senhora, mas a mim
que aqueu ou que grego me obtém?

TALTÍBIO:
Servos, ide, trazei aqui Cassandra
o mais rápido, para que, ao estratego,
a leve em mãos e, depois, aos outros,
as outras cativas de guerra sorteadas!
Éa! Que brilho de pinho arde em casa?
Troianas queimam tendas? Que fazem?
Prestes a serem levadas desta terra
para Argos, põem fogo no corpo,
querem morrer? De fato a liberdade
em tais casos suporta mal seus males.
Abre! Abre! Útil a elas, mas hostil
aos aqueus, aquilo não me imputem!
HÉCUBA:
Não, não queimam, mas minha filha
Cassandra louca está vindo para cá.
CASSANDRA:
Acima adiante leva luz! Venero, flamo [EST.]
— olha! olha! —
com tocha este templo, ó rei Himeneu!
Venturoso noivo,
venturosa sou com leito de rei,
casando-me em Argos.
Hímen, ó rei Himeneu!
Quando em prantos e ais
tu, mãe, lamentas o pai
morto e a nossa pátria,
eu por minhas núpcias
acendo a luz do fogo
brilhante esplendente
por ti, ó Himeneu,
por ti, ó Hécate, luz
em núpcias de virgens
como é costume.

Brande o pé ao céu! Guia! Guia o coro [ANT.]
— *euàn! euoî!* —
como na mais venturosa sorte
de meu pai! O coro é sagrado.
Guia tu, Febo! Em teu templo
entre loureiros queimo incenso.

Hímen! Ó Himeneu! Hímen!
Celebra, mãe, conduz o coro!
Rodopia teu pé aqui ali comigo
com o mais caro passo dos pés!
Grita: "Ó Himeneu!"
com venturosas cantorias
e com os clamores à noiva!
Ó de belos véus frígias
filhas, vinde! Cantai
o marido dado ao leito
de minhas núpcias!

CORO:

Rainha, não deterás a filha bacante?
Não dê o leve passo à turba argiva!

HÉCUBA:

Hefesto, em núpcias de mortais tens
tochas, mas ardes essa lúgubre chama
sem grandes esperanças. *Oímoi,* filha!
Não por lança, nem por dardo argivo,
outrora supunha que faria tuas núpcias.
Dá-me a tocha! Não é correto portar
fogo, andando louca. Por tua sorte, filha,
não tens lucidez, mas ainda és a mesma.
Troianas, retirai as tochas e substituí,
por lágrimas, os seus cantos nupciais!

CASSANDRA:

Mãe, cobre a minha cabeça vitoriosa
e alegra-te com minhas núpcias régias
e segue, ainda que isto não te anime!
Empurra à força! Pois se Lóxias vive,
terá núpcias mais duras que Helena
o ínclito rei de aqueus Agamêmnon.
Eu o matarei e pilharei o seu palácio
em punição por meus irmãos e pai.
Mas omitirei, não hinearemos lâmina
que virá ao pescoço meu e dos outros,
jogos matricidas, institutos de minhas
núpcias, e ruína do palácio de Atreu.
Mostrarei esta urbe mais venturosa
que os aqueus, por Deus, sim, mas

tão fora estarei das festas de Baco.
Por uma só mulher e uma só Cípris,
à caça de Helena mataram dez mil.
O hábil estratego em prol de inimigos
destruiu os seus, ao dar os prazeres
dos filhos ao irmão, pela mulher
levada de bom grado e não à força.
Ao irem às bordas do Escamandro,
morreram não por fronteiras da terra
nem por torres pátrias, que Ares pilha,
não viram filhos, nem tiveram vestes
de mãos de esposas e jazem em terra
estranha. A situação de casa era símil:
morriam viúvas e as sem filho em casa,
tiveram filhos em vão, além de tumbas
não há quem lhes dará o sangue à terra.
Sim, deste elogio a frota é merecedora.
O melhor é calar o opróbrio, não seja
nunca Musa cantora de hinos a males!
Troianos, primeiro, a mais bela glória,
morriam pela pátria, a lança os pilha,
mortos levados para casa por amigos
e o solo da terra pátria os encerrava
vestidos pelas mãos dos que deviam.
Se os frígios não morriam na batalha,
viviam todo dia com a mulher e filhos
e com aqueus que não têm os prazeres.
Ouve como são as aflições de Heitor!
Visto como varão exímio, morto se foi
e a chegada dos aqueus promoveu isso;
se ficassem em casa, não se veria nobre.
Páris desposou filha de Zeus; sem isso,
teria em casa um casamento silencioso.
Deve evitar a guerra quem pensa bem,
mas se vem, coroa não má para a urbe
é morrer bem, mas se não bem, infame!
Por isso, mãe, não deves chorar a terra
nem as minhas núpcias, pois destruirei
os meus inimigos com as minhas núpcias.

CORO:

Que doce riso tu ris dos próprios males!

Cantas e cantando talvez não sejas claro.

TALTÍBIO:

Se Apolo não te inebriasse o espírito,
não sem paga escoltarias desta terra
os meus estrategos com tais palavras.
Ora, veneráveis e renomados sábios
não podem mais que o não ser nada!
O caro filho de Atreu, o rei supremo
de todos os gregos, teve seleto desejo
desta louca. Ainda que eu seja pobre,
eu não reivindicaria as suas núpcias.
Como não tens espírito apto, os teus
insultos a argivos e louvor de frígios
dou aos ventos que levem. Segue-me
para o navio, bela noiva do estratego!
Tu, quando o filho de Laertes quiser
levar-te, segue-o! Servirás a prudente
mulher, como dizem os vindos a Ílion.

CASSANDRA:

Terrível servidor! Que nome arautos
têm, único ódio comum aos mortais,
os imediatos de soberanos e de urbes?
Tu dizes que minha mãe irá ao palácio
de Odisseu? E as palavras de Apolo
que interpretadas me dizem que ela
morrerá aqui? Não repreenderei mais.
Mísero não sabe que dores o esperam,
que ouro ainda lhe parecerão os males
meus e frígios. Completos dez anos,
além destes dez, a sós chegará à pátria
onde achará males dignos de gemidos; [Kovacs]
do regresso o afastará guardiã insone [Kovacs]
que em estreito canal de pedra reside,
terrível Caríbdis, o crudívoro montês
Ciclope, a lígure Circe transmutadora
em porcos, naufrágios no salino mar,
amores de loto, as vacas sacras do Sol,
elas um dia terão nas carnes sangrentas
voz acerba a Odisseu. Para ser concisa,
vivo irá à casa de Hades e salvo do lago
achará dez mil males ao chegar em casa.

Mas por que disparo males de Odisseu?
Vai rápido! Desposemos o noivo em Hades.
Mau, terás maus funerais à noite, não de dia,
ó considerado venerando chefe dos dânaos!
E o precipício fará de mim pasto de feras
morta arremessada nua n'água hiemíflua
a serva de Apolo, perto da tumba do noivo.
Ó coroas do Deus caríssimo, enfeites évios,
salve! Deixei festas em que me enfeitava.
Ide, lacerados, do meu corpo ainda puro!
Dou que os levem as auras, ó rei adivinho!
Onde está o navio do estratego? Aonde ir?
Não mais esperarias por ventos nas velas,
ao ter-me uma das três Erínies desta terra.
Salve, minha mãe! Não chores! Ó pátria,
ó meus irmãos e o nosso pai sob a terra,
não me tardarei. Irei aos mortos vitoriosa
por pilhar a casa dos Atridas, nossa ruína.

CORO:

Guardas da velha Hécuba, não vistes
que a senhora cai sem voz ao longo?
Não socorrereis? Ou deixareis, ó vis,
a velha caída? Ponde o corpo de pé!

HÉCUBA:

Deixai-me jazer caída, não é grato
o ingrato, ó filhas, padeço, padeci
e padecerei dores dignas de quedas.
Ó Deuses! Invoco os aliados maus,
todavia invocar Deuses tem a ver,
se um de nós tem sorte de má sorte.
Primeiro me é grato cantar os bens,
suscitarei mais lástima dos males.
Princesa me casei com a casa real,
e assim gerei os filhos excelentes,
não só cifra, mas soberbos frígios,
tais quais nem grega nem bárbara
troiana poderia alardear ter gerado.
Vi-os ainda cair sob a lança grega
e cortei o cabelo ante as tumbas.
Não por ouvir de outros, chorei

o pai Príamo, mas com estes olhos
vi-o junto à pira da cerca imolado,
e a urbe, pilhada. Filhas que criei
para escolhida avaliação de noivos,
criei para outros, tiradas dos braços.
Não há esperança de que me vejam
elas, nem de que eu as veja um dia.
Por fim, o friso de míseros males,
serva anciã partirei para a Grécia.
O mais difícil para minha velhice
me imporão a mim, mãe de Heitor,
ou serva de portas vigiar as trancas,
ou fabricar pães e após régios leitos
deitar no chão as recurvadas costas
sobre a pele gasta, os mantos gastos
lacerados, infames para os opulentos.
Ai, mísera de mim! Por únicas núpcias
de única mulher, que tive e que terei!
Ó filha, ó Cassandra, baca divina,
em que dia perdeste a virgindade!
Tu, ó pobre Políxena, onde estás?
Dos muitos filhos, nenhum rebento,
macho ou fêmeo, vale a esta pobre!
Por que me ergueis? Que esperanças?
Levai o pé, outrora belo em Troia,
agora servil, ao catre ao rés do chão
e à manta pétrea, para cair e morrer,
debulhada em pranto! Não felicites
os de bom Nume antes que morram!

[PRIMEIRO ESTÁSIMO (511-567)]

CORO:

Canta-me de Ílion, ó Musa, [EST.]
de novos hinos com prantos
o canto lutuoso!
Agora entoarei o canto a Troia,
como sob quadrúpede veículo
mísera morri cativa de argivos,
ao deixarem os aqueus o cavalo
bramindo de áureo elmo ao céu
em armas perante as portas.

O povo de pé na pedra
de Troia proclamou:
“Ide, ó saídos de males,
“levai esta sacra imagem
“à filha de Zeus em Ílion!”
Que moça não foi? De casa
que velho não saiu?
Alegres com os cantares
malograram dolosa ruína.

Toda a prole dos frígios [ANT.]
moveu-se para as portas,
dando à Deusa pinho montês polido
ardil argivo, ruína da terra dardânia,
graça da indômita de imortal potro.
Envolto de líneas cordas navais
qual barco negro na sede pétrea
e solo, o imolador da pátria,
deram à Deusa Palas.
Para a dor e a alegria,
vindas noturnas trevas,
a flauta líbia ressoava
frígias canções, e virgens
erguiam estrépito dos pés,
dançavam animada bulha.
Nas casas a luz fulgente
concedeu ao sono
o brilho negro do fogo.

Eu dançava nos coros [EPODO]
perto do templo à virgem
filha de Zeus montesa
e o grito de matança
na urbe teve a sede
de Pérgamo, filhinhos
lançavam nas mantas
mãos atônitas à mãe.
Ares saiu do ardil,
obra da filha Palas.
As mortes ante o altar
dos frígios e nos leitos
a solidão decapitada

de moças traziam coroa
nutriz de jovens à Grécia
e dor à pátria dos frígios.

[SEGUNDO EPISÓDIO (568-798)]

CORO:
Hécuba, vês aqui Andrômaca
transportada em carro estranho?
Segue junto ao serviço do seio
Astíanax filho seu e de Heitor.
Aonde vais no dorso do carro,
ó mísera mulher,
junto a brônzeas armas de Heitor
e espólio frígio, pilhado à lança,
com que o filho de Aquiles longe
de Troia cobrirá templos em Ftia?

ANDRÔMACA:
Os senhores aqueus me levam. [EST. 1]
HÉCUBA:
Oímoi!
ANDRÔMACA:
Por que meu peã gemes?
HÉCUBA:
Aiaî!
ANDRÔMACA:
Por estas minhas dores!
HÉCUBA:
Ó Zeus.
ANDRÔMACA:
Que infortúnio!
HÉCUBA:
Filhos...
ANDRÔMACA:
...éramos antes.

HÉCUBA:
Sumiu a riqueza, sumiu Troia... [ANT. 1]
ANDRÔMACA:
...mísera!
HÉCUBA:
Prole de meus filhos.

ANDRÔMACA:
Pheû pheû!
HÉCUBA:
Pheû, sim, por meus...
ANDRÔMACA:
...males.
HÉCUBA:
Mísera sorte...
ANDRÔMACA:
...da urbe...
HÉCUBA:
... que é fumaça!
ANDRÔMACA:
Venhas, ó meu esposo... [EST. 2]
HÉCUBA:
Clamas por meu filho
junto a Hades, ó mísera!
ANDRÔMACA:
...defesa de tua esposa!
ANDRÔMACA:
Tu, ó labéu dos aqueus... [ANT. 2]
HÉCUBA:
...dentre os nossos filhos
o primogênito de Príamo.
ANDRÔMACA:
Leva-me à casa de Hades!
ANDRÔMACA:
Eis grandes saudades! [EST. 3]
HÉCUBA:
Míseras, que dor!
ANDRÔMACA:
Pretérita urbe!
HÉCUBA:
Dores entremeiam dores!
ANDRÔMACA:
Hostis os Deuses, teu filho livre de Hades
destruiu Troia por graça de leito hediondo.
Junto à Deusa Palas os mortos sangrentos
cevam abutre. Jugo doloso destruiu Troia.
HÉCUBA:

Ó pátria, ó mísera! [ANT. 2]
ANDRÔMACA:
Choro teu abandono.
HÉCUBA:
Agora vês triste fim...
ANDRÔMACA:
... e a casa onde fui mãe.
HÉCUBA:
Ó filhos, mãe de erma urbe vos
deixa. Que miséria! Que dores!
Prantos brotam de prantos por
nossa casa. O morto não tem dores.
CORO:
Doce é o pranto para os que estão mal,
os lamentos de nênia e Musa dolorosa.
ANDRÔMACA:
Ó mãe de Heitor, lanceiro matador
de muitos argivos, estás vendo isto?
HÉCUBA:
Vejo que os Deuses ora fortalecem
os anônimos, ora anulam os gloriosos.
ANDRÔMACA:
Levam-me presa com filho. O nobre
se torna servo com tantas mudanças.
HÉCUBA:
A coerção é terrível. Cassandra agora
de mim se foi arrebatada à força.
ANDRÔMACA:
Pheû pheû!
Outro Ájax, ao que parece, surgiu,
outro para tua filha, e outras dores.
HÉCUBA:
Não tenho medida nem conta disso,
o mal corre competindo com o mal.
ANDRÔMACA:
Tua filha Políxena está morta no túmulo
de Aquiles, imolada, dom a morto inânime.
HÉCUBA:
Mísera de mim! Eis claro aquele enigma
que antes não às claras Taltíbio me disse.

ANDRÔMACA:
Eu mesma a avistei, desci deste carro,
recobri com mantos e pranteei a morta.
HÉCUBA:
Aiaî, ó filha, por teu ímpio massacre!
Aiaî, ainda mais, por morreres mal!
ANDRÔMACA:
Morreu tal como morreu, mas morreu
por destino de sorte melhor que viver!
HÉCUBA:
Morte não é o mesmo que vida, filha;
isso não é nada e não tem esperanças.
ANDRÔMACA:
Ó mãe, ó genitora, ouve a mais bela
fala, que te dou ao prazer do espírito!
Digo a morte ser igual a não nascer,
e a morte vale mais que viver aflito,
pois não tem a dor de saber os males.
Quem teve boa sorte, ao cair em má,
leva a vida longe da antiga felicidade.
Ela, tal como se ela não visse a luz,
está morta e não sabe os seus males.
Eu, por ter em mira a boa reputação,
ao lográ-la plena, malogrei a sorte.
A prudência que se vê em mulheres
eu a praticava sob o teto de Heitor.
Primeiro, que se acrescente ou não
vitupério às mulheres, o não ficar
em casa atrai mesmo má reputação.
Depondo esse desejo, ficava em casa.
Dentro de casa, não me permitia sutis
falas femininas, mas o útil me bastava
com a inteligência por mestre em casa.
Oferecia língua silente e vista serena
ao marido, sabia quando devia vencê-lo
e em que devia conceder-lhe a vitória.
O rumor disso ao chegar ao exército
aqueu destruiu-me; depois de presa
o filho de Aquiles me quis desposar
e serei serva na casa dos facínoras.
Se repelindo meu caríssimo Heitor

abrir o coração ao presente esposo,
vil me mostrarei ao morto. Se aliás
eu o odiar, serei odiosa aos senhores.
Dizem porém que uma noite relaxa
o ódio da mulher ao leito do varão.
Abominei a que repelindo o antigo
marido ama outro em novas núpcias.
Mas nem a potra, quando apartada
de sua parelha, puxa fácil a canga.
O animal porém nasceu sem fala
e fica sem usar ciência e natureza.
Ó caro Heitor, tive-te digno marido,
grande em saber, ser, ter e coragem,
ao receber-me pura na casa paterna.
Primeiro subjugaste o leito virgíneo.
Agora tu estás morto, eu navegarei
para a Grécia, cativa de jugo servil.
Ora, não é menor que meus males
a perda de Políxena, que lastimas?
A esperança de todos os mortais,
não convive comigo, não me iludo
que estarei bem, mas crer é suave.

CORO:

Tens igual infortúnio, o teu pranto
me mostra onde me vejo nos males.

HÉCUBA:

Eu mesma nunca entrei num navio,
sei por ter visto figura e por ouvir.
Se marujos enfrentam tempestade,
empenham-se em salvar dos males,
um no timão, outro firme nas velas,
outro secando o navio; se mar vasto
sobrepuja turvo, entregues à sorte,
abandonam-se ao curso das ondas.
Assim ainda eu, com muitas dores,
estou sem fala e abandono a boca.
Vence-me a miseranda vaga divina.
Mas, minha filha, da sorte de Heitor
desiste! Não o salvam teus prantos!
Honra quem doravante é teu senhor,
ao dar isca de teus modos ao marido.

Assim alegrarás os amigos comuns,
e este filho do filho poderias criar,
o mais útil a Troia, para que um dia
filhos de ti nascidos habitassem Ílion
outra vez e a urbe persistisse ainda.
Mas de uma razão sai outra razão,
aliás, que servo aqueu aqui avisto
vindo anunciar as novas decisões?

TALTÍBIO:

Viúva de Heitor, o exímio dos frígios,
não me odeies! Não anuente anunciarei
anúncios comuns dos dânaos e Pelópidas.

ANDRÔMACA:

Que é? Assim inicias proêmio de males.

TALTÍBIO:

Decidiram que teu filho... como dizer?

ANDRÔMACA:

Não terá o mesmo soberano que nós?

TALTÍBIO:

Nenhum dos aqueus será seu soberano.

ANDRÔMACA:

Aqui o deixarão resíduo dos frígios?

TALTÍBIO:

Não sei como te dizer fácil os males.

ANDRÔMACA:

Louvo o pudor, menos se dizes males.

TALTÍBIO:

Matarão teu filho, saibas o grande mal!

ANDRÔMACA:

Oímoi! Ouvi mal maior que as núpcias!

TALTÍBIO:

Odisseu vence ao falar aos gregos todos...

ANDRÔMACA:

Aiaî, ainda! Não temos males normais.

TALTÍBIO:

... que não criassem filho de pai exímio.

ANDRÔMACA:

Tal vitória ele tivesse contra si mesmo!

TALTÍBIO:

Que devem lançá-lo das torres de Troia.
Mas que assim seja e mais sábia te mostres!

Não resistas a isso! Sofre nobre nos males!
Não creias que sem forças tenhas poder!
Não podes resistir. É preciso examinar,
mortos urbe e marido, tu estás vencida,
e nós, capazes de lutar contra uma só
mulher. Por isso, não queiras confronto!
Não faças nada indigno, nem rancoroso!
Não quero que rogues praga aos aqueus!
Se disseres algo com que se ire o exército,
este filho não teria funerais nem prantos.
Se te calasse e suportasse bem tua sorte,
não deixarias insepulto o teu filho morto
e encontrarias os aqueus mais benévolos.

ANDRÔMACA:

Ó meu caríssimo, ó honradíssimo filho,
morto por inimigos deixas mísera mãe,
a nobreza do teu pai te matará,
esta para os outros é a salvação,
o valor do pai não foi oportuno.
Ó leito meu de má sorte e núpcias,
quando vim à residência de Heitor
gerar filho, não vítima dos dânaos,
mas soberano da sementeira Ásia!
Ó filho, choras? Sentes teus males?
Por que me tomas e reténs o manto,
qual filhote caindo de minhas asas?
Não virá Heitor, com ínclita lança,
emerso da terra, trazer-te salvação,
nem família pátria, nem força frígia.
Cair sem dó de lúgubre salto do alto
sobre o pescoço romperá teu sopro.
Ó abraço de filho caríssimo à mãe!
Ó doce odor da pele! Ora, em vão
este seio te alimentou nas fraldas,
em vão trabalhei e suportei fadigas.
Agora nunca mais! Abraça tua mãe,
cai junto à genitora e com os braços
enlaça minhas costas e roça a boca!
Ó gregos inventores de males bárbaros,
por que matais o meu filho inocente?
Ó filha de Tindáreo, nunca de Zeus,

digo que tu nasceste de muitos pais:
primeiro, Punidor, depois, Negador,
Cruor, Morte, males que Terra nutre.
Eu não direi nunca que Zeus te gerou,
morte para muitos bárbaros e gregos.
Morras! Com belíssimos olhos, feio
destruíste o ínclito campo dos frígios.
Mas ide, levai, lançai, se votais lançar,
partilhai suas carnes! Nós sucumbimos
por Deuses e da morte não poderíamos
afastar o filho. Coroai-me lastimável
e precipitai-vos aos navios! Vou a belo
himeneu, ao perder o meu próprio filho.

CORO:

Mísera Troia, perdeste uma miríade por
graça de uma só mulher e leito hediondo!

TALTÍBIO:

Vamos, filho, solta o caro abraço
da triste mãe, vai às altas coroas
das torres pátrias, onde sufrágio
decretou que abandonas o sopro!
Levai-o! Deve fazer tais anúncios
quem é impiedoso
e mais afim à indecência
que o nosso sentimento.

HÉCUBA:

Ó filho, ó triste filho do filho,
sem justiça roubam tua vida
da mãe e de mim! Que temer?
Que fazer, ó infausto? Por ti
golpeio a cabeça e o peito,
isso podemos. Mísera urbe!
Oímoi por ti! Que não temos?
O que nos falta para rápida
queda em completa ruína?

[SEGUNDO ESTÁSIMO (799-859)]

CORO:

Ó rei Télamon da apicultora Salamina [EST. 1]
morador da sede da circunvalada ilha

reclinada em bordas sacras onde Atena
mostra primeiro ramo de glauca oliveira,
coroa celeste e adorno de Atenas brilhante,
vieste, vieste, par de exímio
arqueiro filho de Alcmena,
para destruir Ílion, Ílion,
a nossa urbe de outrora,
quando vieste da Grécia,

quando da Grécia primeiro guiou a flor [ANT. 1]
sem cavalos e no rio Simoente pendeu
os remos marinhos, atou cordas à popa
e retirou dos navios a mão de boa mira,
morte a Laomedonte, ao ganhar lavores
de Febo com ígneo, ígneo sopro
purpúreo, pilhou solo de Troia
e por duplo ataque às torres
lança letal venceu aos Dardânidas.

Ó belo passo de áureo vaso de vinho, [EST. 2]
filho de Laomedonte, belo serviço,
em vão tens cheia a taça de Zeus!
Tua mãe arde em chamas,
as orlas marinhas
gritavam como pássaro
por filhos, ora gemem
esposas, ora os filhos,
ora as mães grisalhas.
Teus banhos orvalhados
e as corridas nos ginásios
se foram, e tu com Graças
tens sereno o rosto jovem
junto ao trono de Zeus. Lança
grega destruiu terra de Príamo.

Amor, Amor, foste à casa dardânia [ANT. 2]
por importares aos filhos do Céu,
quanto já fortaleceste grande Troia
com núpcias de Deuses! O vitupério
de Zeus eu não mais direi.
A luz de Aurora de alvas asas
grata a mortais funesta viu
a terra, viu a ruína de Pérgamo,

ao ter desta terra o esposo
prolífico no tálamo,
áurea quadriga de astros
o raptou e roubou, grande
esperança da pátria. Amavios
de Deuses se foram de Troia.

[TERCEIRO EPISÓDIO (860-1059)]

MENELAU:
Ó este bem fulgente brilho do Sol
em que capturarei a minha esposa
Helena. Sim, com muitas fadigas,
sou eu Menelau e o exército aqueu.
Vim a Troia, não tanto como parece
por mulher, mas contra falso hóspede
que de minha casa me roubou esposa.
Ele, pois, prestou justiça por Deuses,
ele e a terra, ao cair sob lança grega.
Vim para levar lacônia (não me praz
dizer o nome da esposa que outrora
foi minha). Nesta tenda entre cativas
ela foi contada com outras troianas.
Os que cumpriram a faina da lança
me deram para matar, se quisesse,
ou não matar e levar à terra argiva.
Eu decidi omitir a morte em Troia
de Helena e em navio veloz levar
à terra grega e dar então lá morte,
paga dos que têm mortos em Ílion.
Ide, companheiros, entrai na tenda,
trazei-me puxando-a pelos cabelos
poluídos de morte! Quando vierem
as brisas propícias, iremos à Grécia.
HÉCUBA:
Ó suporte da terra e sentado na terra,
quem sejas tu, o mais difícil de saber,
Zeus, coerção de ser, espírito mortal,
fiz-te esta prece; por vias sem ruído,
conduzes todos os mortais à justiça.
MENELAU:
Que? Inovaste a prece aos Deuses!

HÉCUBA:
Louvo-te, Menelau, se matas a esposa.
Evita vê-la, não te domine pelo desejo!
Pilha as vistas de varões, devasta urbes,
incendeia casas, assim são os encantos.
Conheço-os eu e tu e quem os sofreu.
HELENA:
Ó Menelau, proêmio digno de pavor
é este: pelas mãos de teus serventes,
sou trazida, à força, diante da tenda,
e sei que talvez tu me tenhas horror;
mas quero perguntar: qual a sentença
dos gregos e tua, sobre a minha vida?
MENELAU:
Não foi decidido, mas a tropa toda
me deu te matar, injuriado por ti.
HELENA:
A isso se pode responder com razão:
se morta não serei morta com justiça.
MENELAU:
Não vim para te ouvir, mas te matar.
HÉCUBA:
Ouve-a, não morra ela carente disso,
ó Menelau, e dá-nos o contraditório
contra ela, pois dos males de Troia
nada sabes! Completa, a razão toda
há de matá-la de modo a não fugir.
MENELAU:
O dom do ócio. Se ela quiser falar,
pode. Saibas que por tuas palavras
lho darei e não darei por sua graça!
HELENA:
Quer pareça que fale bem, quer mal,
talvez não ouças, crendo-me inimiga.
O que penso que dirás em acusação
a mim, eu responderei contrapondo
as tuas acusações e as minhas a ti.
Primeiro, gerou causa de males ela,
mãe de Páris, segundo, o pai destruiu
Troia e a mim, ao não matar o filho
Alexandre antes, acre ícone de tocha.

Ouve quais consequências doravante!
Ele julgou triplo jugo de três Deusas;
e a dádiva de Palas a Alexandre seria
devastar a Grécia com exército frígio;
Hera propôs, se Páris a elegesse, ser
o rei da Ásia e dos lindes da Europa;
Cípris, admirada de minha formosura,
prometeu dá-la, se superasse as Deusas
em beleza. Observa como é daí a fala!
Cípris vence as Deusas, minhas núpcias
valeram à Grécia: insubmissa a bárbaros,
não abatida por lança, nem sob tirania.
Grécia teve boa sorte, eu fui destruída,
traficada pela beleza e sou vituperada
por quem devia coroar minha cabeça.
Dirás que eu ainda não disse o óbvio,
como parti de teu palácio ocultamente.
Junto com a não pequena Deusa, veio
o Nume ilatente, Alexandre, ou ainda
Páris, se queres chamá-lo pelo nome;
tu, ó perverso, deixaste-o em tua casa
e partiste de Esparta ao solo de Creta.
Seja!
Pergunto ainda não a ti, mas a mim,
com que intenção saí de casa, segui
o estrangeiro e traí a pátria e a casa?
Coíbe a Deusa e sê maior que Zeus,
que tem o poder dos outros Numes
mas é servente dela; a mim, perdão.
Disto terias comigo plausível razão:
morto e no fundo da terra Alexandre,
eu, não mais servindo leito à Deusa,
devia deixar a casa e partir para Argos.
Isso eu queria, tenho por testemunhas
guardas das torres e vigias dos muros,
que muitas vezes me viram das ameias
tentar com laços furtar-me para o chão.
Sequestrada à força, esse novo esposo
Deífobo me retinha, apesar dos frígios.
Como ainda teria morte justa, marido,
por tua justiça, eu, desposada à força,

fora de casa, tendo em vez de prêmio
amarga servidão? Se queres dominar
os Deuses, esse teu desejo é ignorante.
CORO:
Ó rainha, defende teus filhos e pátria
da persuasão destrutiva dela, que fala
bem, sendo maléfica! Isso é terrível!
HÉCUBA:
Hei de ser das Deusas primeiro aliada
e mostrar que ela não fala com justiça.
Não creio que Hera e a virgem Palas
pudessem ir a tal ponto de ignorância,
que Hera vendesse Argos aos bárbaros,
e Palas submetesse Atenas aos frígios.
Não foram ao Ida por brincar e fruir
da formosura. Por que teria a Deusa
Hera tão grande amor pela beleza?
Para ter esposo melhor que Zeus?
Ou caçaria núpcias divinas Atena,
que hostil a núpcias pediu a seu pai
virgindade? Não faças Deusas néscias
honrando teu mal! Não vences sábios.
Disseste que Cípris (isso é muito riso)
foi com meu filho à casa de Menelau.
Se ela estivesse quieta no céu, não
te levaria com toda Amiclas a Ílion?
Meu filho era conspícuo pela beleza,
ao vê-lo, tua mente se tornou Cípris.
Toda lascívia de mortais é Afrodite
e o nome da Deusa certo diz demência.
Ao vê-lo brilhante nas vestes bárbaras
e no ouro, o teu espírito ficou louco.
Em Argos, tinhas pouco e te viravas;
longe de Esparta, esperaste inundar
a urbe dos frígios copiosa de ouro
com despesas; a casa de Menelau
não te bastava para saciar teu luxo.
Seja! Dizes meu filho te forçar a vir.
Que espartano viu? Ou que gemido
emitiste, vivo ainda Castor jovem
e o gêmeo, não ainda nos astros?

Quando vieste a Troia e os argivos
no teu encalço, a luta foi de lança.
Anunciadas vitórias de Menelau,
louvavas, para meu filho se afligir
com o grande antagonista no amor.
Se boa a sorte troiana, ele nada era.
Atenta à sorte, assim procedias para
segui-la, seguir virtude não querias.
Dizes ainda com laços tentar furtar-se
das torres, estando nelas contrariada.
Quando foste pega suspensa à forca
ou afiando faca, como mulher nobre
faria, se desejasse o antigo marido?
Muitas vezes, porém, te aconselhei:
"Ó filha, parte! Os meus filhos terão
"outras núpcias, oculta te escoltarei
"aos navios aqueus; cessa a guerra
"grega e nossa." Mas isso te doía.
Na casa de Alexandre, eras soberba
e as prosternações bárbaras querias.
Isso te importava e além disso saíste
enfeitada e contemplas a mesma luz
que o esposo, ó cabeça abominável!
Devias ir humilde, com roupas rotas,
trêmula de medo, escalpado o crânio,
com mais prudência que indecência
em vista de tuas pregressas erronias.
Ó Menelau, saibas como concluirei:
coroa a Grécia de modo digno de ti,
mata-a, e esta lei às outras mulheres
aplica: morrer quem trair o marido!

CORO:

Menelau, digno dos maiores e da casa,
pune a esposa e afasta da Grécia insulto
feminino, mostra-te nobre aos inimigos!

MENELAU:

Concluíste pela mesma razão que eu,
ela saiu por ela mesma de minha casa
para leito estranho, e graças ao alarde
Cípris entra nas razões. Sê dilapidada!
Paga muitas dores aqueias com poucas,

morta, para que saibas não me desonrar!
HELENA:
Por teus joelhos, não me mates! O mal
das Deusas não me imputes! Perdoa-me!
HÉCUBA:
Não traias os aliados que ela matou!
Por eles e por seus filhos, eu te peço!
MENELAU:
Cessa, ó velha! Não cogitei nela.
Digo aos servos que a conduzam
à popa da nau em que viajaremos.
HÉCUBA:
Não entre na mesma nau que tu!
MENELAU:
Por quê? Pesa mais do que antes?
HÉCUBA:
Não há amante que não ame sempre.
MENELAU:
Se assim sai o espírito dos amantes.
Será como queres. Não irá no navio
em que vou, pois tu não dizes mal.
Em Argos, vilmente, como merece,
terá morte vil, e tornará prudentes
todas as mulheres. Fácil isso não é,
sua morte, porém, infundirá pavor
à lascívia delas, por piores que sejam!

[TERCEIRO ESTÁSIMO (1060-1117)]

CORO:
Ó Zeus, abandonaste assim [EST. 1]
a aqueus o nicho de Ílion
e o turícremo altar,
chama de ofertas,
fumo de mirra ao céu
e Pérgamo sacra,
hederosos vales ideus, ideus,
irrigados por rio de neve,
e primeira meta de Aurora,
a iluminada divina morada?

Foram-se teus sacrifícios [ANT. 1]

e sacros clamores corais
e festas de Deuses à noite
e imagens de áureas estátuas
e as doze luas dos frígios
divinas completas.
Ó rei instalado na sede celeste
e na luz, importa-me, importa-me
se vês a ruína da urbe
sob fúlgida carga de fogo.

Ó meu esposo, ó caro, [EST. 2]
tu finado perambulas
insepulto sem banho e o navio
veloz alado no mar me levará
à Argos nutriz de potros, onde muros
de pedras ciclópicos celestes moram.
Muitas moças nas portas em pranto
suspensas gemem, clamam, clamam:
"Ó mãe, *ómoi!* Aqueus me levam
"a sós longe de teus olhos
"em navio de cor negra
"com os remos salinos
"ou à Salamina sagrada
"ou ao bifronte pico
"do istmo onde a sede
"de Pélops tem portas."

Ao navegar em alto mar [ANT. 2]
a nau de Menelau, caia
no meio dos remos certeiro
fogo fulminante no Egeu,
quando me bane de Ílion
chorosa serva na Grécia
e a filha de Zeus tem áureos
espelhos, graças de moças!
Não vá nunca à terra lacônia,
à casa paterna por Héstia!
Nem vá à urbe de Pítane
e à Deusa de brônzea porta
com vexaminosas núpcias
perante a grande Grécia
e com as míseras dores

perante o rio Simoente!

[ÊXODO (1118-1332)]

CORO:

Iò ió!
Na terra a sorte de novidade
em novidade revira. Contemplai,
ó míseras esposas troianas, Astíanax
morto! Em amargo arremesso
das torres os dânaos o mataram.

TALTÍBIO:

Hécuba, só a última partida de navio
transportará o espólio remanescente
do filho de Aquiles às costas de Ftia.
Neoptólemo mesmo partiu, por ouvir
novos eventos de Peleu, que Acasto,
o filho de Pélias, expulsou do solo.
Por isso, rápido, sem favor de ficar,
partiu, e com ele, Andrômaca, que
me levou ao pranto, ao ir do solo,
chorando pela pátria e despedindo-se
da tumba de Heitor. E a ele pediu
dar funerais ao morto, que das torres
perdeu a vida, filho de teu Heitor;
e o brônzeo escudo, pavor de aqueus,
com que seu pai protegia os flancos,
não transferir para a lareira de Peleu,
nem para o mesmo lar em que viverá
Andrômaca, mãe do morto, triste vista,
mas sepultar nele o filho, não em cedro
e cerca de pedra; e pô-lo em tuas mãos
para que prepares o morto com mantos
e coroas como podes com tuas posses,
porque partiu e a rapidez do senhor
impediu-a de dar sepultura ao filho.
Nós, quando tu adornares o morto,
cobriremos com terra e zarparemos.
Cumpre o mais rápido o mandado.
Por certo te livrei de uma fadiga:
ao atravessar o rio Escamandro,

banhei o morto e lavei as lesões.
Mas irei abrir-lhe cava sepultura,
para, concluído o que temos juntos
eu e tu, mover o remo para casa.
HÉCUBA:
Põe o redondo escudo de Heitor no solo,
triste espetáculo e não me é grato olhar!
Ó mais ufanos da lança que da mente,
que morte essa, aqueus, fizestes nova
por temor do filho? Que um dia pusesse
de pé Troia caída? Ora, não sois nada,
porque perdemos quando Heitor e mais
dez mil mãos tinham boa sorte na lança,
e capturada a urbe e mortos os frígios
temestes tal criança. Não louvo pavor,
se quem tem pavor não explica a razão.
Ó caríssimo, veio-te morte de má sorte!
Se morresses pela urbe já na juventude
já casado e rei de poder igual a Deus,
serias venturoso, se isso é venturoso;
mas ora não sabes que viste e soubeste,
ó filho, e não usaste, ao teres em casa.
Ó mísero, os muros pátrios edificados
por Lóxias cortaram que mísera mecha
de tua cabeça, que tua mãe cultivava
e beijava, onde brilha sangue de ossos
quebrados, para eu não cobrir o feio!
Ó mãos, que doce imagem paterna
possuis, mas jazeis soltas nas juntas!
Ó boca amada, fazendo muito alarde,
morreste, mentiste-me quando vindo
dizias: “Ó mãe, cortarei grande trança
“de mechas para tua tumba e guiarei
“o cortejo de amigos com saudações.”
Tu não me sepultas, mas eu, a ti, novo,
anciã sem urbe nem filho, mísero morto!
Oímoi! Muitos abraços, meus confortos,
aqueles sonos se foram. O que afinal
ainda um poeta gravaria em tua tumba?
Os argivos um dia mataram esta criança,
temerosos? Inscrição indigna da Grécia.

Mas, sem os bens do pai, terás, porém,
o brônzeo escudo em que serás sepultado.
Ó protetor do formoso braço de Heitor,
tu perdeste o teu primoroso guardião.
Suave em teu suporte jaz a impressão
e suor na bem torneada orla do escudo,
onde Heitor muitas vezes com o esforço
gotejou da fronte ao aproximar o queixo.
Ide, trazei um adorno ao mísero morto,
dentre os que temos! O Nume não dá
sorte à beleza; isto terás do que tenho.
É tolo o mortal que seguro se alegra
crendo estar bem; a sorte com modos
de homem atordoado ora aqui, ora ali,
salta e ninguém mesmo tem boa sorte.

CORO:

Elas nas mãos te trazem do espólio
frígio um adorno para atar ao morto.

HÉCUBA:

Ó filho, não vencedor dos coetâneos
equestre nem arqueiro, o que frígios
honram, sem alcançarem saciedade,
a mãe de teu pai te faz adornamentos
de teus pertences, que ora te roubou
Helena hedionda aos Deuses e ainda
imolou tua vida e destruiu toda a casa!

CORO:

Ê ê! O coração
tocaste, tocaste, ó meu grande
senhor da urbe de outrora!

HÉCUBA:

O que nas núpcias devias vestir,
ao desposar a mais nobre da Ásia,
te visto, vestes de adornos frígios.
Tu, ó de bela vitória mãe de mil
troféus, ó caro escudo de Heitor,
coroa-te! Não morrerás morto com
o morto, por ser mais digno de honras
que as armas do hábil e vil Odisseu.

CORO:

Aiaî aiaî!

Terra te receberá,
ó filho, acre lamento.
Geme, ó mãe!
HÉCUBA:
Aiaî!
CORO:
Hino dos mortos.
HÉCUBA:
Oímoi!
CORO:
Oímoi! Maus Numes ilatentes teus!
HÉCUBA:
Com faixas medicarei tuas chagas,
mísera médica, nomeada e inativa!
Entre os mortos o pai cuidará de ti.
CORO:
Ataca, ataca a cabeça
com remadas de mão!
Ió moí moi!
HÉCUBA:
Ó caríssimas mulheres!
CORO:
Hécuba, diz às tuas que voz tens!
HÉCUBA:
Entre Deuses havia só minhas dores,
Troia, discriminada detestada urbe,
e nossas vãs imolações de bois. Deus
se não virasse e revirasse todo o solo,
seríamos ignotos, não hinos de Musas,
sendo canções de posteriores mortais.
Ide! Sepultai morto em mísera tumba!
Tem como deves as coroas dos ínferos!
Creio que pouco importa aos mortos
se têm a sorte de opulentos funerais,
esse vazio alarde pertence aos vivos.
CORO:
Iò ió!
Mísera mãe que perdeu em ti
as grandes esperanças da vida!
Com grande riqueza nasceste

de nobres pais,
por terrível morte te perdes.
Éa éa!
Quem aqui no topo de Ílion
vejo remar mãos flamejantes
de tochas? Um novo mal
irá se aproximar de Troia.

TALTÍBIO:

Digo aos chefes incumbidos de queimar
a urbe de Príamo que não mais conservem
nas mãos chama inativa mas lancem fogo
para que nós devastemos a urbe de Ílion
e partamos de Troia para casa contentes.
Vós, para a mesma fala ter duas formas,
ide, ó povo troiano, aos navios aqueus
ao soarem o grito estrídulo de salpinge
os guias de tropa, para irdes desta terra!
Tu, ó velha mulher de mais árdua sorte,
segue-os, que te procuram por Odisseu,
a quem serva o sorteio te envia da pátria!

HÉCUBA:

Ai, mísera de mim! Este é o extremo
e o último já de todos os meus males!
Irei da pátria, a urbe arde em chamas.
Vamos, ó velho pé! Apressa-te apenas,
para me despedir da profligada urbe!
Ó outrora grande vida entre bárbaros,
Troia, logo perderás o ínclito nome.
Queimam-te, já nos levam do solo,
servas! *Ió*, Deuses! Por que os invoco?
Invocados também antes não ouviram.
Corramos para o fogo, que para mim
é melhor morrer no fogo com a pátria!

TALTÍBIO:

Mísera, tu te inspiras em teus males!
Mas levai, não poupeis, deveis levar
e dar em mãos o prêmio de Odisseu!

HÉCUBA:

Otototototoî! [EST. 1]
Ó Crônida, prítane frígio, pai

genitor, sabes que padecemos
dor indigna da prole de Dárdano?
CORO:
Ele sabe, a grande urbe ruiu
inurbana, não há mais Troia!
HÉCUBA:
Ototototoî! [ANT.1]
Ílion refulge, ardem
as casas de Pérgamo,
urbe e altos muros.
CORO:
Qual fumaça de asa favorável,
ao cair sob lança, a terra finda.
Forte o fogo e a arma inimiga
percorrem as casas.
HÉCUBA:
Ió! Terra nutriz dos meus filhos! [EST. 2]
CORO:
È é!
HÉCUBA:
Filhos, ouvi! Notai voz materna!
CORO:
Com o pranto invocas os mortos.
HÉCUBA:
Com meus velhos membros no chão,
batendo na terra com ambas as mãos.
CORO:
Após ti, ajoelho-me na terra,
chamando dos ínferos o meu
mísero esposo.
HÉCUBA:
Guiadas, levadas.
CORO:
Dor, dor entoas.
HÉCUBA:
Sob teto servil.
CORO:
Longe da pátria.
HÉCUBA:
Iò ió! Príamo! Príamo!

Finado, insepulto, sem amigos,
ignoras a minha ruína.
CORO:
Negra Morte cobriu os olhos,
lícita nas ilícitas imolações.
HÉCUBA:
Ió! Templos de Deuses e urbe nossa! [ANT. 2]
CORO:
È é!
HÉCUBA:
Tendes flama letal e lígnea lança.
CORO:
Logo em vossa terra caireis anônimos.
HÉCUBA:
Igual a fumaça alada para o céu,
a cinza me fará ignorar minha casa.
CORO:
Invisível vai o nome da terra,
cada qual a seu modo se foi,
não há mais a mísera Troia.
HÉCUBA:
Notastes? Ouvistes?
CORO:
Fragor de Pérgamo.
HÉCUBA:
Abalo, abalo inunda...
CORO:
...toda a urbe.
HÉCUBA:
Iò ió! Levai-me o passo,
trêmula, trêmula, mísera!
Ide ao dia servil da vida!
CORO:
Iò! Mísera urbe! Leva, porém,
teus pés aos remos de aqueus!

IFIGÊNIA EM TÁURIDA

As personagens do drama:
Ifigênia
Orestes
Pílades
Coro de cativas gregas
Boiadeiro
Toas
Mensageiro
Atena

ARGUMENTO DE *IFIGÊNIA EM TÁURIDA*

Orestes conforme o oráculo foi à Táurida na Cítia com Pílades e ao chegar surrupiava o ícone de Ártemis venerado por eles. Afastado do navio e enlouquecido, capturado com o amigo pelos nativos foi levado conforme o costume deles para ser a vítima no santuário de Ártemis, pois degolavam os estrangeiros lá desembarcados.

A cena se situa na Táurida na Cítia. O coro se compõe de mulheres gregas servidoras de Ifigênia. Ifigênia diz o prólogo.

As personagens do drama: Ifigênia, Orestes, Pílades, coro, pastor, Toas, mensageiro, Atena. Drama representado cerca de 414 a.C.

[PRÓLOGO (1-125)]

IFIGÊNIA:

Pélops Tantâlida foi a Pisa com éguas
velozes e desposa a filha de Enômao,
dela floriu Atreu e de Atreu os filhos
Menelau e Agamêmnon, e deste nasci
eu, Ifigênia, a filha da filha de Tindáreo,
que perto dos vórtices que Euripo vário
revolve com vento forte no mar escuro
o pai ao que parece imolou a Ártemis
por Helena no ínclito vale de Áulida.

Aí mesmo o rei Agamêmnon reuniu
a expedição grega de dez mil navios,
querendo obter coroa de bela vitória
em Ílion com aqueus e punir núpcias
ultrajadas de Helena, grato a Menelau.
Na terrível calmaria sem lograr ventos
consultou a pira e Calcas lhe diz isto:
"Ó soberano chefe do exército grego
"Agamêmnon, não te zarparão do solo
"antes que imoles a Ártemis tua filha
"Ifigênia; prometeste à Deusa lucífera
"sacrificar o mais belo produto do ano.
"Tua esposa Clitemnestra em casa teve
"a filha — referindo-se a mim o mais belo —
"que deves sacrificar." Odisseu com artes
retirou-me da mãe para desposar Aquiles.
E mísera fui a Áulida e erguida no alto
acima da pira ia ser morta por espada,
mas trocou-me por corça e subtraiu-me
Ártemis aos aqueus, e por brilhante céu
conduziu-me e instalou aqui em Táurida,
terra em que entre bárbaros é rei bárbaro
Toas, que fazendo veloz pé igual a asas
teve esse nome graças aos velozes pés.
Neste santuário me fez sacerdotisa;
donde a Deusa Ártemis se compraz
com suas leis festivas (belo só nome,
o mais me calo por temor da Deusa);
sacrifico, por ser a lei antiga na urbe,
o varão grego que aporte nesta terra;
consagro e cabe a outros a imolação
nefanda dentro do recinto da Deusa.
As visões novas que a Noite trouxe
direi ao céu, caso seja isso remédio.
Vi no sonho que afastada desta terra
morava em Argos e dormia no meio
do quarto; o dorso do solo se sacode,
fugi e parada do lado de fora vi cair
o friso da casa e todo o teto lançado
em ruína ao solo desde altas pilastras.
Um pilar restou, ao que me pareceu,

da casa paterna, e dos capitéis soltou
loira cabeleira e tomou voz humana,
e honrando esta arte de matar hóspede,
eu o aspergia, como a quem morreria,
chorosa. Este sonho assim interpreto:
está morto Orestes, quem consagrei.
Pilares da casa são os filhos varões
e morre quem teve lustrações minhas.
Nem posso ligar o sonho a parentes;
quando morri, Estrófio era sem filho.
Agora ao irmão darei libações fúnebres
de ausente a ausente, isso poderíamos,
com as serventes, que o rei nos deu,
mulheres gregas. Mas por que ainda
não estão presentes? Entrarei dentro
deste recinto da Deusa, onde resido.

ORESTES:

Vê, evita que haja mortal no caminho.

PÍLADES:

Vejo, vigio voltando os olhos a tudo.

ORESTES:

Pílades, parece-te o templo da Deusa,
para onde partimos de Argos por mar?

PÍLADES:

Sim, Orestes. Devo concordar contigo.

ORESTES:

E o altar, donde goteja sangue grego?

PÍLADES:

De sangue, pois, os frisos estão fulvos.

ORESTES:

Vês sob os frisos espólios pendidos?

PÍLADES:

As primícias dos estrangeiros mortos.
Mas devo bem vigiar girando os olhos.

ORESTES:

Ó Febo, a que cilada tu me conduziste
com oráculo, ao punir a morte do pai
matando a mãe? Sucedendo-se Erínies,
fomos banidos, exilados, desterrados,
e perfiz muitos percursos fatigantes;
fui e perguntei a ti como teria o fim

da loucura errante e dos males meus
que padecia perambulando na Grécia;
disseste-me ir à fronteira da Táurida,
onde a tua irmã Ártemis tem altares,
pegar a estátua da Deusa, que dizem
ter caído do céu aqui neste santuário,
e quando a pegasse por artes ou sorte,
e corresse o risco, colocá-la em Atenas,
as consequências além não foram ditas,
e feito isso eu teria repouso dos males.
Persuadido por tua palavra estou aqui
nesta terra ignota inóspita e indago a ti,
Pílades, pois tu me auxilias neste mal,
que fazermos? Vês a cerca dos muros
alta, entraremos escalando os degraus?
Como nós passaríamos despercebidos?
Ou soltando traves brônzeas de trancas
que não conhecemos? Se nos pegarem
abrindo portas na tentativa de entrar,
morreremos. Antes que mortos, fujamos
no navio em que navegamos para cá.

PÍLADES:

Fugir não é tolerável nem nosso hábito,
não se pode desonrar o oráculo divino.
Afastados do templo, ocultemo-nos
em gruta que negro mar banha úmida
longe do templo, não se veja o barco
nem denunciem ao rei nem nos peguem.
Quando vier o olho da Noite tenebrosa,
devemos ousar tirar a estátua polida
do templo recorrendo a todos os ardis.
Vê dentro dos tríglifos onde o vazio
deixa passagem; os bravos suportam
as fadigas, os moles não são de nada.
Não fizemos longo percurso a remo
e destes confins partiremos de volta.

ORESTES:

Bem disseste, atendamos, devemos ir
aonde ocultos passemos despercebidos.
Não serei a causa de uma queda inútil
do oráculo divino. É preciso ousadia.

Nenhuma fadiga desculpa os jovens.

IFIGÊNIA:
Guardai silêncio,
ó habitantes das duas pedras
convergentes do Mar Inóspito!

[PÁRODO (126-235)]

CORO:
Ó filha de Leto
caçadora montesa,
perante teu templo de belas
colunas com áureos frisos
levo o pio pé virgíneo
serva de pia guardiã, além
das torres gregas de belas éguas
e dos muros de hortos arborosos,
além de Europa,
sede da casa paterna.
Vim. Que é novo? Que te inquieta?
Por que me trouxeste, trouxeste ao templo,
ó filha de quem foi às torres troianas
com ínclito remo
de mil marujos de dez mil armas
de ínclitos Atridas?

IFIGÊNIA:
Iò, servas,
em que pranto de difícil pranto
estamos, com nênias sem lira
da dança de não boa Musa, *aiaî*,
em fúnebres lamúrias!
Ruínas, ruínas me vêm
quando choro meu irmão
por sua vida, que visão
de sonhos vi
à noite de pretéritas trevas!
Sucumbi, sucumbi,
não há casa paterna,
oímoi, a prole se foi!
Pheû, pheû, dores argivas!
Iò, Nume,

que me tiras o único irmão
e envias a Hades! Verter-lhe-ei
estas libações e a taça de mortos
no dorso da terra,
e as fontes de vacas montesas,
e as libações víneas de Baco,
e o fulvo lavor de abelhas,
delícias vertidas a mortos.
Mas dá-me áurea vasilha
e libação de Hades.
Ó Agamemnônida, envio-te
sob a terra estes dons fúnebres,
aceita-os, não levarei lágrimas
à tua tumba nem loiro cabelo,
removida para longe de tua
e minha pátria, onde se crê
que imolada jazo eu, a mísera.

CORO:

Cantos responsórios e clamor
bárbaro de hinos asiáticos a ti,
ó senhora, cantarei esta Musa
mísera lastimosa dos mortos,
hineia-a nas danças de Hades
além de peãs.
Oímoi, que casa de Atridas!
Oímoi, perecem luz e cetro
da casa paterna!
O poder de prósperos reis
argivos cabe a quem?
Dor irrompe de dores
nos giros das éguas aladas.
O Sol mudou de sede
a sacra vista do clarão.
Outros tetos têm outras
dores por áureo tosão,
morte por morte, dor por dor.
Donde dos mortos anteriores
emerge punição de Tantálidas
em casa, o Nume por ti
sem pressa se apressa.

IFIGÊNIA:
Tenho, desde sempre,
Nume de difícil Nume,
desde a cintura da mãe
e da Noite, desde sempre
parteiras as Deusas Partes
impelem a dura educação.
No tálamo a filha de Leda
mísera broto primogênito
vítima de ultraje paterno
e de sacrifício não grato
gerou, criou a oferenda.
Em carros equinos levaram
às areias de Áulida a noiva
de noivado difícil, *oímoi*,
para o filho da Nereida, *aiaî!*
Hóspede de inóspito mar
habito agora inculta casa, inupta
sem filho nem pátria nem parente
a cortejada dos gregos,
sem cantar a Hera em Argos
nem nos teares de belas vozes
com naveta bordar imagens
de Palas Atena e Titãs, mas
cruenta no altar ruína sem lira
dos ensanguentados hóspedes,
e mísera voz dos lamuriosos
e mísero pranto dos chorosos.
Esquecendo-me deles agora
pranteio o irmão em Argos
morto, que deixei lactente
ainda bebê, ainda nenê, ainda novo
nos braços da mãe junto aos seios,
e dono de cetro em Argos, Orestes.

[PRIMEIRO EPISÓDIO (236-391)]

CORO:
Está vindo da borda do mar este
boiadeiro para te dizer que nova.
BOIADEIRO:
Filha de Agamêmnon e Clitemnestra,

ouve de mim uma nova comunicação.
IFIGÊNIA:
O que perturba a presente questão?
BOIADEIRO:
Vieram à terra, evitando com remo
as negras Simplégades, dois jovens,
imolação e sacrifício grato à Deusa
Ártemis. Lustração e consagração
logo tu poderias fazer apropriadas.
IFIGÊNIA:
Quem? Donde parecem vindos?
BOIADEIRO:
Gregos, sei só isso e nada mais.
IFIGÊNIA:
Ouviste e sabes dizer o nome?
BOIADEIRO:
Pílades, um chamava ao outro.
IFIGÊNIA:
Qual o nome do parceiro dele?
BOIADEIRO:
Isso não se sabe, não ouvimos.
IFIGÊNIA:
Onde os vistes e capturastes?
BOIADEIRO:
Na altas fragas do mar inóspito.
IFIGÊNIA:
Que faz um boiadeiro no mar?
BOIADEIRO:
Fomos lavar bois na orla salina.
IFIGÊNIA:
Retorna lá: como os capturastes
e de que modo, isso quero saber.
Estão vetustos, não se tingiu mais
de sangue grego o altar da Deusa.
BOIADEIRO:
Quando levamos os bois nutridos
ao mar que flui pelas Simplégades,
havia abrupta na forte rebentação
escarpa oca, teto de pescadores,
aí, um boiadeiro nosso avistou
dois jovens, e retrocedeu de volta

pisando rastros na ponta dos pés,
e disse: “Não vedes? Alguns Numes
moram aqui.” Um de nós reverente
ergueu a mão e fitando fez a prece:
“Ó filho naval de Leucótea pôntia,
“senhor Palémon, sê-nos propício,
“e se na orla morais vós, ó Dióscoros,
“ou estátuas de Nereu, que gerou
“nobre coro de cinquenta Nereidas.”
Outro, frívolo, ousado na insolência,
riu da prece, e disse que náufragos
moram na escarpa de medo da lei
cientes de sacrificarmos forasteiros.
Decidiu a maioria de nós aprovar
e caçar a vítima habitual da Deusa.
Nisso um dos dois deixou a pedra,
parou, sacudiu cabeça fremente,
e gemeu com tremor nas mãos,
louco solto, e grita qual caçador:
“Pílades, viste-a? Não vês que esta
“cadela de Hades quer me matar
“municiada com terríveis víboras?
“Ela ao redor sopra fogo e morte,
“e rema com asas, com minha mãe
“nos braços, como com pétreo peso.
“*Oímoi*, me matará! Onde fugir?”
Vultos não se viam, mas alternavam
mugidos de vitelos e uivos de cães,
tais quais dizem que Erínies imitam.
Nós reunidos como ante moribundo
ficamos em silêncio. Ele puxou faca,
saltou como um leão sobre os vitelos,
bate com ferro em flancos e costelas,
crendo assim repelir Deusas Erínies
de modo a florir sangrento o pélago.
Cada um, então, quando viu caírem
reses devastadas, tomava suas armas,
soprando conchas, reunindo nativos,
pois contra jovens fortes forasteiros
pensamos lutar nós, reles boiadeiros.
Em não longo tempo somos muitos.

Cai o forasteiro em ataque de loucura
vertendo espuma no queixo. Vendo-o
cair a jeito, todos nos empenhávamos
em luta, em ataque. O outro forasteiro
limpou a espuma e cuidava do corpo
e cobria com espessa trama de manto,
alerta à espreita de iminentes golpes,
socorrendo seu amigo com solicitude.
Lúcido, erguido da queda, o forasteiro
reconhece iminente onda de inimigos
e o seu presente próximo infortúnio
lastimou. Nós não deixamos de lançar
pedras, cercando cada um de um lado,
quando ouvimos a terrível exortação:
"Pílades, morreremos, que morramos
"bem! Segue-me com a faca na mão!"
Quando vimos dois punhais inimigos,
em fuga percorremos as pétreas praias,
mas, se um foge, outros em seu posto
os golpeavam, e se os repeliam, outros
que ora cediam atacavam com pedras.
Mas era incrível: as miríades de mãos
não logram atingir as vítimas da Deusa.
A custo, pela audácia não dominamos,
mas ao redor golpeando removemos
punhais a pedradas, e caíram fatigados
de joelhos por terra. E conduzimo-los
ao rei desta terra, que tão logo os viu
enviou-te para as lustrações e imolação.
Ó jovem, pedias teres tais imolações
de forasteiros. Se tu executares tais
forasteiros, Grécia pagará tua morte,
fazendo justiça à imolação em Áulida.

CORO:

Falaste de espantoso louco, que veio
enfim da terra grega ao Mar Inóspito.

IFIGÊNIA:

Que seja! — Vai e traz tu os forasteiros,
aqui cuidaremos destas consagrações.
Ó mísero coração, antes foste sereno
e sempre compassivo com forasteiros,

derramando o pranto por compatriotas,
quando tinhas às mãos varões gregos.
Agora, que nos acerbamos por sonhos,
crendo que Orestes não mais vê o sol,
hostil me tereis, vindo quem vierdes.
Ora, percebi, amigas, era verdade isto,
os de má sorte, estando mesmo mal,
não querem bem outros de boa sorte.
Mas nunca veio nem sopro de Zeus
nem navio pelas pedras Simplégades
trazendo Helena, que me arruinou,
e Menelau, para que eu retaliasse,
contrapondo esta aqui àquela Áulida,
onde Dânaos me fizeram de novilha
e imolaram, meu pai foi o sacerdote.
Oímoi, aqueles males não esqueço!
Quantas mãos dardejei ao queixo
e joelhos do genitor, dependurada,
dizendo assim: "Ó pai, faço por ti
"casamento infame, e minha mãe
"e as argivas, enquanto me matas,
"hineiam himeneus, e toda a casa
"ressoa, e somos destruídas por ti.
"Era Hades Aquiles, não o Pelida,
"suposto esposo ao me conduzires
"de carro a núpcias cruéis por dolo."
Eu, podendo olhar por finos véus,
não recebi nos braços meu irmão,
que ora morreu, não beijou a irmã
por pudor, quando ela cria que iria
à casa de Peleu; e adiei os abraços
muitos para meu retorno a Argos.
Ó mísero, se estás morto, que bela
emulação do pai perdeste, Orestes!
Reprovo estes sofismas da Deusa,
que, se algum mortal tange sangue
ou toca parto ou morto com as mãos,
exclui dos altares por supor impuro,
mas gosta de sacrifícios homicidas.
Não há como Leto, esposa de Zeus,
gerar tanta inépcia. Eu, sim, julgo

a festa de Tântalo com os Deuses
incrível, gostar de comer criança,
e creio que, por serem homicidas,
os daqui referem a vileza à Deusa;
suponho nenhum Nume ser mau.

[PRIMEIRO ESTÁSIMO (392-455)]

CORO:

Negros, negros estreitos do mar [EST. 1]
onde o estro que voa de Argos
transpôs a onda inóspita
ao mudar-se de Europa
para a terra asiática.
Quem veio, veio do Eurota
de belas águas e juncos verdes
ou da santa fonte de Dirce
à terra sem-mescla, onde
sangue mortal molha
o altar da virgem divina
e o colunário templo?

Com fragorosos remos de abeto [ANT. 1]
navegaram por ondas marinhas
em navio com auras nas velas
por ganância de opulência
para enriquecer a casa?
Esperança para males de mortais
veio amiga insaciável aos homens
que portam o peso da riqueza
erradios por mar e urbes bárbaras
por opinião comum.
Uns têm imenso afã de riqueza,
mas a outros chega ao meio.

Como transpuseram as pedras [EST. 2]
colidentes e as bordas
insones de Fineu
na orla do mar a correr
no fragor de Anfitrite
onde coros de virgens
cinquenta Nereidas
dançam em círculo,

com auras nas velas
pandas, chiando à popa
os lemes bem fluentes,
com as auras austrais
ou os sopros de Zéfiro,
para a terra auspiciosa,
a alva praia, as belas
corridas de Aquiles,
por mar inóspito?

Pelas preces da senhora, [ANT. 2]
que Helena filha de Leda
por sorte venha da urbe
troiana para envolver
a cabeleira no orvalho
sangrento da degola
e morrer às mãos da senhora
com pena equivalente!
A mais doce notícia
seria se da terra grega
viesse o navegador
com o fim de minha
mísera servidão.
Em sonhos estivesse eu
em casa e na urbe pátria
fruindo o prazer do sono,
graça comum da riqueza!

[SEGUNDO EPISÓDIO (456-642)]

CORO:

Estes dois de mãos atadas
vêm juntos, novo sacrifício
à Deusa. Calai-vos, pares!
As primícias dos gregos
aproximam-se do templo,
não fez falso anúncio
aquele boiadeiro.
Senhora, se esta urbe assim
te faz grata, aceita as ofertas
que a nós, gregos,
a lei declara ilícitas.

IFIGÊNIA:
Seja!
Devo primeiro cuidar que o da Deusa
esteja bem. Soltai mãos de forasteiros
que consagrados não tenham cadeias.
Entrai no templo e fazei o necessário
e usual nestas presentes circunstâncias.
Pheû!
Ora, quem é a mãe a qual vos gerou,
quem o pai, quem a irmã, se há irmã?
De que moços a duplamente tolhida
irmã será carente? Quem sabe a sorte
qual será? Tudo o que vem dos Deuses
segue invisível, e não se prevê o mal,
pois a sorte seduz para a difícil lição.
Donde viestes, ó míseros forasteiros?
Por longo tempo navegastes a este solo,
longo tempo longe de casa estareis sob!
ORESTES:
Por que choras e com os nossos futuros
males te afliges, quem sejas, ó mulher?
Não julgo sábio quem prestes a morrer
quer vencer com ais o medo da morte,
nem quem perto de Hades se lamenta
desesperado de salvação, porque faz
de um dois males e incorre em tolice
e igualmente morre. Necessária sorte.
Não nos pranteies, pois os sacrifícios
daqui nós bem sabemos e conhecemos.
IFIGÊNIA:
Ora, qual de vós aqui com o nome
Pílades se chama? Quero saber isso.
ORESTES:
Este, se isso assim te apraz saber.
IFIGÊNIA:
Cidadão nato de que pátria grega?
ORESTES:
Que terias, se soubesses, mulher?
IFIGÊNIA:
Sois dois irmãos de uma só mãe?
ORESTES:

Somos sócios, não irmãos, mulher.
IFIGÊNIA:
Que nome o teu pai genitor te pôs?
ORESTES:
Justo nome seria “O-de-má-sorte”.
IFIGÊNIA:
Não indago isso. Dá isso à sorte.
ORESTES:
Não rirão de nós, mortos sem nome.
IFIGÊNIA:
Por que o negas? Tens tanta soberba?
ORESTES:
Sacrificarás meu corpo, não o nome.
IFIGÊNIA:
Não me dirias nem qual é tua urbe?
ORESTES:
Não buscas lucro para futuro morto.
IFIGÊNIA:
Que te impede de fazer este favor?
ORESTES:
Prezo ter a ínclita Argos por pátria.
IFIGÊNIA:
Deuses! És mesmo de lá, forasteiro?
ORESTES:
De Micenas, que outrora foi próspera.
IFIGÊNIA:
Saudoso vieste, se vieste de Argos.
ORESTES:
Não por mim. Se por ti, vê tu isso!
IFIGÊNIA:
Banido saíste da pátria ou por quê?
ORESTES:
Banido, sim, de mau e bom grado.
IFIGÊNIA:
Ora, que me dirias do que eu quero?
ORESTES:
Como acréscimo a meu infortúnio.
IFIGÊNIA:
Talvez conheças a renomada Troia.
ORESTES:
Não tivesse visto nem em sonho!

IFIGÊNIA:
Dizem ida de lança não mais viva.
ORESTES:
Pois é assim e não ouvistes em vão.
IFIGÊNIA:
Helena retornou à casa de Menelau?
ORESTES:
Está lá, mal vinda a um dos meus.
IFIGÊNIA:
E onde está? Antes me devia um mal.
ORESTES:
Habita Esparta com o antigo esposo.
IFIGÊNIA:
Ó odiada dos gregos, não só de mim.
ORESTES:
Fruí, sim, eu, algo de suas núpcias.
IFIGÊNIA:
Retornaram os aqueus como se diz?
ORESTES:
Tudo resumido de uma vez me indagas.
IFIGÊNIA:
Antes de tua morte, quero colher isto.
ORESTES:
Pergunta, já que o queres! Eu direi.
IFIGÊNIA:
Calcas, o adivinho, voltou de Troia?
ORESTES:
Morreu, ao que diziam os micênios.
IFIGÊNIA:
Ó rainha, que bom! E o Laercíada?
ORESTES:
Ainda não retornou, mas vive, dizem.
IFIGÊNIA:
Morra, não retorne ele nunca à pátria!
ORESTES:
Não impreques, todos os dele sofrem.
IFIGÊNIA:
Ainda vive o filho da Nereida Tétis?
ORESTES:
Não. Convolou núpcias vãs em Áulida.
IFIGÊNIA:

Dolosas, como sabem os que sofreram.
ORESTES:
Quem és tu? Tão bem sabes da Grécia!
IFIGÊNIA:
Sou de lá, perdi-me quando ainda nova.
ORESTES:
Mulher, com razão queres saber de lá.
IFIGÊNIA:
E o estratego que dizem ter bom Nume?
ORESTES:
Quem? Não sei qual dos de bom Nume.
IFIGÊNIA:
Atrida se dizia um certo rei Agamêmnon.
ORESTES:
Mulher, não sei, deixa tu desse assunto.
IFIGÊNIA:
Não, Deuses! Diz que praza, forasteiro!
ORESTES:
Está morto o mísero, morto por alguém.
IFIGÊNIA:
Está morto? Por quê? Mísera de mim!
ORESTES:
Por que o lamentas? Era teu parente?
IFIGÊNIA:
A opulência que outrora teve lamento.
ORESTES:
Que terrível morte imolado da mulher!
IFIGÊNIA:
Ó lastimáveis a matadora e o morto!
ORESTES:
Para aí! Não me perguntes nada mais!
IFIGÊNIA:
Só isto: se a esposa desse mísero vive.
ORESTES:
Não vive, o filho que ela teve a matou.
IFIGÊNIA:
Ó conturbada casa! Com que intenção?
ORESTES:
Punindo-a ele assim pela morte do pai.
IFIGÊNIA:
Pheû!

Tão bem com justiça executou o mal!
ORESTES:
Mas justo não teve a divina boa sorte.
IFIGÊNIA:
Agamêmnon deixa em casa outro filho?
ORESTES:
Deixou sua única filha Electra solteira.
IFIGÊNIA:
Diz-me, conta-se algo da filha imolada?
ORESTES:
Só se conta que a morta não vê a luz.
IFIGÊNIA:
Mísera, ela e o pai dela que a matou.
ORESTES:
Desgraçado morto graças à má mulher.
IFIGÊNIA:
O filho do falecido pai vive em Argos?
ORESTES:
Mísero vive em toda parte e nenhures.
IFIGÊNIA:
Salve, sonhos falsos! Ora, éreis nada!
ORESTES:
Nem os assim ditos sábios Numes
mentem menos que sonhos alados.
Há muita turvação entre os Deuses
e entre os mortais, mas só dói que
não néscio persuadido por adivinhos
morreu como morreu aos que sabem.
CORO:
Pheû! Pheû! E nós? Os nossos pais
vivem? Ou não vivem? Quem diria?
IFIGÊNIA:
Escutai vós, chegamos a uma palavra,
busquei vosso proveito, ó forasteiros,
e o meu. Máxime assim vem o bem,
se a todos satisfaz o mesmo resultado.
Irias a Argos, se eu te salvasse, e serias
meu mensageiro a meus amigos de lá,
portador de carta, que por dó de mim
um prisioneiro escreveu, por não crer
homicida a minha mão, mas que a lei

o mata, por ter a Deusa isso por justo?
Eu não tinha quem de volta a Argos
salvo fosse mensageiro e portador
de minha missiva a algum dos meus.
Tu, ao que parece, não és mal nato
e conheces Micenas e meus amigos,
sejas tu salvo lá, com paga não vil,
a salvação devida às leves letras.
Ele, porque a urbe assim obriga,
seja sacrificado à Deusa, sem ti.

ORESTES:

Bem disseste o mais, ó forasteira,
mas imolá-lo me seria muito grave.
O navegador sou eu na conjuntura,
ele viaja comigo por meus males.
Não é justo que eu com sua perda
tenha a graça e safe-me dos males.
Mas que seja assim: dá-lhe a carta;
envia-o a Argos, que te seja bem.
Quem quiser nos mate. É vilíssimo
quem traindo amigos no infortúnio
se salva, e este é por sorte amigo,
não quero que veja menos a luz.

IFIGÊNIA:

Ó nobre coração, tu és de origem
nobre e o amigo certo dos amigos!
De meus consanguíneos, tal fosse
o que resta, eu não sou sem irmão,
forasteiros, exceto por não o ver.
Já que assim queres, ele nos será
o portador da carta, e morrerás tu,
um grande zelo por ele te empolga.

ORESTES:

Quem me imolará e terá o terrível?

IFIGÊNIA:

Eu. Tenho da Deusa este encargo.

ORESTES:

Triste e não de bom Nume, jovem!

IFIGÊNIA:

Mas temos a coerção da obrigação.

ORESTES:

Tu, mulher, imolas varões na faca?
IFIGÊNIA:
Não, mas aspergirei em teu cabelo.
ORESTES:
Quem imola, se o devo perguntar?
IFIGÊNIA:
No templo há quem disso incumbido.
ORESTES:
Que tumba me terá quando morrer?
IFIGÊNIA:
Fogo sagrado e vasta fenda de pedra.
ORESTES:
Pheû!
Como a mão da irmã me sepultaria?
IFIGÊNIA:
Ó mísero, quem sejas, fizeste a prece
em vão, reside longe da terra bárbara.
Todavia, porque por sorte és argivo,
eu não omitirei uma graça possível.
Porei muito adorno em teu funeral,
extinguirei teu corpo em óleo loiro
e verterei o brilho haurido de flores
da fulva abelha montesa em tua pira.
Mas irei e trarei a carta do santuário
da Deusa. Não me tenhais inimizade.
Ó servos, guardai-os, sem as cadeias!
Talvez inesperada a um de meus caros
enviarei a quem eu mais amo em Argos
a carta, que anunciará incríveis alegrias
ao dizer que vive quem é tido por morto.

[SEGUNDO ESTÁSIMO (643-656)]

CORO:
Choro por ti que és o cuidado [EST.]
das sangrentas gotas lustrais.
ORESTES:
Não choreis! Ó forasteiras, salve!
CORO:
A ti, que pela sorte venturosa [ANT.]
vais à pátria, nós te felicitamos.
PÍLADES:
Ingrato a amigos, morto o amigo.

CORO:
Ó tristes partidas! — *Pheû! Pheû!* — [EPODO]
Duas de destruir! — *Aiaî!* —
Qual dos dois há de ser?
Resta ainda dúbio dúplice espírito,
a ti ou a ti prantear antes com ais.

[TERCEIRO EPISÓDIO (657-1088)]

ORESTES:
Pílades, pensas — oh Deuses! — o mesmo?
PÍLADES:
Não sei, perguntas-me incapaz de dizer.
ORESTES:
Quem é a moça? Como na voz grega
nos perguntou das fadigas em Ílion,
do retorno dos aqueus, do sábio áuspice
Calcas, do nome de Aquiles, e como
chorou pobre Agamêmnon e indagou
da mulher e dos filhos! Esta forasteira
é uma argiva nata de lá ou não enviaria
carta jamais, nem se informaria assim
como se fosse comum o bem de Argos.
PÍLADES:
Tu o dizes por um triz antes de mim,
exceto que dos padecimentos do rei
sabem todos com quem se conversou.
No entanto tenho ainda outra palavra.
ORESTES:
Qual? Se a comunicas, saberias mais.
PÍLADES:
Avilta-nos vermos a luz, se tu morres.
Naveguei junto, devo morrer contigo.
Terei conquistado covardia e vilania
em Argos e no solo rugoso da Fócida
e parecerá à turba, pois a turba é má,
que eu te traí e em casa me salvei só,
ou que ainda o matei por turvo palácio
e urdi a tua morte por causa da realeza,
herdeiro por ser casado com tua irmã.
Disso eu tenho pavor e sinto vergonha.
Não há como não deva morrer contigo,
ser imolado junto e o corpo cremado,

por ter sido amigo e por temer desonra.
ORESTES:
Guarda silêncio! Devo suportar males,
se há uma só dor, não suportarei duas.
O que tu dizes ser triste e oprobrioso
cabe a mim, se por tua faina comigo
eu te matar. Para mim, não está mal
morrer com o que tenho dos Deuses.
Tu és feliz e tens pura e não turvada
a casa, tenho impiedade e infortúnio.
Se te salvasses e se de minha irmã,
que te dei por esposa, tivesses filhos,
haveria o meu nome e a minha casa
paterna não se apagaria sem filho.
Vai! Vive e reside na casa paterna!
Já na Grécia e em Argos equestre,
por esta mão destra conjuro-te isto:
ergue meu túmulo e faz o memorial,
dê a irmã prantos e mechas à tumba.
Anuncia que ante o altar fui morto
consagrado à morte por uma argiva.
Não repudies nunca a minha irmã,
se vês vazia a aliança e casa pátria.
Salve! Foste meu mais caro amigo,
ó parceiro de caçadas e de criação,
ó grande apoio nos graves males.
Febo, sendo adivinho, nos mentiu,
com arte nos expulsou o mais longe
da Grécia, pudico de anterior oráculo.
Entreguei-me e persuadido por ele
matei a mãe e por minha vez pereço.
PÍLADES:
Terás funerais e não repudiaria leito
de tua irmã, ó mísero, porque serei
teu amigo na morte mais que na vida.
Mas ainda não te destruiu o oráculo
do Deus, ainda que perto da morte.
Mas há, há situação demasiado má
que sofre grande mutação por sorte.
ORESTES:
Silêncio! Não me servem as falas

de Febo, esta mulher sai do templo.
IFIGÊNIA:
Retirai-vos, e lá dentro preparai
com os que presidem à imolação.
Forasteiros, eis múltiplas dobras
da carta. O que, além disso, quero,
escutai! Não é o mesmo em males
e ao cair-se do pavor em ousadia.
Temo que, ao regressar deste solo,
não faça conta de minha missiva
quem for levar esta carta a Argos.
ORESTES:
Que queres, então? Que te falta?
IFIGÊNIA:
Jura-me que levarás estes escritos
a Argos, aos amigos a quem envio.
ORESTES:
Jurarás por tua vez do mesmo modo?
IFIGÊNIA:
Que farei ou não farei o quê? Diz!
ORESTES:
Que o deixarás ir vivo da terra bárbara.
IFIGÊNIA:
Dizes bem. Como seria mensageiro?
ORESTES:
Será que o rei concordará com isso?
IFIGÊNIA:
Sim,
persuadirei e farei que ele embarque.
ORESTES:
Jura! Inicia tu jura que seja reverente.
IFIGÊNIA:
Levarei, deves dizer, isto a teus amigos.
PÍLADES:
A teus amigos entregarei estes escritos.
IFIGÊNIA:
Também te salvarei das pedras negras.
PÍLADES:
Por qual dos Deuses tu juras esta jura?
IFIGÊNIA:
Ártemis, em cujo templo tenho honra.

PÍLADES:
Eu juro pelo rei do céu Zeus venerável!
IFIGÊNIA:
E se quebrares a jura e me fores injusto?
PÍLADES:
Não regresse! E tu, se não me salvares?
IFIGÊNIA:
Nunca possa viva pôr os pés em Argos!
PÍLADES:
Ouve, então, a palavra que omitimos!
IFIGÊNIA:
Mas se por bem, que já se comunique!
PÍLADES:
Faz-me a ressalva: se o navio sofrer
algo e a carta desaparecer nas ondas
com os haveres, e salvar eu só a vida,
este juramento não terá mais validade.
IFIGÊNIA:
Sabes que farei? Muitos têm muitos.
O que há escrito nas dobras da carta
te direi para anunciares tudo aos meus.
Se conservares em segurança a escrita,
ela dirá em silêncio o que está escrito.
Se estas letras desaparecerem no mar,
se salvares a vida, salvarás minha fala.
PÍLADES:
Bem falaste em favor de ti e de mim.
Diz-me a quem devo levar a mensagem
em Argos e o que ouvir de ti e dizer!
IFIGÊNIA:
Anuncia a Orestes, filho de Agamêmnon:
a imolada em Áulida faz saber o seguinte:
viva Ifigênia, mas aos de lá não viva ainda.
ORESTES:
Onde está ela? Morreu e de novo regressa?
IFIGÊNIA:
Esta que tu vês. Não me cortes a palavra!
Leva-me a Argos, irmão, antes da morte,
tira-me da terra bárbara e das imolações
à Deusa, onde me honra matar forasteiro.
ORESTES:

Pílades, que direi? Onde nos achamos?
IFIGÊNIA:
Ou praga para tua casa me tornarei,
Orestes! Ouve outra vez o nome, sabe!
ORESTES:
Ó Deuses!
IFIGÊNIA:
Por que me clamas Deuses?
ORESTES:
Nada! Prossegue! Perambulei alhures.
IFIGÊNIA:
Talvez ao te inquirir consiga o incrível.
Diz-lhe que a Deusa me trocou por corça,
Ártemis me salvou, vítima de meu pai
na crença de ferir-me com aguda faca,
e instalou nesta terra. Eis a mensagem,
isso é o que está escrito aí nessa carta!
PÍLADES:
Ó prendendo-me com o juramento fácil,
o melhor juramento, em não muito tempo
eu confirmarei esse juramento que jurei.
Olha, trago-te esta carta que te entrego,
Orestes, vindo da parte desta tua irmã!
ORESTES:
Recebo. Deixando as dobras de letras
prefiro primeiro o prazer não verbal.
Ó minha caríssima irmã, surpreso,
cingindo-te com o braço incrédulo,
sinto o júbilo, ao saber do milagre!
IFIGÊNIA:
Forasteiro, sujas sem justiça a serva
da Deusa, abraçando véus intocáveis.
ORESTES:
Ó minha irmã e filha do mesmo pai
Agamêmnon, não me desconsideres
tendo o irmão sem crer tê-lo afinal!
IFIGÊNIA:
És tu o meu irmão? Não te calarás?
Argos e Náuplia estão cheias dele.
ORESTES:
Não está lá, ó mísera, o teu irmão.

IFIGÊNIA:
Mas a lacônia Tindárida te gerou?
ORESTES:
Sim, com o filho do filho de Pélops.
IFIGÊNIA:
Que dizes? Podes me provar isso?
ORESTES:
Posso. Pergunta algo da casa paterna.
IFIGÊNIA:
Não deves tu dizer e eu saber de ti?
ORESTES:
Diria primeiro o que ouvi de Electra:
conheces a rixa entre Atreu e Tieste?
IFIGÊNIA:
Ouvi: houve litígio por anho de ouro.
ORESTES:
Sabes que isso teceste em rico tecido?
IFIGÊNIA:
Ó caríssimo, alcanças o meu coração.
ORESTES:
Figura no tecido a mudança do sol.
IFIGÊNIA:
Teci ainda essa forma no tecido fino.
ORESTES:
E banhos que a mãe te deu em Áulida?
IFIGÊNIA:
Sei, não me raptaram por boas núpcias.
ORESTES:
Sabes que deste as mechas à tua mãe?
IFIGÊNIA:
Lembranças de meu corpo ao túmulo.
ORESTES:
O que eu mesmo vi, direi como prova.
Na casa do pai Pélops, a antiga lança
— com que ganhou a virgem de Pisa
Hipodamia, quando matou Enômao —
era ocultada em teu quarto de virgem.

[*KOMMÓS* (827-899)]

IFIGÊNIA:
Ó caríssimo, nada mais, pois caríssimo és,
tenho-te, Orestes, vindo da longínqua pátria,

vindo de Argos, ó meu caro!
ORESTES:
E eu a ti, a que morreu, como se imagina.
IFIGÊNIA:
As lágrimas e gemidos de alegria
te umedecem os olhos e aos meus.
Este menino
deixei nos braços da nutriz, novo,
novo, em casa.
Ó boa sorte maior que a palavra, vida
minha, que dizer? Mais que admirável
e além das palavras assim aconteceu!
ORESTES:
Tenhamos boa sorte juntos no porvir!
IFIGÊNIA:
Tenho insólito prazer, ó amigas!
Temo que fuja de meus braços
em voo para o céu fulgente.
Ió, ciclópico lar! *Ió*, pátria
minha Micenas,
graça pela vida, graça pela criação,
tenho-te por me criares este irmão,
a luz da casa!
ORESTES:
Somos de boa sorte, mas por revés,
ó irmã, nossa vida foi de má sorte.
IFIGÊNIA:
Mísera soube, soube, quando o pai
mísero me pôs a espada no pescoço.
ORESTES:
Oímoi! Ausente imagino te ver lá!
IFIGÊNIA:
Sem himeneu, ó irmão, fui levada
à dolosa tenda nupcial de Aquiles.
Junto ao altar havia lágrimas e ais.
Pheû pheû! Quais lustrações! *Oímoi!*
ORESTES:
Choro a ousadia que o pai ousou.
IFIGÊNIA:
Tive sorte sem-pai, sem-pai,
mas surgem umas de outras

por sorte de algum Nume. 867
ORESTES:
Se matasses teu irmão, ó mísera! 866
IFIGÊNIA:
Ó triste ousadia terrível, tive terrível,
tive terrível, *oímoi*, irmão! Por pouco 870
escapaste a ilícita ruína, trespassado
por minhas mãos!
Qual o fim disto?
Qual a sorte minha? 875
Por qual via, por qual inventada via
te enviarei fora da urbe, fora da morte
de volta à pátria argiva
antes que a faca alcance teu sangue? 880
Isso, isso é teu dever
inventar, ó mísera vida!
Por terra, não de navio,
mas no passo dos pés? 885
Terás perto a morte por tribos bárbaras
e por vias impérvias, mas pelas negras
pedras do passo estreito é longo trajeto 890
em fuga naval.
Mísera! Mísera!
Qual Deus ou mortal 895
ou qual fato inesperado
com o passo do impasse
mostrará aos dois Atridas
sós a solução dos males?
CORO:
Entre milagres e além das palavras isto 900
eu mesma vi, não ouvi de mensageiros.
PÍLADES:
Quando amigos vão à vista de amigos,
é o esperado receber abraços, Orestes,
mas é preciso que cessemos o pranto
para com a ínclita visão da salvação 905
tratarmos de sair desta terra bárbara.
Pertence aos sábios não sair da sorte,
colher a ocasião e ter outros prazeres.
ORESTES:
Tens razão. Creio que a sorte cuida

disto conosco. Se o ânimo se adianta,
parece que o divino tem mais força.
IFIGÊNIA:
Não me detenhas nem afastes a fala
antes que eu saiba que sorte Electra
teve na vida, ela sempre me será cara.
ORESTES:
Com este ela vive e tem bom Nume.
IFIGÊNIA:
De onde ele vem e de quem é filho?
ORESTES:
Estrófio da Fócida se diz o seu pai.
IFIGÊNIA:
Ele é filho da Atrida, meu parente?
ORESTES:
Primo teu, meu único amigo certo.
IFIGÊNIA:
Não vivia, quando o pai me matou.
ORESTES:
Não. Estrófio então não tinha filho.
IFIGÊNIA:
Salve, caro marido de minha irmã!
ORESTES:
E meu salvador, não apenas parente.
IFIGÊNIA:
Como ousaste ato terrível da mãe?
ORESTES:
Calemos isso, eu honrava meu pai.
IFIGÊNIA:
Ela por que causa matou o marido?
ORESTES:
Esquece a mãe, não te é bom ouvir.
IFIGÊNIA:
Calo-me. E Argos agora te admira?
ORESTES:
Menelau manda; estamos exilados.
IFIGÊNIA:
O tio usurpou a casa no distúrbio?
ORESTES:
Não, o medo de Erínies me baniu.
IFIGÊNIA:

Sei, pela mãe as Deusas te banem. 934
ORESTES:
Enfiando na boca freio sangrento. 935
IFIGÊNIA:
Relatou-se teu delírio aqui na orla. 932
ORESTES:
Não agora primeiro me viram mal. 933
IFIGÊNIA:
Por que afinal vieste a esta terra? 936
ORESTES:
Instruído por oráculo de Febo vim.
IFIGÊNIA:
A fazer o quê? Podes dizer ou não?
ORESTES:
Direi. Foi-me o início de muitas dores.
Quando os males da mãe, que calamos, 940
vieram às mãos, nas caçadas de Erínies
exilamo-nos banidos, desde que Lóxias
pôs-me o passo a caminho de Atenas,
para fazer justiça às anônimas Deusas.
Há sagrada votação, que Zeus instituiu 945
um dia para Ares por poluência da mão.
Lá, primeiro, ninguém quis me receber,
considerando-me hediondo aos Deuses,
mas tiveram pudor, e ofereceram-me
hóspeda mesa a sós, sob o mesmo teto, 950
e em silêncio me fizeram sem palavra,
para ter pasto e bebida separado deles.
Preenchida a medida de Báquio, igual
para todos, tinham prazer em sua taça.
Não pretendia contestar os hospedeiros, 955
mas sofria em silêncio e fingia ignorar,
lastimando muito ser matador da mãe.
Ouço entre atenienses minha má sorte
ter-se tornado rito e ainda ser a norma
o povo de Palas honrar a vertente taça. 960
Quando cheguei à pedra de Ares, fui
à justiça, tomei um dos dois assentos,
e a que era antiga Erínis tomou o outro.
Após falar e ouvir do sangue da mãe,
Febo me salvou testemunhando, e Palas 965

com a mão contou-me os votos iguais.
Vencedor da sangrenta provação, parti.
Persuadidas por justiça, as residentes
decidiram ter o templo perto da pedra.
Não persuadidas por lei, outras Erínies
prontas sem pausa perseguiam-me sempre,
até que fui de novo ao solo puro de Febo,
e prostrado ante o ádito, jejuno de pasto,
jurei que ali interromperia a vida, morto,
se não me salvasse Febo, que me matou.
Então, ressoando a voz do tripé de ouro,
Febo me mandou aqui pegar a imagem
caída do céu, e entronizá-la em Atenas.
Coopera conosco na salvação que nos
demarcou. Se tivermos o ícone da Deusa,
cessarei o delírio e num barco remeiro
levar-te-ei para recolocar em Micenas.
Vamos, ó querida, ó caríssima irmã,
salva a casa paterna e a mim me salva,
porque o meu e dos Pelópidas se perde
se não tivermos celeste ícone da Deusa!

CORO:

Uma terrível ira de Numes ferve contra
a semente de Tântalo e conduz a males.

IFIGÊNIA:

Antes que aqui viesses, tenho desejo
de ir a Argos e contemplar-te, irmão.
Quero, tal qual tu, livrar-te dos males
e sem rancor algum a meu matador
quero erguer a turvada casa paterna,
pois afastaria a mão de tua imolação
e salvaria a casa. Temo como passar
despercebida à Deusa e ao soberano
ao ver a base pétrea vazia da estátua.
Como não morrer? Que posso dizer?
Mas se acontecer algo assim e tiveres
a estátua e em um navio de bela popa
conduzires-me, o risco se torna belo.
Se eu me separo dela, estou perdida,
mas tu terias a sorte de bom retorno.
Nada recuso, nem se devo morrer,

se te salvo. Morto, o varão da casa
faz muita falta, mas mulher é fraca.
ORESTES:
Eu não seria matador teu e da mãe,
basta de sangue. Concorde contigo
quero viver e morto ter sorte igual.
Eu te levarei, se eu puder ir daqui
para casa, ou morto ficarei contigo.
Ouve o siso: se isto fosse contrário
a Ártemis, como Lóxias vaticinaria
levar ícone da Deusa à urbe de Palas?
Como me deixou vir ao templo vítima [Kovacs]
e ver teu rosto? Ao reunir tudo isso,
tenho esperança de obter o regresso.
IFIGÊNIA:
Como poderíamos escapar à morte
e ter o que queremos? Aqui se turva
o retorno ao lar. Esta é a deliberação.
ORESTES:
Ora, será que poderíamos matar o rei?
IFIGÊNIA:
Terrível é hóspede matar hospedeiro!
ORESTES:
Mas se nos salvar, devemos arriscar.
IFIGÊNIA:
Eu não poderia, mas aprovo o empenho.
ORESTES:
E se neste templo tu me ocultasses?
IFIGÊNIA:
Como nas trevas estaríamos salvos?
ORESTES:
A noite é furtiva, a luz é da verdade.
IFIGÊNIA:
No templo há guardas que nos verão.
ORESTES:
Oímoi, ruímos! Como nos salvaríamos?
IFIGÊNIA:
Creio que tenho uma nova invenção.
ORESTES:
Qual? Diz que pensas para eu saber!
IFIGÊNIA:

Usarei os teus tormentos com mestria.
ORESTES:
Mulheres são hábeis em inventar artes.
IFIGÊNIA:
Direi que tu, matricida, vens de Argos.
ORESTES:
Usa de meus males, se te for lucrativo.
IFIGÊNIA:
Direi que é ilícito sacrificar-te à Deusa. 1035
ORESTES:
Por que motivo? Tenho uma suspeita.
IFIGÊNIA:
Não estás puro. Darei licitude à morte.
ORESTES:
E mais bem se leva a estátua da Deusa?
IFIGÊNIA:
Quererei purificar-te com água do mar.
ORESTES:
Ainda no templo o ícone por que viemos. 1040
IFIGÊNIA:
Direi que vou lavá-lo, porque o tocaste.
ORESTES:
Onde? Irás à úmida rebentação do mar?
IFIGÊNIA:
Onde teu navio fundeia com líneo freio.
ORESTES:
Tu levarás o ícone nas mãos, ou outrem?
IFIGÊNIA:
Eu, pois somente a mim é lícito tocá-lo. 1045e
ORESTES:
Onde colocaremos este Pílades na ação?
IFIGÊNIA:
Dirá que tem as mãos poluídas como tu.
ORESTES:
Agirás oculta ao rei ou sendo ele ciente?
IFIGÊNIA:
Por persuadir. Não me poderia ocultar. 1049
Deves cuidar que o restante esteja bem. 1051
ORESTES:
Sim, o remo do navio está disponível. 1050
Só quero que elas guardem sigilo disto. 1052

Mas prossegue e inventa as persuasivas
palavras! Mulher sabe como comover.
Tudo o mais talvez pudesse correr bem!
IFIGÊNIA:
Ó caríssimas mulheres, eu vos vejo
e tenho em vossas mãos o bem estar
ou ser anulada e espoliada da pátria
e do caro irmão e da caríssima irmã!
Primeiro assim principie minha fala:
somos mulheres, gente amiga mútua
e de manter seguro interesse comum.
Guardai silêncio conosco e cooperai
na fuga. Bela é a língua quando fiel.
Vedes três amigos com só uma sorte:
ou retornar à terra pátria ou ser morto.
Na Grécia, para tu partilhares a sorte,
se salva, eu te salvarei. Eu te suplico
por tua destra, a ti, por tua face amiga,
a ti, por teus joelhos e os mais amigos
da casa, a mãe, o pai e os filhos, se há.
Que dizeis? Quem condiz, quem não?
Pronunciai-vos! Se não aprovais isto,
estou perdida eu e meu mísero irmão!
CORO:
Coragem, minha senhora! Só te salva,
que terás de mim o silêncio completo
que me pedes. Saiba o grande Zeus!
IFIGÊNIA:
Valham-vos as falas e bons Numes!
Já tua faina e tua é entrar no templo.
Logo o rei desta terra virá verificar
se os forasteiros foram sacrificados.
Ó rainha, que me salvou das terríveis
mãos letais do pai no vale de Áulida,
salva-me agora e a eles! Ou por ti
Lóxias não mais a mortais diz verdade.
Retira-te benévola desta terra bárbara
para Atenas, pois não convém morar
aqui, se podes ter a urbe de bom Nume.

[TERCEIRO ESTÁSIMO (1089-1152)]

CORO:

Ó ave, que nas pétreas [EST. 1]
fragas do mar, Alcíone,
cantas chorosa elegia,
clara aos cônscios de louvares
sempre o marido ao cantares,
eu, áptera ave,
prantos te apresento
saudosa da ágora dos gregos,
saudosa de Ártemis parteira
que habita o monte Cíntio
e da frondosa laurácea purpúrea
e do bem florido talo sagrado
da glauca oliveira
cara a Leto em seu parto,
e da lagoa que rodopia água
redonda onde melodioso
o cisne cuida de Musas.
Ó muitas fontes de lágrimas [ANT. 1]
que pelas minhas faces
caíram, quando, destruídas
as torres, entrei em navio
hostil com remos e lanças
e em troca de muito ouro
perfiz o bárbaro itinerário
onde sirvo à jovem serva
da Deusa que mata cervo,
filha de Agamêmnon, e aos
altares sem oferta de ovelha.
Invejo os que sempre tiveram
mau Nume, pois na coerção
não se cansa da companhia.
Mudar tem difícil Nume,
estar pior após boa sorte
faz árdua vida a mortais.
Rainha, ao lar te levará nave [EST. 2]
argiva de cinquenta remos.
O caniço atado com cera
de Pan montês silvando
compelirá os remos.
O adivinho Febo
com a lira de sete tons

cantando bem te levará 1130
à rica terra dos atenienses.
Deixando-me aqui mesmo,
irás com sonoros remos.
Velas na proa tensas ao vento 1135
sobre a tropa abrirão o pé
do navio de veloz transporte.
Corresse eu o claro hipódromo [ANT. 2]
onde corre o fogo de belo sol
e cessasse de vibrar 1140
as asas de minhas costas
sobre os aposentos da casa
e estivesse nos coros onde
ainda virgem de núpcias notas
rodopiando junto à mãe 1145
as danças de coetâneas
no concurso das graças
na rixa da cabeleira rica
erguendo mantos multicores, 1150
lançando as tranças ao redor,
sombreasse as faces!

[QUARTO EPISÓDIO (1153-1233)]

TOAS:
A mulher grega guardiã deste templo
onde está? Já consagrou os forasteiros?
No ádito santo brilham corpos ígneos? 1155
CORO:
Aí está ela que tudo te dirá claro, ó rei.
TOAS:
Éa!
Por que trazes da base imóvel nas mãos
o ícone da Deusa, ó filha de Agamêmnon?
IFIGÊNIA:
Ó rei, detém o teu passo aí na entrada.
TOAS:
Ó Ifigênia, que novidade há no templo? 1160
IFIGÊNIA:
Cuspi, pois dou esta palavra à Licitude.
TOAS:
Por que esse proêmio novo? Diz claro!
IFIGÊNIA:

Prendestes as vítimas impuras, ó rei!
TOAS:
O que te mostrou isso? Ou tu opinas?
IFIGÊNIA:
O ícone da Deusa revirou-se da base.
TOAS:
Por si só ou tremor de terra revirou?
IFIGÊNIA:
Por si só e fechou a vista dos olhos.
TOAS:
Por quê? Impureza dos forasteiros?
IFIGÊNIA:
Isso mesmo, terrível ato de ambos.
TOAS:
Mas matou algum bárbaro na orla?
IFIGÊNIA:
Vieram ao cometer morte doméstica.
TOAS:
Qual? Caímos no desejo de saber.
IFIGÊNIA:
Mataram a mãe com espada ambos.
TOAS:
Ó Apolo, nenhum bárbaro ousaria!
IFIGÊNIA:
Expulsos banidos de toda a Grécia.
TOAS:
Tu por isso trazes o ícone para fora?
IFIGÊNIA:
Santo sob o céu, para afastar sangue.
TOAS:
Como soubeste poluídos os forasteiros?
IFIGÊNIA:
Inquiri como se virou ícone da Deusa.
TOAS:
Sábia te fez a Grécia, pois viste bem.
IFIGÊNIA:
Lançaram doce engodo a meu espírito.
TOAS:
Anunciam-te algo grato dos de Argos?
IFIGÊNIA:
Orestes meu único irmão tem boa sorte.

TOAS:
Para que os salves por doces anúncios?
IFIGÊNIA:
E meu pai está vivo e se encontra bem.
TOAS:
Tu naturalmente propendeste à Deusa.
IFIGÊNIA:
Por ódio à Grécia toda, que me matou.
TOAS:
Dize-me que fazer com os forasteiros!
IFIGÊNIA:
É necessário venerar a lei estabelecida.
TOAS:
Não tens prontas lustrações e tua faca?
IFIGÊNIA:
Quero antes lavar com sacra purificação.
TOAS:
Na água da fonte ou na água do mar?
IFIGÊNIA:
O mar lava todos os males dos homens.
TOAS:
Mais puros seriam eles para a Deusa.
IFIGÊNIA:
E assim meu ofício estaria mais bem.
TOAS:
Então não cai a onda junto ao templo?
IFIGÊNIA:
Pede solidão, pois faremos outros ritos.
TOAS:
Vai aonde pedes, não amo ver segredo.
IFIGÊNIA:
Tenho que purificar o ícone da Deusa.
TOAS:
Se é que nódoa de matricídio o tocou.
IFIGÊNIA:
Pois não o tiraria nunca do pedestal.
TOAS:
É justa essa veneração e providência.
IFIGÊNIA:
Sabes o que devo ter?
TOAS:

Cabe-te dizer.
IFIGÊNIA:
Algema os forasteiros.
TOAS:
Aonde fugiriam?
IFIGÊNIA:
Grego não tem fé.
TOAS:
Ide atá-los, guardas!
IFIGÊNIA:
Reconduze-os para cá!
TOAS:
Assim será!
IFIGÊNIA:
Oculta-os com mantos!
TOAS:
Da luz do Sol!
IFIGÊNIA:
Dá-me tua escolta!
TOAS:
Eles te seguirão.
IFIGÊNIA:
Envia à urbe quem diga...
TOAS:
O quê?
IFIGÊNIA:
Fiquem todos em casa.
TOAS:
Não vejam morte.
IFIGÊNIA:
Tais são abomináveis.
TOAS:
Vai e diz tu!
IFIGÊNIA:
Ninguém venha ver.
TOAS:
Bem cuidas da urbe.
IFIGÊNIA:
E dos que mais devo.
TOAS:
Disseste-o de mim.

IFIGÊNIA:
Sim.
TOAS:
Toda a urbe por certo te admira!
IFIGÊNIA:
Tu, ante o templo da Deusa...
TOAS:
Que farei?
IFIGÊNIA:
Purifica-o com tocha.
TOAS:
Puro, ao voltares.
IFIGÊNIA:
Ao saírem os forasteiros...
TOAS:
O que fazer?
IFIGÊNIA:
Pôr o manto nos olhos.
TOAS:
Não seja poluído!
IFIGÊNIA:
Se parecer que tardo...
TOAS:
Até quando espero?
IFIGÊNIA:
Não admires.
TOAS:
Faz bons ritos com tempo.
IFIGÊNIA:
Sejam puros, como quero!
TOAS:
Faço votos.
IFIGÊNIA:
Vejo que já saem do templo os forasteiros,
adornos da Deusa, tenras ovelhas para lavar
com sangue o sangue sujo, o brilho de tochas
e o mais para purificar forasteiros e Deusa.
Digo aos cidadãos: afastem-se da poluência!
Tem mãos puras ante os Deuses, se for servo
do templo, ou for se casar, ou estiver grávida!
Evitai! Afastai-vos! Não caia aqui poluência!

Ó rainha virgem de Zeus e Leto, se eu lavar
o sangue e fizer o necessário, terás casa pura
e teremos boa sorte. Sem falar mais, porém,
falo a ti e aos Deuses cientes do mais, Deusa!

[QUARTO ESTÁSIMO (1234-1283)]

CORO:

Belo filho Leto gerou [EST.]
no frutífero vale délio,
filho de áurea cabeleira,
hábil na cítara, com arco
brilha por boa mira. Leva-o
a mãe, das fragas do mar,
do ínclito local do parto,
ao cimo de inegadas águas
do Parnaso, onde bacante
celebra Dioniso, onde
vínea serpente de dorso vário
tinha bosque frondoso em laurácea sombria,
vasto portento da terra vigiava oráculo ctônio.
Mataste-a, ainda novo, ainda nos braços
maternos, buliçoso,
ó Febo, e tens o templo divino,
sentado no áureo tripé, trono sem mentira,
dando vaticínios divinatórios a mortais,
no ádito, perto da fonte Castália,
no palácio do meio da terra.
Quando Têmis, filha da Terra, [ANT.]
foi despejada do divino sítio
divinatório, Terra noturna
gerou visões de sonhos
que diziam a muitos mortais
o antes, o depois e o porvir
no sono nos leitos trevosos,
Terra tirou assim
o ofício de vaticínios
de Apolo por recusa da filha.
O rei a rápido passo foi ao Olimpo,
deu abraço filial ao trono de Zeus,
que tire da casa pítia a ira de Deusa Terra,
Zeus riu porque o filho veio rápido
querendo manter os auríferos cultos.

Brandiu a crina cessando vozes noturnas,
retirou dos mortais a verdade vista à noite,
reverteu o ofício a Lóxias e a coragem
aos mortais em populoso hospitaleiro
trono mediante cantos divinatórios.

[ÊXODO (1284-1499)]

MENSAGEIRO:
Ó vigia-templo e servos de altares,
Toas, o rei desta terra, onde está?
Abertas as sólidas portas, chamai
fora de casa o soberano desta terra.
CORO:
Que há, se devo falar sem convite?
MENSAGEIRO:
Foram-se os dois jovens a caminho
por decisão da filha de Agamêmnon
em fuga desta terra, com o venerável
ícone no regaço de um navio grego.
CORO:
É incrível o que dizes. O rei da terra,
que desejas ver, saiu do templo e foi.
MENSAGEIRO:
Aonde? Ele tem que saber dos fatos.
CORO:
Ignoramos, mas anda e procura-o
onde o encontres e faças o anúncio!
MENSAGEIRO:
Vede que incrível gênero feminino!
Vós também tendes parte nos fatos.
CORO:
Deliras? Que temos com a fuga deles?
Não irás o mais rápido às portas reais?
MENSAGEIRO:
Não, antes que o intérprete diga isto,
se está dentro ou não o rei desta terra.
Oé! Soltai trincos, digo aos de dentro,
dizei ao senhor do palácio que à porta
estou portador do fardo de más novas!
TOAS:
Quem ante o templo da Deusa grita,
a golpear a porta e perturbar dentro?

MENSAGEIRO:
Elas mentiam que te foste e de casa
me afastavam, mas estavas em casa!
TOAS:
Que lucro esperavam, ou caçavam?
MENSAGEIRO:
Delas falo depois. Ouve o que mais
importa! A jovem que aqui presidia
os altares, Ifigênia, se foi deste solo
com os forasteiros, com o venerável
ícone da Deusa. Purificação era dolo.
TOAS:
Que dizes? Que sopro teve da sorte?
MENSAGEIRO:
Para salvar Orestes. Isso admirarás.
TOAS:
Quem? O que a Tindárida gerou?
MENSAGEIRO:
O que a Deusa sagrou a este altar.
TOAS:
Ó milagre! Que nome mais te dar?
MENSAGEIRO:
Não penses nisso, mas ouve-me,
examina e escuta claro, e planeja
operação de caça aos forasteiros!
TOAS:
Diz! Tens razão, não curta viagem
fazem até escaparem de meu navio.
MENSAGEIRO:
Quando fomos às falésias marinhas,
onde Orestes aportava navio oculto
a nós, que tu envias com as algemas
dos forasteiros, a filha de Agamêmnon
acenou-nos sairmos, como sacrificando
secreta chama e purificação procurada,
ela ia atrás dos forasteiros com algemas
nas mãos. Ainda que isso fosse suspeito,
agradava, porém, a teus servos, senhor.
Por tempo que nos parecesse fazer algo,
alarideou, e cantava bárbaras melodias,
fazendo magia, como lavando sangue.

Quando estávamos sentados há tempo,
ocorreu-nos que soltos os forasteiros
não a matassem, e se fossem em fuga.
Por pavor de ver o indevido, calamos,
mas por fim todos dizíamos que fôssemos
aonde estavam, ainda que sem licença.
Ali mesmo vemos casco de nave grega
provido de asas com as pás de remos,
e cinquenta marinheiros nas cavilhas
com os remos, e livres das algemas
os jovens de pé sobre a popa da nave.
Tinham a proa com varas, penduravam
âncora no gancho, e traziam às pressas
escadas de cordas nas mãos, e dando-as
ao mar, lançavam da popa à forasteira.
Nós, sem contemplação, quando vimos
doloso artifício, retínhamos a forasteira
e os cabos da popa, e com o dirigente
timão detínhamos a nave de bela popa.
As falas foram: "Por que transportais
"furtivos desta terra o ícone e a serva?
"Quem és tu, que a exportas da terra?"
Disse: "Orestes, seu irmão, para saberes,
"filho de Agamêmnon, levo comigo
"minha irmã, que perdi fora de casa."
Mas, nada menos, tínhamos a forasteira,
e forçávamos que ela seguisse até ti.
Daí, terríveis golpes foram no queixo,
pois eles não tinham ferro nas mãos,
nem nós, os punhos davam pancadas
e os pés de ambos os rapazes juntos
golpeavam costelas e ainda o fígado,
de modo a fazer doer e tolher braços.
Nós, assim lacrados por terríveis lacres,
fugimos à escarpa, uns com sangrentas
lesões na cabeça, e outros, nos olhos.
Postos nas escarpas, com mais cautela,
combatíamos e arremessávamos pedras.
Mas impediam-nos arqueiros, na popa,
com setas, de modo a repelir-nos mais.
Entretanto, terrível onda trouxe a nave

para terra, a moça temia molhar o pé,
Orestes tomou-a no ombro esquerdo,
entrou no mar e subiu pelas escadas,
e pôs no navio de bons bancos a irmã
e o ícone celestial da filha de Zeus.
No meio da nave, uma voz anunciou:
"Ó navegadora tropa da terra grega,
"pegai o remo e fazei alvejadas vagas,
"pois temos tudo por que navegamos
"por mar inóspito entre Simplégades."
Eles, a rugirem um suave gemido,
golpeavam o mar. A nave, enquanto
no porto, procedia, mas, transposta
ao encontro da forte onda, resistia,
pois terrível súbito vento sobrevindo
impele velas para popa, e persistiam
na luta com a onda, e refluxo trouxe
o navio de volta à terra. Orou de pé
a Agamemnônida: "Ó filha de Leto,
"salva da terra bárbara para Grécia
"leva-me tua serva, e perdoa o furto!
"Também tu amas o irmão, ó Deusa,
"crê que também eu amo os irmãos!"
À prece da moça, os marinheiros
entoaram peã, sem mantos, ombros
adequados ao remo sob comando.
Mais e mais o barco ia para pedras,
e alguém se precipitou a pé ao mar,
e outro pendurava corrediços laços.
A ti eu fui enviado direto para cá,
para te reportar, rei, as sortes de lá.
Ide, com grilhões e laços à mão!
Se o mar estiver sem vento, não terão
esperança de salvação os forasteiros.
O soberano do mar olha por Ílion,
venerável Posídon, contra Pelópidas,
e parece que agora a ti e aos cidadãos
dará pôr as mãos no Agamemnônida
e na irmã. Ela, sem lembrar a morte
em Áulida, é pega ao trair a Deusa.

CORO:

Ó mísera Ifigênia, com o irmão
morrerás de volta às mãos do rei.
TOAS:
Todos vós, nativos desta terra bárbara,
ide, ponde as rédeas nos corcéis,
correi à beira-mar, resisti à saída
do navio grego, e com a Deusa
caçai depressa os ímpios varões!
Lançai vós ao mar céleres remos,
para, por mar e por terra, a cavalo,
prendê-los, e arremessar de abrupto
penhasco, ou empalar com estaca.
A vós, cientes dos planos, mulheres,
quando tivermos tempo, outra vez,
puniremos; agora, com a presente
pressa não permaneceremos calmos.
ATENA:
Aonde levas essa perseguição, rei
Toas? Ouve as palavras de Atena.
Cessa de caçar e mover o exército.
Determinado pelo oráculo de Lóxias,
Orestes veio aqui, fugindo da cólera
de Erínies, para enviar a irmã a Argos
e levar a sacra estátua à minha terra,
refrigério das dores hoje presentes. 1411 b
Para ti, esta nossa palavra, pensas
matar Orestes, pego na onda marinha;
já Posídon, graças a mim, faz calmo
dorso do mar transportar o navio.
Sabe, Orestes, a minha mensagem,
pois, ausente, ouves a voz da Deusa,
vai, com o ídolo e com a tua irmã!
Quando em Atenas, morada divina,
há um lugar, nos confins da Ática,
nos montes, perto do cabo Caristo,
sacro, que o meu povo chama Alas.
Aí ergue o templo e assenta o ícone,
com nome da terra Táurida e das dores
que sofreste, circulando pela Grécia,
ferroado por Erínies. No porvir, Ártemis
os mortais celebrarão a Deusa Táurida.

Faz isto lei: quando o povo festejar
em paga de tua degola, imponha-se
faca a garganta viril, e jorre sangue,
por licitude, e a Deusa tenha honras!
Tu, Ifigênia, nos veneráveis prados
de Bráuron, deves custodiar Deusa,
onde morta terás tumba, e te farão
oferta de véus, bem urdidos tecidos,
que mulheres em partos mortíferos
deixaram em casa. Insto que estas
mulheres gregas resgates da terra,
por justa sentença. Já te preservei
preferindo votos iguais no Areópago,
ó Orestes; e assim será instituído
que vence quem tem votos iguais.
Vamos, envia desta terra tua irmã,
Agamemnônida. Toas, não te ires!

TOAS:

Rainha Atena, as palavras dos Deuses
quem ouvir incrédulo não pensa bem.
Não terei ira se Orestes foi e levou
o ícone da Deusa e a irmã. Por quê?
Lutar contra os fortes Deuses é belo?
Vão à tua terra com estátua da Deusa!
Assente-se com boa sorte a imagem!
Enviarei ainda à Grécia de bom Nume
estas mulheres, como insta tua ordem.
Cessarei lança erguida aos forasteiros
e remos navais, como queres, Deusa.

ATENA:

Louvo. Vence o dever a ti e aos Deuses.
Ide, ó ventos, levai o Agamemnônida
a Atenas! Eu acompanharei o percurso,
salvando o ícone augusto de minha irmã.

CORO:

Ide, vós que sois por boa sorte
com bons Numes de salva parte!
Ó venerável entre imortais
e entre mortais Palas Atena,
faremos assim como ordenas!
Acabo de escutar anúncio

muito grato e inesperado.
Ó grande augusta Vitória,
residas em minha vida
e não cesses de coroar!

ÍON

As personagens do drama:
Hermes
Íon
Coro das servas de Creúsa
Creúsa
Xuto
Ancião
Servo de Creúsa
Pítia ou Profetisa
Atena

ARGUMENTO DE *ÍON*

Apolo seduziu e engravidou Creúsa, filha de Erecteu, em Atenas. Ela expôs o recém-nascido sob a acrópole, tomando o mesmo lugar por testemunha da injustiça e do parto. Hermes recolheu o bebê e transportou para Delfos e a profetisa o encontrou e criou. Xuto desposou Creúsa, pois aliado aos atenienses recebeu de presente as núpcias da mencionada antes. Não lhe nasceu outro filho, mas os délfios fizeram guardião do tempo o criado pela profetisa. Este, sem saber, servia ao pai...

As personagens do drama: Hermes, Íon, coro de servidoras de Creúsa, Creúsa, ancião, servidor de Creúsa, Pítia ou profetisa, Atena.

A cena do drama se situa em Delfos. Drama representado cerca de 413 a.C.

[PRÓLOGO (1-183)]

HERMES:

Atlas, que nas brônzeas costas veste o céu,
velha morada dos Deuses, engendrou Maia
de uma das Deusas, que para Zeus supremo
gerou-me — Hermes, o servente dos Numes.
Venho a esta terra de Delfos, onde sentado
no meio do umbigo Febo aos mortais canta
o presente e o porvir, sempre vaticinando.

Vive não sem insígnia a urbe dos gregos,
aclamada por ser de Palas de áurea lança;
Febo jungiu núpcias com filha de Erecteu
Creúsa à força, onde as pedras do norte
sob a colina de Palas em solo ateniense
os reis da terra ática chamam Compridas.
Às ocultas do pai, pois agradava ao Deus,
portou o peso do ventre, e ao vir o tempo,
teve o filho em casa e transportou o filho
à mesma gruta em que Creúsa se deitou
com o Deus e deixou, qual para morrer,
no redondo círculo de côncavo berço,
guardando uso de prógonos e do terrígeno
Erictônio, pois a filha de Zeus jungiu
junto dele as duas vigilantes guardiãs
dobres serpentes e deu às filhas de Aglauro
para guardarem; daí, lá entre os Erectidas,
é usual com as serpentes lavradas em ouro
criarem filhos. Mas a jovem atou ao filho
o luxo que tinha e deixou-o como à morte.
E, por ser meu irmão, Febo assim me pede:
"Ó irmão, parte para a povoação autóctone
"da ínclita Atenas, sabes a urbe da Deusa,
"recolhe o recém-nascido da pedra côncava,
"com o cesto mesmo e as faixas que tem,
"transporta para o meu oráculo de Delfos
"e deposita-o na entrada de meu templo.
"Para que saibas, o filho é meu. Do mais,
"cuidamos nós." Eu, para agradar Lóxias
meu irmão, recolhi o trançado cesto,
transportei e nos degraus deste templo
depositei a criança, abrindo o curvo
cesto do berço, para se ver a criança.
Dá-se que no curso a cavalgada do sol
a profetisa entrava no templo do Deus
e ao lançar os olhos na criança néscia
perguntou-se que moça délfia ousaria
lançar secreta criança à casa do Deus,
e estava propensa a banir do santuário,
mas por dó afastou crueldade, e Deus
cooperou para não banir o filho de casa.

Recolhe e cria-o, mas ignora ser Febo
quem o semeou, e de que mãe nasceu,
e o filho não soube quem eram os pais.
Na infância, entre os altares criou-se
brincando, e quando adulto o fizeram
os délfios guardião do ouro do Deus
e intendente fiel de tudo, e no templo
do Deus vive até hoje venerável vida.
Creúsa, a mãe desse rapaz, se casou
com Xuto nestas circunstâncias tais:
houve, entre Atenas e os Calcodôntidas
habitantes da terra eubeia, uma guerra,
quando ele aliado e vencedor na lança
obteve por prêmio casar-se com Creúsa,
não nativo, filho de Éolo, neto de Zeus,
aqueu nato. Após longa lavra do leito,
não teve filhos com Creúsa, e por isso
vêm a este santuário oracular de Apolo,
por amor de filhos. Lóxias leva a sorte
assim, e nunca se omitiu, como parece.
Dará a Xuto, se entrar neste santuário,
seu próprio filho e dirá nascido desse,
para que quando em casa de sua mãe
Creúsa o saiba, e as núpcias de Lóxias
fiquem ocultas, e o filho tenha sustento.
Fará Íon mesmo fundador de ásio solo
ter o renome proclamado pela Grécia.
Mas entrarei neste bosque de loureiros
para saber o que se fez a esta criança,
pois vejo este rebento de Lóxias sair
para lustrar os portais diante do templo
com ramos de louro. O nome que terá,
Íon, primeiro dos Deuses eu o denomino.

ÍON:

Eis o carro brilhante da quadriga!
O Sol já brilha sobre a terra,
as estrelas fogem deste fogo etéreo
para a noite sagrada.
Inacessos cimos do Parnaso
resplêndidos para mortais recebem

o disco diurno.
A fumaça da mirra seca para o teto
de Febo evola-se,
na trípode divina senta-se a mulher
délfia, cantando aos gregos vozes
que Apolo proclama.
Ó servos délfios de Febo,
ide até os argênteos rodopios
da Castália, e com puras gotas
banhados vinde ao templo,
silentes vigiai boa boca,
e produzi as boas falas
da própria língua
aos consulentes do oráculo.
Nossos trabalhos desde menino
sempre fazemos, com ramos de louros
e coroas sagradas purificaremos as vias
de acesso a Febo, e com mádidas gotas
umedeceremos o solo, e afugentaremos
com o meu arco os bandos de aves
perturbadores das santas oferendas.
Nascido assim sem mãe nem pai,
sirvo ao criador
templo de Febo.

Vem, ó recém-florido, ó [EST. 1]
órgão de linda laurácea,
que sob o templo
varres o lar de Febo,
vindo de jardins imortais,
onde gotas sacras regam,
com sempre fluente
fluxo de fonte,
mirtos, sacra fronde,
com que varro chão do Deus
todo dia ao veloz voo do Sol
no ofício cada dia.
Ó Peã, ó Peã,
feliz, feliz
sejas, ó filho de Leto.

Belo mesmo este labor, ó [ANT. 2]

Febo, sirvo-te ante o templo,
honrando esta sede oracular.
Ínclito é o meu labor,
ter mão serva de Deuses, não
de mortais, mas de imortais;
com faustas fadigas
trabalhar não me cansa.
Febo é meu pai genitor,
louvo quem me nutre, digo
útil a mim o nome do pai,
Febo no templo.
Ó Peã, ó Peã,
feliz, feliz
sejas, ó filho de Leto.

Mas cessarei os trabalhos
com vassouras de louro;
lançarei de vasos de ouro
a fonte da terra,
que os rodopios
de Castália vertem,
ao lançar úmida água,
lícito sem núpcias.
Nunca cesse assim
de servir sempre Febo,
ou cesse por boa sorte.

Ea! Ea!
As aves afluem e já
deixam ninhos do Parnaso.
Grito não toquem nos frisos
nem no templo ornado de ouro.
Arqueiro te ferirei, ó arauto
de Zeus, que vences a força
das aves com teu bico.
Para o altar este outro
cisne rema; não moverás
alhures o pé purpúreo?
Nem a lira, sócia de Febo
nos cantos, te livraria
de flechas. Desvia o voo!
Vai ao lago délio!

Se não ouvires, gemerás
as bem sonoras canções.
Ea! Ea!
Que ave nova aqui chegou?
Fará ninhos de gravetos
para os filhotes nos frisos?
Acordes do arco te repelirão.
Não ouvirás? Nos rodopios
de Alfeu cria teus filhos,
ou no vale do Istmo,
para não ferir ofertas
nem templo de Febo.
Receio que eu vos mate,
núncios das falas dos Deuses
aos mortais, estou no ofício
a serviço de Febo, não cessarei
de servir os que me dão pasto.

[PÁRODO (184-236)]

CORO:

— Não só em divina Atenas havia [EST. 1]
os bem colunados pátios dos Deuses
e os serviços de Viário,
mas há também junto a Lóxias,
filho de Leto, luz de belas pálpebras
das gemelares fachadas.

— Olha! Vê tu aqui!
O filho de Zeus com foice de ouro
mata a hidra de Lerna;
amiga, olha com os olhos!

— Vejo, e perto dele, outro [ANT. 1]
ergue acesa ígnea tocha;
ora, é este o lendário
em nossos teares
escudeiro Iolau, que
assumiu e cumpriu lides
com o filho de Zeus?
— Também este, vê,
montado em cavalo alado
mata a de três corpos

força que respira fogo.

— Por toda parte persigo a vista. [EST. 2]
Nos muros de pedra observa
o tumulto dos gigantes.
— Assim vemos, ó amigas.
— Vês que o escudo gorgôneo
ela vibra contra Encélado?...
— Vejo Palas, minha Deusa.
— Vês o raio fulminante
violento nas mãos
atiradoras de Zeus?
— Vejo, ígneo fulmina
o inimigo Mimante.
— E Brômio Baqueu
com tirsos de hera inermes
mata outro filho da terra.

— Falo contigo junto ao templo, [ANT. 2]
é lícito ultrapassar a pé nu
a soleira do santuário?

ÍON:

Não é lícito, ó estranhas.
— Não saberia de ti notícia?

ÍON:

Que notícia queres?
— Realmente o templo de Febo
tem umbigo no meio da terra?

ÍON:

Coroado e rodeado de Górgones.
— Assim também conta a fama.

ÍON:

Se sacrificaste bolo ante o templo
e quereis perguntar algo a Febo,
ide ante o altar. Sem imolações,
não vades ao recesso do templo.
— Entendi e não transgredimos
o instituto de Deus. Esta vista
externa há de nos comprazer.

ÍON:

Vede vós tudo que é lícito.
— Meus donos me deixaram

ver este santuário de Deus.

ÍON:

Servas de que casa vos dizeis?
— Convive com Palas o palácio
criadouro de meus senhores.
Perguntas por ela, presente.

[PRIMEIRO EPISÓDIO (237-451)]

ÍON:

Salve, ó rainha, pois tens na estampa
tua nobreza e esse indício dos modos
tens na figura, quem sejas, ó mulher.
Quem vê a figura poderia muitas vezes
saber do ser humano se é bem nascido.
Éa!
Surpreendeste-me ao fechar os olhos
e molhar com lágrimas a nobre face,
quando viste santo oráculo de Lóxias.
Que te fez afinal tão aflita, ó mulher?
Onde todos ao ver o templo do Deus
se alegram, aqui teus olhos pranteiam?

CREÚSA:

Ó estrangeiro, não é sem instrução
tua admiração por minhas lágrimas.
Eu ao ver este palácio de Apolo
rememorei uma antiga lembrança.
Lá tive o espírito por estar aqui.
Ó míseras mulheres! Ó açodados
Deuses! Qual? Que justiça temos,
destruídos por injustiças de reis?

ÍON:

Que sem-razão te aflige, mulher?

CREÚSA:

Nada, relaxei o arco, e sobre isto
eu me calo e tu não mais cogites.

ÍON:

Quem és? Donde vens? És de que
pátria? Que nome te devemos dar?

CREÚSA:

Creúsa é meu nome, e de Erecteu
nasci e minha terra pátria é Atenas.

ÍON:
Ó residente de ínclita urbe, nascida
de nobres pais, tal te admiro, mulher.
CREÚSA:
Tal sorte tive, ó forasteiro, não mais.
ÍON:
Ó Deuses, deveras dizem os mortais...
CREÚSA:
O que tu queres saber, ó forasteiro?
ÍON:
O avô de teu pai brotou da terra?
CREÚSA:
Erictônio, mas a raça não me vale.
ÍON:
Atena mesma o recolheu da terra?
CREÚSA:
Com mãos virgens, sem tê-lo parido.
ÍON:
E doa, como se reconhece na pintura?
CREÚSA:
Às Cecrópides, para salvar sem ver.
ÍON:
Ouvi que abriram o cesto da Deusa.
CREÚSA:
Mortas ensanguentaram o penhasco.
ÍON:
Seja!
Que é isso? É verdade ou vã palavra?
CREÚSA:
Que inquires? Não me canso de ócio.
ÍON:
O pai Erecteu sacrificou tuas irmãs?
CREÚSA:
Ousou imolar filhas vítimas à Terra.
ÍON:
Única das irmãs, como foste salva?
CREÚSA:
Era criança nova nos braços da mãe.
ÍON:
Fenda do chão cobre mesmo teu pai?
CREÚSA:

Golpes de tridente do mar o mataram.
ÍON:
Há um lugar lá chamado Compridas?
CREÚSA:
Por que indagas? Lembraste-me algo.
ÍON:
Honram-no o Pítio e os fulgores pítios.
CREÚSA:
Honra, honra! Nunca o tivesse eu visto!
ÍON:
O quê? Odeias tu o mais caro ao Deus?
CREÚSA:
Não! Conheço um vexame com a gruta.
ÍON:
Que ateniense é teu esposo, ó mulher?
CREÚSA:
Não é cidadão, mas forasteiro de alhures.
ÍON:
Quem? Deve ser alguém bem nascido.
CREÚSA:
Xuto, filho de Éolo e oriundo de Zeus.
ÍON:
Como um forasteiro uniu-se a ti, nativa?
CREÚSA:
Eubeia é uma cidade vizinha de Atenas.
ÍON:
Limitada, qual se diz, por úmidos limites.
CREÚSA:
Tomou-a com lança comum de Cecrópidas.
ÍON:
Indo auxiliar? E então obteve o teu leito?
CREÚSA:
Como dote de guerra e prêmio de lança.
ÍON:
Vens com o marido, ou só, ao santuário?
CREÚSA:
Com ele, mas tarda na cova de Trofônio.
ÍON:
Veio em visita ou por graça de oráculos?
CREÚSA:
Querendo ter oráculo daquele e de Febo.

ÍON:
Viestes por frutos da terra ou por filhos?
CREÚSA:
Somos sem filho, casados há tanto tempo.
ÍON:
Ainda não geraste nenhum e és sem filho?
CREÚSA:
Febo conhece a minha privação de filho.
ÍON:
Ó mísera, feliz no restante, não és feliz!
CREÚSA:
Tu, quem és? Como felicito a mãe por ti!
ÍON:
Sou dito servo de Deus, e sou, ó mulher.
CREÚSA:
Oferta de cidade ou vendido por alguém?
ÍON:
Não sei senão que me disseram de Lóxias.
CREÚSA:
Nós por nossa vez te choramos, forasteiro!
ÍON:
Por não ter conhecido nem mãe nem pai.
CREÚSA:
Tens residência neste templo ou em casa?
ÍON:
Tenho toda a casa do Deus onde der sono.
CREÚSA:
Vieste ao templo ainda menino ou já rapaz.
ÍON:
Criança, dizem os que me parecem saber.
CREÚSA:
E que mulher délfia te criou com leite?
ÍON:
Não conheci o mamilo. Ela me criou...
CREÚSA:
Quem, ó mísero? Condoída, que dor vi!
ÍON:
A profetisa de Febo consideramos mãe.
CREÚSA:
Que criação tiveste até tornar-te adulto?
ÍON:

Criaram-me altares e hóspede visitante.
CREÚSA:
Tens meios, pois vestes bons mantos.
ÍON:
Temos adornos do Deus a quem sirvo.
CREÚSA:
Não te moveste a perquirir a origem?
ÍON:
Não tenho, ó mulher, nenhum indício.
CREÚSA:
Mísera a tua mãe, quem quer que fosse!
ÍON:
A injustiça a alguma mulher fui talvez.
CREÚSA:
Pheû!
Outra padeceu o mesmo que tua mãe!
ÍON:
Quem? Se partilhasses, me alegraria.
CREÚSA:
Por ela vim aqui antes de meu esposo.
ÍON:
Que buscas? Que eu te sirva, mulher!
CREÚSA:
Quero saber oráculo secreto de Febo.
ÍON:
Podes falar, o restante nós proveremos.
CREÚSA:
Ouve esta história, mas tenho vergonha.
ÍON:
Ora, nada farás, a Deusa é sem-ação.
CREÚSA:
Amiga minha diz ter-se unido a Febo.
ÍON:
A Febo, mulher nata? Não, forasteira!
CREÚSA:
E gerou filho do Deus, oculta do pai.
ÍON:
Não! Ela se vexa de injustiça de varão.
CREÚSA:
Ela mesma não diz, e padeceu misérias.
ÍON:

Que coisa ela fez, se ao Deus se uniu?
CREÚSA:
Ela excluiu de casa o filho que gerou.
ÍON:
E o filho excluso, onde está? Vê a luz?
CREÚSA:
Não se sabe, indagarei isso ao oráculo.
ÍON:
E se ele não vive mais, como pereceu?
CREÚSA:
Ela pensa que feras mataram o infeliz.
ÍON:
Ela soube disso por via de que indício?
CREÚSA:
Ao ir aonde o excluiu, não mais o viu.
ÍON:
Havia alguma gota de sangue no piso?
CREÚSA:
Diz que não, mas voltou muitas vezes.
ÍON:
Quanto tempo tem a exclusão do filho?
CREÚSA:
Se ele vivesse, teria a mesma idade tua.
ÍON:
E se às ocultas Febo o recolheu e criou?
CREÚSA:
Com a graça comum não é justo agir só.
ÍON:
Então é injusto o Deus, e mísera a mãe.
CREÚSA:
Ela não mais gerou nenhum outro filho.
ÍON:
Oímoi! A sorte consoa com minha dor.
CREÚSA:
Forasteiro, creio te faltar mísera a mãe.
ÍON:
Â! Não me leves ao lamento esquecido.
CREÚSA:
Calo-me, mas termina o que te pergunto!
ÍON:
Sabes o que mais atrapalha em tua fala?

CREÚSA:
O que afeta aquela infortunada mulher?
ÍON:
Como o Deus predirá o que quer velar?
CREÚSA:
Sentado na trípode comum da Grécia.
ÍON:
É vergonhosa a ação. Não o contestes!
CREÚSA:
É dolorosa para quem padeceu a sorte.
ÍON:
Não há quem te dirá essa profecia.
Mal visto em sua própria moradia,
Febo com justiça fará algum dano
a quem te disser. Desiste, mulher!
Não se pede oráculo contra o Deus.
Iríamos a esse ponto de ignorância,
se compelirmos Deuses contrariados
a dizer o que não querem, imoladas
reses em altares ou por voo de aves.
Se forçamos Deuses contrariados,
adquirimos inúteis bens, ó mulher!
O que dão de bom grado nos é útil.
CORO:
Muitos mortais têm muitas situações,
as formas diferem; a vida dos mortais
a custo se descobriria uma única feliz.
CREÚSA:
Ó Febo, tanto lá quanto aqui és injusto
com a ausente cujas falas se apresentam.
Não salvaste o teu que devias salvar,
e adivinho não dirás à mãe consulente,
se não mais vive, que lhe dê sepultura,
e se vive, venha afinal à vista da mãe.
Mas assim devo deixar, se por Deus
estou impedida de saber o que quero.
Mas, ó forasteiro, vejo aqui o nobre
esposo Xuto perto, ao deixar a sede
de Trofônio. As palavras proferidas
cala ante o marido, que não me vexe
tratar de sigilo, e a palavra prossiga

não por ali onde nós a desdobramos!
Com mulheres é difícil para homens,
e se boas se misturam com as más,
somos odiadas, tão má sorte temos.
XUTO:
Primeiro de minha fala tenha o Deus
primícias e saudação, e tu, ó mulher!
Por vir tão tarde, eu te infligi terror?
CREÚSA:
Nenhum, eu estava apreensiva. Mas
diz-me que oráculo trazes de Trofônio,
para que nos mescle semente de filhos?
XUTO:
Não se dignou antecipar o vaticínio
do Deus, só disse que não sem filho
do oráculo estaremos eu e tu em casa.
CREÚSA:
Ó senhora mãe de Febo, com augúrio
partíssemos e nossa anterior relação
com o teu filho mudasse para melhor.
XUTO:
Assim será, mas quem fala pelo Deus?
ÍON:
Nós aqui fora, lá dentro outros cuidam,
instalados perto do tripé, ó forasteiro,
nobres de Delfos, indicados pela sorte.
XUTO:
Bem. Tenho tudo quanto precisava.
Poderia entrar, pois, segundo eu ouço,
a vítima oferta comum dos consulentes
jaz diante do templo. Quero neste dia
— propício — receber oráculo de Deus.
Tu, ó mulher, ante os altares lauríferos
com ramos suplique aos Deuses trazer
eu da casa de Apolo oráculo de bom filho.
CREÚSA:
Será, assim será. E se Lóxias quisesse
agora reparar seus antigos desacertos,
não de todo se nos tornaria um amigo,
mas aceitarei quanto ele, Deus, queira.
ÍON:

Por que afinal a forasteira com injúrias
obscuras ao Deus sempre diz enigmas?
Será por amor de quem faz a consulta,
ou ainda silenciosa do que deve calar?
Mas que me importa a filha de Erecteu?
Não me concerne. Mas em áureo vaso
depositarei o orvalho para a aspersão.
Cabe a mim, porém, admoestar Febo
ao que acontece? Ao forçar as núpcias
trai a noiva? Ao fazer filhos às ocultas
ignora se morrem? Não tu! Se podes,
persegue as virtudes, pois todo mortal
que se torna mau, os Deuses castigam.
Como seria justo punir-vos por ilícito
se aos mortais destes as leis escritas?
Se — não será, mas usarei o argumento —
pagásseis mortais por núpcias forçadas
tu, e Posídon, e Zeus, que reina no céu,
esvaziaríeis templos pagando injustiças.
Se hauris prazeres além da prudência,
sois injustos, não mais é justo dizer
mal de homens, se imitamos os bens
dos Deuses, mas assim nos ensinam.

[PRIMEIRO ESTÁSIMO (452-509)]

CORO:

A ti, sem Ilitia de dor [EST.]
de parto, minha
Atena, suplico-te,
assistida por Prometeu
Titã no mais alto cimo
de Zeus, ó Vitória venturosa,
vem ao templo pítio,
da áurea sede do Olimpo
em voo para as vias,
onde o lar de Febo
no umbigo no meio da terra
no tripé celebrado nos coros
profere o oráculo,
tu e a filha nascida de Leto,
duas Deusas, duas virgens,

irmãs augustas de Febo,
vinde suplicar, ó filhas,
que o prisco ser de Erecteu
consiga oráculos puros
de serôdia bela prole!
Entre os mortais [ANT.]
o imóvel capital
de superior Nume
é de quem brilha
frutífero de filhos
na sede paterna
o vigor juvenil,
herdada riqueza
recebível dos pais
entre os filhos.
Apoio nos males,
com boa sorte, caro
lanceiro traz à pátria
a força salvadora.
Possa eu ter antes
que rica sede de rei
cara criação de filhos caros.
Dá-me horror a vida sem
filho, reprovo quem queira,
possa eu ter com meios
medidos vida de belo filho!
Ó trono de Pã [EPODO]
e pedra vizinha
de Compridas recônditas,
onde três filhas de Aglauro
palmilham na dança dos pés
o amplo verde ante o templo
de Palas sob flautas
de vários silvos,
quando flauteias, ó Pã,
nas tuas grutas sem sol,
onde virgem mísera
gerou o filho de Febo,
e expôs banquete às aves
e às feras sangrento pasto,
ultraje de núpcias amargas.

Nem nos teares nem na voz das lendas ouvi
terem boa sorte filhos de Deuses e de mortais.

[SEGUNDO EPISÓDIO (510-675)]

ÍON:
Mulheres serventes, que, ante o altar do templo
acolhedor de ofertas, aguardais o dono prontas,
Xuto já deixou a sacra trípode e sede oracular
ou persiste no templo inquirindo falta de filhos?

CORO:
Está no templo, ó forasteiro, não surgiu ainda.
Mas está de saída, ouvimos o ruído das portas,
e já se pode avistar o dono na saída do templo.

XUTO:
Ó filho, salve! Primeiro me convém esta fala.

ÍON:
Salve! Sê prudente, e ambos estaremos bem!

XUTO:
Deixa-me beijar tua mão e dar-te um abraço!

ÍON:
Estás bem? Ou Deus te faz louco, forasteiro?

XUTO:
Não estou, se vejo e quero tocar o mais caro?

ÍON:
Para! Não quebres coroas do Deus ao tocar!

XUTO:
Toco e não roubo, descubro o que me é caro.

ÍON:
Não te afastarás antes da flecha nos pulmões?

XUTO:
Por que evitas que eu te reconheça o mais caro?

ÍON:
Não tendo a pautar forasteiros toscos e loucos.

XUTO:
Mata e queima! Do pai, morto, serás matador.

ÍON:
Onde meu pai tu? Ouvir isso não é para eu rir?

XUTO:
Não! A palavra corrente me faria claro para ti.

ÍON:
E que me dirás?

XUTO:

Sou teu pai, e tu, meu filho.
ÍON:
Quem o diz?
XUTO:
Lóxias que te criou sendo meu.
ÍON:
Atestas por ti.
XUTO:
Sabedor do oráculo do Deus.
ÍON:
Vacilaste ao ouvir enigma.
XUTO:
Não ouço bem?
ÍON:
Que disse Febo?
XUTO:
Quem me encontrasse.
ÍON:
Que encontro?
XUTO:
Ao sair do templo do Deus.
ÍON:
Obter que sorte?
XUTO:
Ter nascido meu filho.
ÍON:
Filho teu ou dom alheio?
XUTO:
Dom, sendo meu.
ÍON:
Primeiro me topaste?
XUTO:
Não outrem, filho!
ÍON:
Donde vem a sorte?
XUTO:
Ambos miramos uma.
ÍON:
De que mãe te nasci?
XUTO:
Não te posso dizer.

ÍON:
Febo não disse?
XUTO:
Tão grato, não indaguei.
ÍON:
Nasci eu da mãe terra?
XUTO:
O chão não dá filho.
ÍON:
Como eu seria teu?
XUTO:
Não sei, remeto ao Deus.
ÍON:
Tenhamos outras palavras.
XUTO:
É melhor, filho!
ÍON:
Foste a espúrio leito?
XUTO:
Estultícias de jovem. 545
ÍON:
Antes da filha de Erecteu?
XUTO:
Depois nunca.
ÍON:
Geraste-me lá, então?
XUTO:
Coincidente no tempo.
ÍON:
E como chegamos aqui?
XUTO:
Isso não sei dizer.
ÍON:
Vim por longínqua via?
XUTO:
Isso me confunde.
ÍON:
Vieste antes à pedra pítia?
XUTO:
À luz de Báquio. 550
ÍON:

Tiveste hospedeiro?
XUTO
E moças délfias comigo.
ÍON:
No tíaso, ou que dizes?
XUTO:
Com loucas de Báquio.
ÍON:
Sóbrio ou com vinho?
XUTO:
Nos prazeres de Báquio.
ÍON:
Aí é onde fui semeado!
XUTO:
A sorte inventou, filho!
ÍON:
Como vim ao templo?
XUTO:
Excluso da moça talvez.
ÍON:
Escapamos de servo.
XUTO:
Aceita este teu pai, filho!
ÍON:
Não convém descrer do Deus.
XUTO:
Pensas bem, então.
ÍON:
E que mais queremos?
XUTO:
Já vês o que deves ver.
ÍON:
Ser filho do filho de Zeus?
XUTO:
O que te acontece.
ÍON:
Posso então tocar meu pai?
XUTO:
Pondo fé no Deus.
ÍON:
Salve, ó meu pai!

XUTO:
Aceitei palavra tão cara!
ÍON:
O dia hoje presente!
XUTO:
Tão venturoso me fez!
ÍON:
Ó minha mãe, quando afinal te poderei ver?
Agora mais do que antes quero ver quem és.
Mas talvez morta, nem por sonho poderíamos!
CORO:
Compartilhamos o bem-estar da casa, mas
gostaríamos que a dona também tivesse
boa sorte com filhos e a casa de Erecteu!
XUTO:
Ó filho, Deus cumpriu tua descoberta
de verdade e aproximou-te de mim
e tu descobriste o pai antes ignorado.
O que queres deveras também desejo,
é que tu, ó filho, descubras tua mãe,
e eu, de que mulher tu me nasceste.
Isso com tempo talvez descubramos.
Deixa o solo de Deus e tua errância,
vai a Atenas em concórdia com o pai,
lá o próspero cetro paterno te aguarda
muito rico; por nenhum de dois males
mal-nato e pobre não serás chamado,
mas bem-nascido e de muitas posses.
Calas-te? Por que olhas para o chão
e estás ausente a cismar? Da alegria
mudaste, e ao teu pai infundes temor.
ÍON:
Não a mesma forma têm as situações

se estamos longe e se vemos de perto.
Congratulo-me por nesta conjuntura
descobrir-te pai, mas o que sei, pai,
ouve! Conta-se que a ínclita Atenas
autóctone é geração sem imigração,
onde cairei em posse de dois males,
sendo filho espúrio de pai forasteiro,

e com a afronta, ficando sem força,
serei chamado nada, não sendo nada.
Se impelido a primeiro posto na urbe
tento ser alguém, pelos incapazes sim
serei odiado, pois o poder os aflige.
E entre os capazes, nobres e sábios,
silenciosos e não sôfregos de ação,
colherei riso e escárnio de estultícia,
por não ter paz na urbe maledicente.
Os oradores, que se servem da urbe,
vigiarão meu ingresso em honrarias
com votos. Assim isto sói ser, ó pai:
os que têm as urbes e têm honrarias
são os mais belicosos com os rivais.
Indo eu à casa alheia, recém-chegado,
sendo sem filho ela que antes contigo
dividia o infortúnio, e ora frustrada
suportará consigo só amarga sorte,
como não com razão odiado por ela,
quando estou ao teu lado perto ao pé,
e ela, a sem filho, olha amarga o teu?
Então, se tu me trais, vês tua esposa,
e se me honras, tens a casa em ruína.
Quanta morte e fim por letais venenos
as mulheres acharam para os varões!
Aliás, apiedo-me de tua esposa, ó pai,
envelhecer sem filho: de pais nobres
ela não merece a dor de não ter filho.
Doce é o rosto da realeza, que em vão
se louva, mas em cada casa é aflitivo:
quem venturoso, quem com boa sorte,
que temendo e vendo ao redor violência
estende a vida? Cidadão com boa sorte
antes quereria viver que ser um tirano,
cujo prazer é manter os maus amigos,
mas odeia os bons temendo ser morto.
Poderias dizer que o ouro supera isso
e ser rico apraz; não quero ouvir bulha
por posse de riqueza, nem combater.
Possa eu ter o medido sem me afligir.
Os bens que aqui tive, ouve-me, pai:

primeiro o ócio mais grato aos homens,
e estorvo módico, não me turve o passo
nenhum perverso, isto é insuportável,
ceder o passo, concedendo aos piores.
Orando aos Deuses e falando a mortais
eu servia a contentes, não a queixosos.
Despedia uns, outros vinham de fora,
de modo a ser suave, novo aos novos.
O desejável entre homens, ainda que
contrariados, ser justo perante o Deus,
isso juntos a lei e a natureza me deram.
Pensando, pai, creio melhor cá que lá.
Deixa-me viver aqui, a graça é igual,
alegre com muito, ou grato com pouco.

CORO:

Falaste bem, se se der que os meus
venham a ter boa sorte com os teus.

XUTO:

Cessa tuas palavras e sabe ter boa sorte!
Filho, quero onde te encontrei consagrar
a mesa comum em um banquete comum
e fazer tuas natalícias que não fiz antes.
E agora ao te levar qual hóspede ao lar
oferecerei a ceia, e te levarei visitante
do solo ateniense, não qual ente meu,
pois não quero magoar minha mulher
por ser ela sem-filho e ter eu boa sorte.
Com tempo, com ocasião, persuadirei
minha esposa a deixar-te o cetro do solo.
Dou-te o nome de Íon, próprio à sorte,
por que indo eu fora do ádito do Deus
primeiro me perpassaste. Vamos, reúne
muitos amigos no prazer de imolar rês
e saúda-os ao deixar a urbe dos délfios!
A vós, servas, vos digo: silenciai isto
ou morre quem contar à minha esposa.

ÍON:

Iria sim, da sorte só me faz falta algo:
se não souber quem me gerou, ó pai,
serei inviável. Se preciso fazer prece,
seja-me a genitora mulher de Atenas,

assim por mãe terei liberdade de falar.
Se um forasteiro cai numa urbe pura,
ainda que cidadão na palavra, a boca
se mantém servil e não tem liberdade.

[SEGUNDO ESTÁSIMO (676-724)]

CORO:

Antevejo lágrimas e dolorosos [EST.]
alaridos e ataques de lástimas,
quando minha rainha souber
que o marido tem bela prole,
ela sem filho e falta de filhos.
Ó vaticinante filho de Leto,
que oráculo vaticinaste?
Donde saiu este filho nutrido
em teu templo? De que mulher?
Não me adula a dita, não tenha
ela dolo! Temo a situação,
para onde afinal irá?
Insólita, insólita me soa
aqui a palavra do Deus.
O filho tece dolo e arte,
feito de alheios sangues.
Quem não concordará?

Amigas, soaremos isto claro [ANT.]
ao ouvido de minha senhora?
O esposo, a quem confiava tudo
partilhando esperanças, era ousado.
Nesta situação ela se vai, ele tem
boa sorte, ela ante Velhice gris,
o esposo sem honra dos seus.
Mísero ele de fora vindo à casa
não deu sorte igual à grande riqueza.
Morra, morra, se lesou minha rainha!
Não alcance os Deuses
o bolo de bela chama
sagrado ao fogo! Logo
que amizade a minha [Kovacs]
pela antiga rainha se verá. [Kovacs]
Já estão perto dos terrores

o filho e o pai novo do novo.
Ió! Cimos pétreos do Parnaso [EPODO]
com mirante e morada celeste
onde Baco com pinhos ígneos
ágil salta com notívagas Bacas!
Não chegue nunca à minha urbe
o filho! Novo deixe a vida e morra!
Coberta a urbe teria escusa
de ataque estrangeiro,
suficiente foi o fundador [Kovacs]
prístino rei Erecteu. [Kovacs]

[TERCEIRO EPISÓDIO (725-1047)]

CREÚSA:
Ó ancião preceptor do pai Erecteu
outrora quando ainda era vivo à luz,
ergue-te até o santuário do Deus
para exultares comigo, caso o rei
Lóxias vaticine sementes de filhos.
Com os amigos, doce é o bem-estar.
Se a sorte fosse má, o que não se dê,
doce é olhar olhos de luz benevolente.
Eu a ti, tal qual tu outrora a meu pai,
ainda que rainha sirvo em vez do pai.
ANCIÃO:
Ó filha, conservas os modos dignos
de dignos genitores e não vexaste
os teus, prole de antigos autóctones.
Puxa, puxa até o templo e leva-me!
Íngreme é o templo, sê meu médico
de velhice cooperando com meu pé!
CREÚSA:
Prossegue! Observa onde pões o pé!
ANCIÃO:
Olha!
Lerdo é o pé, mas o espírito, alerta!
CREÚSA:
Apoia no bastão! O piso do chão rola.
ANCIÃO:
Até isso é cego, quando vejo pouco.
CREÚSA:
Disseste bem, mas não te dês à dor!

ANCIÃO:
Não por anuir; não ordeno o ausente.
CREÚSA:
Mulheres de meus teares e rocas
serventes fiéis, que sorte de filhos
por que viemos o esposo obteve?
Dizei, pois se me indicais os bens,
não fareis o favor a donos infiéis.
CORO:
Ió! Nume!
CREÚSA:
O início da fala não tem boa sorte.
CORO:
Ió! Mísera!
CREÚSA:
Mas algo turva na sina dos donos?
CORO:
Aiaî! Que fazer do que Morte cerca?
CREÚSA:
Que Musa é essa? Que pavor é esse?
CORO:
Falemos ou calemos ou que faremos?
CREÚSA:
Fala, pois dispões de minha situação!
CORO:
Direi, ainda que eu morra duas vezes.
Não te cabe, senhora, ter nos braços
filhos, nem sustê-los ao seio um dia.
CREÚSA:
Oímoi! Morresse eu!
ANCIÃO:
Filha!
CREÚSA:
Ó misera
situação minha! Tive, sofri aflição
insuportável, amigas!
Fomos mortas!
ANCIÃO:
Filha!
CREÚSA:
Aiaî aiaî!

Dor através dos pulmões
aqui dentro me golpeia.
ANCIÃO:
Não chores mais!
CREÚSA:
Mas o pranto vem.
ANCIÃO:
Antes, saibamos.
CREÚSA:
Que há de anunciar?
ANCIÃO:
Se o dono na mesma situação participa
desse infortúnio, ou só tu tens má sorte?
CORO:
Ó ancião, Lóxias lhe deu um filho,
e sem ela ele tem boa sorte própria.
CREÚSA:
Esse mal a mais extremo proferiste,
aflição minha de gemer.
ANCIÃO:
Vaticinou que de mulher qualquer
deve nascer o filho ou que nasceu?
CORO:
Já nascido, perfeito, um rapaz,
Lóxias lhe dá; estava eu presente.
CREÚSA:
Que dizes? Nefasta, nefasta, nefanda
palavra me anuncias!
ANCIÃO:
E a mim. Como o vaticínio se cumpre?
Diz-me mais claro! E quem é o filho?
CORO:
O Deus lhe deu por filho quem primeiro
teu esposo encontrasse depois do Deus.
CREÚSA:
Otototoî! Diz sem filho, sem filho
minha vida e morarei na solidão
na casa falta de filho.
ANCIÃO:
Qual o indicado? Quem o esposo
da mísera topou? Como viu? Onde?

CORO:
Sabes, ó minha senhora, o rapaz
que varria o templo? Ele é o filho.
CREÚSA:
Voasse eu por úmido firmamento,
além da Grécia, a astros tardios!
Que dor, que dor sofri, amigas!
ANCIÃO:
Que nome o pai lhe dá? Tu sabes,
ou isso em silêncio resta incerto?
CORO:
Íon, porque primeiro topou o pai;
mas de que mãe é, não sei dizer.
Que saibas tudo por mim, ancião,
o esposo partiu para os sacrifícios
hospitaleiros e natalícios do filho,
e para a ceia comum ao novo filho
em tendas sagradas às ocultas dela.
ANCIÃO:
Dona, fomos traídos (sofro contigo)
por teu marido, e premeditadamente
ultrapassados, e da casa de Erecteu
banidos. Não por ódio a teu marido
digo, mas por te amar mais que a ele.
Forasteiro por te desposar tendo urbe
e casa, e em posse de teu patrimônio,
traz o filho nascido de outra mulher
às ocultas, e como se oculta, direi:
sabendo-te sem filho, não quis ser
símil a ti e suportar a mesma sorte,
e por união secreta em leito servil,
plantou o filho, e hospedado o dá
a algum délfio que crie, e foi criado
às ocultas solto no templo do Deus.
Quando viu que já formou o rapaz,
persuadiu-te a vir por falta de filho.
O Deus não mentiu, esse mentiu,
ao ter filho antes e urdir tal trama.
Se fosse pego, reportaria ao Nume,
mas ao ir, e para prevenir o tempo,
iria legar-lhe a soberania da terra.

Novo o nome plasmado a tempo
Íon, porque indo ele o encontrou.
CORO:
Oímoi! Que horror aos malfeitores
que cometem injustiças e com artes
adornam! Quisera antes ter amigos
pobres honestos que maus espertos.
ANCIÃO:
E ainda padecerás mal pior de todos:
conduz à tua casa um dono sem mãe
nem préstimo, nascido de uma serva.
O mal seria simples, se de mãe nobre
por persuasão, por tua falta de filho,
pusesse no lar; e se te fosse amargo,
suas núpcias deviam ter sido de Éolo.
Por isso deves fazer algo feminino:
com uma espada, ou com um dolo,
ou com drogas, matar o teu esposo
e seu filho, antes que eles te matem.
Tu, se disto cederes, perderás a vida.
Se dois inimigos sob o mesmo teto
entram, um deles deve ter má sorte.
Quero, sim, então, cooperar contigo,
entrar na casa e matar junto o filho,
onde banqueteia, e por pagar o pão
aos donos, morrer ou ver a luz vivo.
Um só item dá vergonha aos servos,
o nome; em tudo o mais não é pior
que os livres o servo que fosse bom.
CORO:
Senhora, por ser parte da situação
eu quero ou morrer ou viver bem.
CREÚSA:
Ó vida, como farei silêncio?
E como revelarei tenebrosa
união, abandonando pudor?
Que óbice ainda me impede?
Quem é meu rival em virtude?
O marido não se fez traidor?
Sou sem casa, sou sem filho
nem esperanças, que não pude

bem dispor, embora quisesse,
ao calar as núpcias,
ao calar o filho pranteado.
Não da sidérea sede de Zeus,
nem da Deusa do meu solo
nem da soberana margem
da úmida lagoa Tritoníada
não mais ocultarei a união,
sem ela no peito terei alívio.
As pupilas minam-me lágrimas,
a alma sofre por maus-tratos
dos homens e dos imortais
que apontarei
ingratos traidores do leito.
Ó tu, que modulas o estrépito
septíssono da cítara, que ecoa
nos agrestes chifres sem vida
os hinos sonoros das Musas,
ó filho de Leto, de ti farei
queixa perante este clarão.
Vieste-me com teus cabelos
cor de ouro, eu colhia cróceas
pétalas nas dobras do manto
floridas com áureo fulgor.
Os alvos punhos das mãos
tomaste-me ao leito da gruta,
gritando eu clamor por mãe,
Deus no mesmo leito
seduziste sem pudor
com a graça de Cípris.
Mísera te gero o filho
que temerosa da mãe
arremesso ao teu leito
onde mísera às míseras
núpcias tu me jungiste.
Oímoi moi! Ora se foi
pasto rapinado das aves
o filho meu e teu.
Mísero, soas a cítara
modulando os peãs.
Oé! Digo filho de Leto

que distribuis vaticínio
no trono de ouro e na
sede no meio da terra.
Anunciarei à luz a fala:
Ió, ió! Mau amante,
que ao meu esposo
sem que recebas graça
instalas o filho em casa!
Filho meu e teu ignorado
roubado por aves se vai
ao sair das faixas da mãe.
Odeiam-te Delos e láureas
frondes e palmas ramadas,
onde santo parto te pariu
Leto nos jardins de Zeus.

CORO:

Oímoi! Tão grande tesouro se abre
de males, onde se verteriam lágrimas!

ANCIÃO:

Ó filha, encho-me de pranto ao ver
o teu rosto e fiquei fora de meu juízo.
Exaurindo no espírito onda de males,
outra me ergue da popa por tuas falas
que proferiste destes presentes males
e segues por más vias de outras dores.
Que dizes? Que denuncias de Lóxias?
Que filho dizes ter tido? Onde da urbe
expuseste tua relíquia às feras? Repete-me!

CREÚSA:

Tenho pudor de ti, ó ancião, mas direi.

ANCIÃO:

Sei que nobre prantear com os amigos.

CREÚSA:

Ouve! Conheces a gruta para o norte
nas pedras Cecrópias ditas Compridas?

ANCIÃO:

Sei onde o ádito de Pan e altares perto.

CREÚSA:

Aí competimos terrível competição.

ANCIÃO:

Qual? Vem-me pranto por tuas falas.

CREÚSA:
Com Febo tive tristes núpcias, coata.
ANCIÃO:
Ó filha, seria então o que eu percebi?
CREÚSA:
Não sei; se dizes a verdade, eu diria.
ANCIÃO:
Ao pranteares secreta dor às ocultas...
CREÚSA:
Eram os males que ora te digo claro.
ANCIÃO:
Como ocultaste núpcias com Apolo?
CREÚSA:
Pari! Suporta ouvi-lo de mim, ancião!
ANCIÃO:
Onde? Quem partejou? Pariste a sós?
CREÚSA:
A sós, na gruta, onde tive as núpcias.
ANCIÃO:
Onde o filho, para não seres sem filho?
CREÚSA:
Está morto, ó ancião, exposto a feras.
ANCIÃO:
Está morto? Apolo covarde não valeu?
CREÚSA:
Não valeu, e na casa de Hades se cria.
ANCIÃO:
Quem o expôs? Não foste tu decerto?
CREÚSA:
Nós, nas trevas; envolvi-o em mantos.
ANCIÃO:
Tiveste aliado na exposição do filho?
CREÚSA:
Somente as injunções e a ocultação.
ANCIÃO:
Como ousaste deixar o filho na gruta?
CREÚSA:
Como? Derramando muitas lamúrias.
ANCIÃO:
Pheû!
Ousaste ousadia, o Deus mais que tu.

CREÚSA:
Se visses o filho me estender as mãos.
ANCIÃO:
Procurando o seio, ou repouso no colo?
CREÚSA:
Ausente daqui de mim sofria injustiça.
ANCIÃO:
Por que razão te ocorreu expor o filho?
CREÚSA:
Para que o Deus preservasse seu filho.
ANCIÃO:
Oímoi! A riqueza de tua casa atormenta!
CREÚSA:
Velho, por que cobres o rosto em pranto?
ANCIÃO:
Por te ver a ti e teu pai em tão má sorte.
CREÚSA:
Tais são os mortais, nada é para sempre.
ANCIÃO:
Não mais resistamos em prantos, filha!
CREÚSA:
Que devo fazer? Impasse, a difícil sorte.
ANCIÃO:
Pune o Deus por primeiro injusto contigo.
CREÚSA:
Sendo mortal, como vencer os superiores?
ANCIÃO:
Queima a santa sede oracular de Lóxias!
CREÚSA:
Tenho medo. Já suporto males demais.
ANCIÃO:
Ousa o possível! Matar o teu marido!
CREÚSA:
Respeito as núpcias de quando boas.
ANCIÃO:
Então mata o filho surgido contra ti!
CREÚSA:
Como? Se fosse possível! Quisera!
ANCIÃO:
Arma com facas os teus seguidores.
CREÚSA:

Prosseguiria, mas onde se dará isso?
ANCIÃO:
Nas tendas sacras, lá brinda amigos.
CREÚSA:
Insigne a matança, sem força o servo.
ANCIÃO:
Ómoi! Acovardas. Avia-te! Urde algo!
CREÚSA:
Sim, também tenho astúcia e eficácia. 985
ANCIÃO:
Seja eu servente de ambas essas duas.
CREÚSA:
Ouve, pois! Sabes a batalha terrígena?
ANCIÃO:
Sei Gigantes em Flega contra Deuses.
CREÚSA:
Lá Terra pariu Górgona, sina terrível.
ANCIÃO:
Aliada a filhos dela, faina dos Deuses? 990
CREÚSA:
Sim, Deusa Palas filha de Zeus a mata. 991
ANCIÃO:
Ora, essa é a palavra que ouvi outrora? 994
CREÚSA:
Atena manter a pele dela sobre o peito. 995
ANCIÃO:
O que se chama égide, a veste de Palas.
CREÚSA:
Ágil na luta, Deuses lhe dão esse nome. 997
ANCIÃO:
Ela tem que forma de figura selvagem? 992
CREÚSA:
Couraça armada com espirais de víbora. 993
ANCIÃO:
Filha, que mal isso faria a teus inimigos? 998
CREÚSA:
Sabes Erictônio? Como não, ó ancião?
ANCIÃO:
Terra produziu vosso primeiro prógono? 1000
CREÚSA:
Palas lhe dá, quando era recém-nascido...

ANCIÃO:
O quê? Acrescentas que palavra mais?
CREÚSA:
Os dois pingos de sangue de Górgona.
ANCIÃO:
Que podem fazer à natureza humana?
CREÚSA:
Um é letal, o outro, remédio de males.
ANCIÃO:
Como ela os atou ao corpo da criança?
CREÚSA:
Com áureos fios, e ele os deu a meu pai.
ANCIÃO:
E tendo ele morrido, pertenceram a ti?
CREÚSA:
Sim, e no pulso da mão os mantenho.
ANCIÃO:
E como atua o duplo dom da Deusa?
CREÚSA:
O sangue que gotejou da veia cava...
ANCIÃO:
Que fazer com ele? Qual seu efeito?
CREÚSA:
Afasta doenças e dá alimento à vida.
ANCIÃO:
O segundo pingo, que falas, que faz?
CREÚSA:
Mata, veneno das serpes de Górgona.
ANCIÃO:
Tu os tens misturados ou separados?
CREÚSA:
Separados, o bem não se une ao mal.
ANCIÃO:
Minha filha, tens tudo de que precisas.
CREÚSA:
Assim o filho será morto, tu o matarás.
ANCIÃO:
Onde e como? Teu dizer, e meu fazer.
CREÚSA:
Em Atenas, quando vier à minha casa.
ANCIÃO:

Não o disseste bem, e tu me reprovas.
CREÚSA:
Como? Suspeitaste do que me ocorre?
ANCIÃO:
Dirão que tu o mataste, ainda que não.
CREÚSA:
Sim, dizem que madrasta renega filhos.
ANCIÃO:
Mata-o aqui onde negarás tê-lo matado.
CREÚSA:
Antecipo assim a tempo o meu prazer.
ANCIÃO:
Ocultarás a teu esposo o que te oculta.
CREÚSA:
Sabes o que fazer, toma de minha mão
este antigo instrumento áureo de Atena,
vai onde oculto a nós o esposo festeja,
e ao cessarem a ceia, antes de libarem
aos Deuses, portando isto sob o manto
derrama-o rápido na bebida do rapaz,
sem pôr na bebida de todos, somente
do que é para ser dono de minha casa.
Se transpuser a goela, nunca chegará
à ínclita Atenas, e ficará morto aqui.
ANCIÃO:
Ó tu, dirige o passo à casa do hospedeiro!
Nós trabalharemos em nossa incumbência.
Vamos, pé ancião, faz-te jovem ao agir,
ainda que por tempo não te seja possível!
Marcha com os donos contra o inimigo,
com eles mata e com eles toma a casa!
Com boa sorte é belo honrar a piedade,
mas quando se quer maltratar o inimigo,
nenhum instituto constitui um entrave.

[TERCEIRO ESTÁSIMO (1048-1105)]

CORO:
Enódia, filha de Deméter, [EST. 1]
reinas em noctívagos ataques,
guia tu ainda à luz do dia
a plenitude das mortíferas
crateras contra quem a rainha

minha rainha envia dos pingos
decapitados da térrea Górgona
contra quem adere à casa
dos Erectidas!
Nunca outrem ádvena
reine na urbe,
mas bem-nascidos Erectidas!
Se inúteis Morte e fainas régias [ANT. 1]
e se faltar ocasião à ousadia
onde esperança agora surge,
ou afiada faca ou forca
atingirá a garganta,
matando dores com dores
descerá a outras formas de vida.
Não suportaria nunca
em casa outros
reis forasteiros
se viva à luz brilhante
a filha da casa de bons pais.
Peja-me o hineado Deus [EST. 2]
se junto a fonte Calícoro
insone visitante vir tocha
noturna do vigésimo dia
quando ainda compõe coros
o fulgor constelar de Zeus
e as coristas são a Lua
e as cinquenta filhas
de Nereu, que dançam
no mar e nos giros
dos rios perenes
à auricoroada filha
e à mãe veneranda
onde espera reinar
sobre faina alheia
o errante de Febo.
Vós em díssonos hinos [ANT. 2]
segundo Musa cantais
nossas núpcias e uniões
ilícitas de ilídima Cípris,
vede vencermos reverentes
a injusta lavra de varões!

Responsiva canção
e Musa vão contra os varões,
dissonante das núpcias.
O filho dos de Zeus mostra
desmemória ao plantar
na casa a sorte da prole
não comum com a rainha;
ao fazer a Afrodite
alguma outra graça
obteve filho espúrio.

[QUARTO EPISÓDIO (1106-1228)]

SERVO:
Mulheres, onde a ínclita filha de Erecteu
soberana se encontra? Por toda a cidade
para lá e para cá em fatigantes corridas [Kovacs]
levei a termo sua procura sem resultado.

CORO:
Que há, ó colega? Que pressa te pega
pelos pés e és portador de que palavras?

SERVO:
Somos caçados. Poderes locais da terra
procuram-na para que morra apedrejada.

CORO:
Oímoi! Que dirás? Não ficamos ocultos
alhures ao prover secreta morte ao filho?

SERVO:
Soubeste; já não terás do mal por último.

CORO:
E como se descobriu o plano secreto?

SERVO:
O injusto pode menos que a justiça.
O Deus achou sem se deixar poluir.

CORO:
Como? Suplico-te que nos digas isso;
informadas, mais doce morreríamos,
se devemos morrer, ou se ver a luz.

SERVO:
Quando Xuto, o marido de Creúsa,
deixou o templo e com o novo filho
foi à ceia e sacrifícios aos Deuses,
foi lá onde fogo de Deus salta báquico

para molhar com imolações as pedras
dobres de Dioniso, dádivas pelo filho,
e disse: “Ó filho, fica e ergue tendas
“cobertas com fainas de carpinteiros!
“Se tardar a oferta aos Deuses natais,
“que se sirva a ceia aos caros presentes!”
E partiu a levar os novilhos. O rapaz
solene assentou o contorno sem parede
das tendas com estacas, bem observando
os raios do sol, evitando a luz radiosa
do meio dia e a luz morrediça da vida,
dando a largura de um pletro em ângulo
regular de modo a ter no meio o número
de dez mil pés, como dizem os sábios,
para chamar à festa toda a gente délfia.
Com os tecidos sagrados do tesouro,
cobriu, prodígio visível aos homens.
Primeiro estende asa de véus no teto,
oferendas que o filho de Zeus Héracles
trouxe ao Deus, espólios de Amazonas.
Eram tais tecidos bordados com letras:
Céu reunindo astros no círculo fulgente;
o Sol dirigia os cavalos à luz terminal,
puxando o luminoso brilho de Vésper;
Noite de negra veste vibrava a biga
e os astros acompanhavam a Deusa;
a Plêiade percorria no meio do céu,
e Órion armado de espada, e acima
Ursa volteando áurea cauda ao pólo;
o círculo plenilunário raiava em cima
divisor do mês, e Híades aos marujos
o mais claro sinal, e portadora de luz
Aurora banindo astros. E nos muros
estendeu outras tecelagens bárbaras:
navios remeiros defronte de gregos,
gente metade fera, cavalgadas, caças
a corças e caçadas a leões selvagens.
À entrada, Cécrops perto das filhas
enrolando espiras, oferta de alguém
de Atenas, e no meio dos convivas
áureas cratera pôs de pé. E na ponta,

o arauto anunciou que viesse à ceia
quem do lugar quisesse. Cheia a casa,
adornados de coroas eles se saciaram
de farto pasto. Ao cessar o prazer
da ceia, um velho vindo se interpôs [Kovacs]
e fez que os comensais rissem muito
de seu empenho, pois levava água
lustral das bilhas às mãos, acendia
a resina de mirra e começava com
as áureas taças, incumbido da faina.
Ao chegarem às flautas e à cratera
comum, o velho disse: "Recolham
"tacinhas de vinho! Sirvam grandes
"para chegar mais rápido ao prazer!"
Era a faina de trazer taças de prata
e de ouro, e ele, com taça escolhida
como a agradar o seu novo senhor,
deu copo cheio, lançando ao vinho
fármaco eficaz que, dizem, a rainha
deu para o novo filho deixar a luz.
Isso não se sabia. Ao ter nas mãos
libações o surgido filho com outros,
um servo pronunciou palavra aziaga.
Criado no templo entre bons videntes,
viu auspício e fez encher outra nova
cratera e dá à terra a anterior libação
do Deus e diz a todos que derramem.
Silêncio se fez e enchemos de água
e de vinho bíblino sagradas crateras.
Nesse ínterim, entrou em casa alado
bando de pombas, na casa de Lóxias
viviam sem temor; entornado o vinho,
ávidas da bebida puseram nela o bico
e hauriam com gargantas emplumadas.
Outras tiveram inócua libação do Deus,
a que pousou onde o novo filho verteu
degustou o vinho, agitou as belas plumas,
debacou, e emitiu voz incompreensível,
lamuriosa. E todo o grupo de convivas
admirou-se dos estertores daquela ave.
E morria convulsa ao soltar as garras

das patas purpúreas. O predito filho
pôs sobre a mesa braços nus do manto
e grita: “Que homem iria me matar? 1210
“Diz, ó ancião, era teu o empenho,
“e essa bebida recebi de tua mão!”
Indaga direto ao prender braço gris
do velho em flagrante para pegá-lo
com frasco cheio de fármaco mau. [Kovacs]
Flagrado, forçado confessa a custo 1215
ousadia de Creúsa e dolo de poção.
Corre já para fora com os convivas
o rapaz do oráculo pítio de Lóxias
e para perante os reis pítios e diz:
“Ó Terra santa, por mulher hóspeda 1220
“filha de Erecteu mata-nos o fármaco!”
Os reis délfios definiram que morresse
precípite minha dona não por um voto,
por ela tentar matar o santo e perpetrar
massacre no templo. Toda a urbe caça 1225
a mísera que se avia por mísera via.
Por amor de filhos veio junto a Febo
e perdeu seu corpo comum de filhos.

[QUARTO ESTÁSIMO (1229-1249)]

CORO:

Não há, não há o meu
desvio da morte, mísera! 1230
Evidentes, evidentes já estes
brindes das vides de Dioniso
mesclados à morte
com gotas de rápida víbora.
Evidentes vítimas de ínferos, 1235
a situação de minha vida
e lapidada morte da rainha.
A que fuga alada ou a que
sombrio recesso do solo ir
em fuga da lapidada ruína 1240
da morte, sobre quadriga
de rápidos cascos ou
sobre a popa do navio?
Não há ocultamento, quando
Deus benévolo não esconde. 1245

Ó mísera rainha, que te resta
sofrer na vida? Querendo nós
fazer mal a outrem, nós mesmas
sofreremos, tal como é justiça?

[ÊXODO (1250-1622)]

CREÚSA:
Servas, perseguem-nos para dar morte,
sob poder do voto pítio, estou entregue.
CORO:
Sabemos, mísera, a sorte de tua situação.
CREÚSA:
Onde fugir? A custo saí de casa a pé
sem morrer, furtiva ao evitar inimigos.
CORO:
Onde senão no altar?
CREÚSA:
Que me vale?
CORO:
Ilícito matar suplicante.
CREÚSA:
Por lei, morro.
CORO:
Se for pega à mão.
CREÚSA:
Adversários acerbos
vêm para cá com facas.
CORO:
Põe-te na pira!
Ainda que lá morras, para os matadores
terás morte adversa e suporte-se a sorte!
ÍON:
Ó aspecto tauriforme do pai Cefiso,
que víbora geraste aqui, que serpente
ígnea, lançando olhar de chama letal,
que tem toda audácia, e não foi menos
que gota de Górgona que me mataria!
Prendei, para que escarpas do Parnaso
penteiem intactas tranças de cabelos
lá onde o salto se dará no precipício!
Tive bom Nume, antes de ir à urbe
em Atenas e de cair sob a madrasta.

Entre os aliados avaliei teu espírito,
e que dano por inimizade me fizeste,
pois circundando-me dentro de casa
do alto me enviarias à casa de Hades.
Mas nem o altar nem casa de Apolo
te salvará; o que choras é mais forte
junto de minha mãe; se o meu corpo
está longe dela, o nome nunca está.
Vede a malfeitora, que arte com arte
teceu, acoitou-se no altar do Deus
como se não pagasse por seus atos.

CREÚSA:

Proíbo-te que me mates, por mim
mesma e pelo Deus onde estamos.

ÍON:

Que no meio é comum a ti e a Febo?

CREÚSA:

Ao Deus dou ter consagrado o corpo.

ÍON:

E com fármacos matavas o do Deus?

CREÚSA:

Não mais de Lóxias, eras de teu pai.

ÍON:

Mas fui, e digo a substância do pai.

CREÚSA:

Eras então; agora sou, e tu não mais.

ÍON:

Não és piedosa, mas minha vida era.

CREÚSA:

Tentei te matar como inimigo de casa.

ÍON:

Não marchei armado contra teu solo.

CREÚSA:

Sim! Incendiavas a casa de Erecteu.

ÍON:

Com que tochas, com que ígnea luz?

CREÚSA:

Morarias comigo, pegaste-me à força.

ÍON:

Então me matas por pavor do porvir?

CREÚSA:

Para não morrer, se agisses sem hesitar. 1301
ÍON:
Sem filho tu invejas, se o pai me achou? 1302
CREÚSA:
Tu arrebatarás esta casa dos sem-filho? 1303
ÍON:
Se pai é doador da terra que adquiriu. 1296
CREÚSA:
Como os de Éolo têm parte de Palas?
ÍON:
Defendeu-a com armas, não com falas.
CREÚSA:
Mercenário não seria morador do solo. 1299
ÍON:
Parte da terra não era nossa, mas do pai? 1304
CREÚSA:
São o escudo e a lança as tuas posses. 1305
ÍON:
Deixa o altar e os assentos oraculares!
CREÚSA:
Adverte tua mãe onde estiver contigo!
ÍON:
Não serás punida por me tentar matar?
CREÚSA:
Se dentro deste ádito queres me imolar.
ÍON:
Por que te apraz morrer nas fitas do Deus? 1310
CREÚSA:
Para afligir a quem nos tem afligido.
ÍON:
Pheû!
É terrível aos mortais como não bem
nem por sábia sentença Deus fez leis!
Não deviam pôr os injustos em altares,
mas expulsá-los, pois não é belo tocar 1315
Deuses com mãos vis, mas com justas.
O injustiçado devia sentar no templo
e com as mesmas preces não ter igual
dos Deuses quem é bom e quem não é.
PÍTIA:
Espera, ó filho! A trípode oracular 1320

deixei e ultrapasso a pé estes frisos,
profetisa de Febo, seleta das délfias
todas cultora do prisco uso da trípode.
ÍON:
Salve, minha mãe cara não genitora!
PÍTIA:
Mas dizem, e a fama não me aflige.
ÍON:
Ouviste que ela me matava dolosa?
PÍTIA:
Ouvi. Por imaturo cometes um erro.
ÍON:
Eu não devo matar quem me matava?
PÍTIA:
Esposas são sempre hostis a enteados.
ÍON:
E nós, maltratados, hostis a madrastas.
PÍTIA:
Isso não! Ao sair do templo e ir à pátria...
ÍON:
Que devo fazer, seguindo o conselho?
PÍTIA:
Vai puro a Atenas sob belos auspícios.
ÍON:
É puro todo aquele que mata inimigos.
PÍTIA:
Tu não! Ouve as palavras que temos!
ÍON:
Digas! Dirás benévola o que disseres.
PÍTIA:
Vês este cesto aqui em meus braços?
ÍON:
Vejo antigo berço munido de fitas.
PÍTIA:
Nele te recebi ainda recém-nascido.
ÍON:
Que dizes? A voz reportada é nova.
PÍTIA:
Guardei-a em silêncio, agora mostro.
ÍON:
Como ocultavas que me recebeste?

PÍTIA:
O Deus queria que servisses em casa.
ÍON:
E agora não quer? Como devo saber?
PÍTIA:
Ao mostrar teu pai, leva-te deste solo.
ÍON:
Por ordens ou por que tu guardas isto?
PÍTIA:
Lóxias então me pôs no pensamento...
ÍON:
Fazer o quê? Diz, conclui a palavra!
PÍTIA:
Guardar o achado para este momento.
ÍON:
Isso me traz que ganho ou que dano?
PÍTIA:
Aqui ocultei faixas com que estavas.
ÍON:
Da mãe tu nos trazes estes vestígios?
PÍTIA:
Sim, porque o Nume quer, não antes.
ÍON:
Ó venturoso dia tenho de aparições!
PÍTIA:
Recebe isto e trata de achar a mãe.
ÍON:
Por toda Ásia e confins de Europa!
PÍTIA:
Conhece-o tu mesmo. Por este Deus
criei-te, ó filho, e agora te dou isto,
quis que eu não incumbida o tivesse
e guardasse, não sei dizer por quê.
Nenhum dos homens mortais sabia
que tínhamos, nem onde escondíamos.
E salve! Dou-te abraço igual de mãe.
Principia onde deves buscar tua mãe:
primeiro se uma délfia te engendrou
e expôs neste templo por ser moça,
depois, se alguma grega.Tudo tens
de nós e de Febo partícipe da sorte.

ÍON:
Pheû, pheû! Dos olhos verto úmido pranto
ao pensar no momento em que minha mãe
das secretas núpcias me deu em segredo
e não susteve ao seio, mas irrepreensível
tive a vida de servente na casa do Deus.
O dado por Deus é bom, mas por Nume
é grave; quando devia estar nos braços
de minha mãe e ter esse prazer da vida,
fui privado do alimento de minha mãe.
Mísera também a mãe que a mesma dor
padeceu, ao perder os prazeres do filho.
Agora recebo este berço e farei oferta
a Deus para não achar o que não quero.
Se me acontece a mãe ser uma escrava,
achar a mãe é pior que manter silêncio.
Ó Febo, ofereço este berço a teu templo.
Mas o que sofro? Luto contra o desejo
do Deus que me salvou sinais da mãe?
Isto deve ser aberto, e deve ser ousado;
não ultrapassaria nunca a sina da sorte.
Ó fitas consagradas, o que me ocultais?
Ó laços, com que os meus se guardam!
Olha a cobertura deste berço redondo
como não envelheceu, por ato divino,
não há bolor no cesto, e longo tempo
se passou desde este entesouramento!
CREÚSA:
Que aparição do inesperado eu vejo?
ÍON:
Cala-te! Antes ainda me foste dor!
CREÚSA:
Não me calo, não me aconselhes tu!
Vejo o cesto em que te expus um dia,
ó filho, quando ainda recém-nascido,
na gruta de Cécrops sob Compridas.
Deixarei o altar, ainda que eu morra.
ÍON:
Prendei-a! Possessa de Deus deixou
o altar e as estátuas. Atai-lhe as mãos!
CREÚSA:

Matai! Não cesseis, porque resistirei
nisto, em ti e nos escondidos dentro!
ÍON:
Não é terrível? Por dolo me faz refém.
CREÚSA:
Não, mas caro descobres teus caros.
ÍON:
Eu, teu caro? E oculta me matavas?
CREÚSA:
Filho, se aos pais isto é o mais caro.
ÍON:
Cessa de urdir ardis! Eu te pegarei.
CREÚSA:
Possa eu atingir o que viso, ó filho!
ÍON:
Este cesto está vazio ou recobre algo?
CREÚSA:
Tuas vestes, com que te expus um dia.
ÍON:
E o nome delas dirás antes de vê-las?
CREÚSA:
Se não disser, submeto-me à morte.
ÍON:
Diz! A tua ousadia tem algo terrível!
CREÚSA:
Vede o tecido que teci na mocidade!
ÍON:
Como é? Há muitos tecidos de moça.
CREÚSA:
Imperfeito, como exercício de tecer.
ÍON:
Que figura? Não me logres assim!
CREÚSA:
Górgona tecida no meio do manto.
ÍON:
Ó Zeus, que destino me persegue?
CREÚSA:
É orlada de serpentes como a égide.
ÍON:
Olha!
Que tecido dito divino descobrimos!

CREÚSA:
Ó antiga mocidade de meus teares!
ÍON:
Há algo mais ou só isso é boa sorte?
CREÚSA:
Duas serpentes rutilando áurea boca,
dom de Atena, com as quais diz criar
filhos, imitações do prístino Erictônio.
ÍON:
Que uso tem, diz-me, o áureo adorno?
CREÚSA:
Servir de colar a recém-nascido, filho!
ÍON:
Há dentro isso; quero saber o terceiro.
CREÚSA:
Eu te cingi então com a coroa de oliva,
o outeiro de Atena primeiro a produziu,
ela, se está viva, nunca perde o verdor
e verdeja, nascida de oliva sem mescla.
ÍON:
Ó mãe caríssima, contente por te ver,
estou caído ante as tuas faces contentes!
CREÚSA:
Ó filho, ó luz superior ao Sol para a mãe
(o Deus há de perdoar), tenho-te em mãos,
inesperada descoberta, que parecia morar
nos ínferos sob o chão da terra com Perséfone!
ÍON:
Ó minha mãe caríssima, em tuas mãos
o que morreu e que não morreu apareço!
CREÚSA:
Ió ió! Amplo fulgor brilhante!
Que palavra dizer, falar? Donde
me veio inopinado prazer?
Donde recebemos alegria?
ÍON:
Tinha comigo que acontecesse tudo,
mãe, antes que o fato de eu ser teu!
CREÚSA:
Tremo ainda de pavor!
ÍON:

De não ter, se me tens?
CREÚSA:
Esperanças
perdi-as longe.
Iò, ió! Mulher, donde meu filho
recebeste nos braços?
Com quem veio à casa de Lóxias?
ÍON:
Isso é divino. Mas de bom Nume
venha-nos a sorte antes tão difícil!
CREÚSA:
Filho, não sem pranto foi teu parto
e com ais teu fim das mãos da mãe.
Mas agora respiro junto a tuas faces
ao fruir os mais venturosos prazeres.
ÍON:
Ao dizeres o meu, comunicas o teu.
CREÚSA:
Não mais somos sem cria nem filho!
A casa festeja, a terra tem seus reis,
Erecteu rejuvenesce.
O terrígeno lar não mais vê Noite,
e recobra visão com raios de Sol.
ÍON:
Mãe, presente o pai também participe
comigo deste prazer, que eu vos dei.
CREÚSA:
Ó filho,
que dizes? Como, como me refutas!
ÍON:
Que dizes?
CREÚSA:
És de alhures, de alhures.
ÍON:
Ómoi! Tua virgindade me gerou espúrio!
CREÚSA:
Nem sob tochas nem com danças
o meu himeneu,
filho, gerou o teu crânio!
ÍON:
Aiaî! Malnato nasci, ó mãe? Donde?

CREÚSA:
Saiba Górgona...
ÍON:
Que dizes aí?
CREÚSA:
...que em meus mirantes
na colina oleícola tem
trono.
ÍON:
Tortas falas, não claras.
CREÚSA:
Perto da pedra dos rouxinóis,
com Febo...
ÍON:
Que dizes de Febo?
CREÚSA:
... em secretas núpcias me deitei.
ÍON:
Diz! Um bem de boa sorte dirás!
CREÚSA:
No décimo círculo da lua medida
com secreta dor te pari para Febo.
ÍON:
Ó caríssima fala, se verdadeira!
CREÚSA:
Virgíneas perante a mãe faixas
envolventes atei em ti estas
corridas de minha lançadeira.
Não te nutri com leite ao seio
almo de mãe, nem dei banhos,
mas em gruta erma, massacre
e banquete de bicos das aves,
foste lançado à casa de Hades.
ÍON:
Ó mãe, terrível ousadia!
CREÚSA:
Ó filho,
tomada de pavor perdi tua vida!
Matei-te coata!
ÍON:
Por mim ilícito

serias morta!
CREÚSA:
Iò, ió! Terríveis foram então as sortes,
terríveis ainda são estas! De lá giramos
para cá com as sortes difíceis e com
as aliás boas sortes, mudam-se ventos.
Que durem! Antes houve mal demais.
Agora leve a brisa além de males, filho!
CORO:
Nenhum homem não creia nunca nada
perante a presente sorte ser inesperado!
ÍON:
Ó mudadora de miríades de mortais,
ora dificuldade, ora aliás prosperidade,
Sorte, por que padrão de vida viemos
a matar a mãe e a padecer ignomínias!
Pheû!
Ora, nos brilhantes amplexos do Sol,
tudo isto se pode conhecer cada dia?
Mãe, nossa descoberta te descobrimos
e esta origem me parece irrepreensível.
O mais quero dizer somente para ti.
Vem aqui! Quero aos ouvidos dizer
as falas e cobrir com trevas os atos.
Vê, mãe, não vacilaste em distúrbio
que virgens têm nas ocultas núpcias
e tu depois atribuis ao Deus a causa
e tentando afastar de mim o vexame
dizes gerar-me a Febo, não do Deus?
CREÚSA:
Por Atena no carro escudeira
Vitória de Zeus contra terrígenos,
juro, filho, não tens pai mortal,
mas o que te criou, o rei Lóxias.
ÍON:
Como deu seu filho a outro pai
e diz que sou nascido de Xuto?
CREÚSA:
Nato, não, mas sendo seu mesmo
faz dom de ti, e caro ao seu caro
daria o seu filho ao dono da casa.

ÍON:
Deus diz verdade ou vaticínio vão?
Mãe, com razão o espírito me turva.
CREÚSA:
Ouve o que agora me ocorreu, filho!
Para teu benefício Lóxias te instala
em nobre casa, e sendo dito do Deus
não terias jamais a herdade da casa
nem o nome do pai. Como ocultaria
eu suas núpcias e oculta te mataria?
Ele te valendo te atribui a outro pai.
ÍON:
Não tão facilmente prossigo com isso,
mas entrarei em casa e indagarei Febo,
se sou filho de pai mortal ou de Lóxias.
Éa! Qual dos Deuses acima da casa
sacrificatória mostra o rosto ao Sol?
Fujamos, mãe! Não vejamos Numes
se não nos for oportuna essa visão!
ATENA:
Não fujais! Não me eviteis inimiga,
mas sou benévola aqui e em Atenas.
Aqui vim eu, epônimo de tua terra,
Palas, expedida da parte de Apolo,
que estimou não vir à vossa vista,
não intervenha invectiva de antes,
e envia-nos a dizer-vos as palavras
de que ela te gerou do pai Apolo,
e doa a quem doou, não teus pais,
mas para te dar nobilíssima casa.
Ao abrir-se esse fato denunciado,
temeu que morras por ato da mãe,
ou a mates, e resgatou com artes.
Se mantivesse em silêncio, o rei
em Atenas faria que a conhecesses
e ela a ti como filho seu e de Febo.
Mas ao findar fato e fala do Deus
por quais jungi carro, ouvi vós ambos.
Vai com o filho ao solo de Cécrops,
Creúsa, e coloca-o no trono real,
pois nascido da prole de Erecteu

é justo que reine em minha terra,
ínclito na Grécia. Os filhos dele
serão quatro natos de única raiz,
os epônimos da terra e das tribos
do chão residentes em meu mirante.
Geléon será primeiro, e em seguida
segundo e terceiro filhos epônimos [Kovacs]
de hopletes e árgades, e egícores,
de minha égide, farão uma tribo,
e seus filhos no assinalado tempo
colonizarão urbes em ilhas Cíclades
e costas continentais, o que reforça
meu solo, e terão ambas as margens
dos dois continentes, terras da Ásia
e da Europa, e graças a este nome
nomeados iônios obterão a glória.
Tendes Xuto e tu família comum:
Doro, donde será hineada a urbe
dória na terra de Pélops, e segundo,
Aqueu, que será rei da litorânea
terra perto de Rio, e sina será que
o povo tenha nome epônimo seu.
Bem Apolo tudo dispôs, primeiro
ilesa te fez parir, ignaros os seus,
e quando geraste e expuseste filho
enfaixado, instou Hermes a tomar
nos braços e trazer para cá o filho,
criou e não deixou expirar a vida.
Agora cale o filho ter nascido de ti,
para a crença manter suave Xuto
e vás aliás com teus bens, mulher,
e salve! Depois de alívio de males
anuncio-vos a sorte de bom Nume.

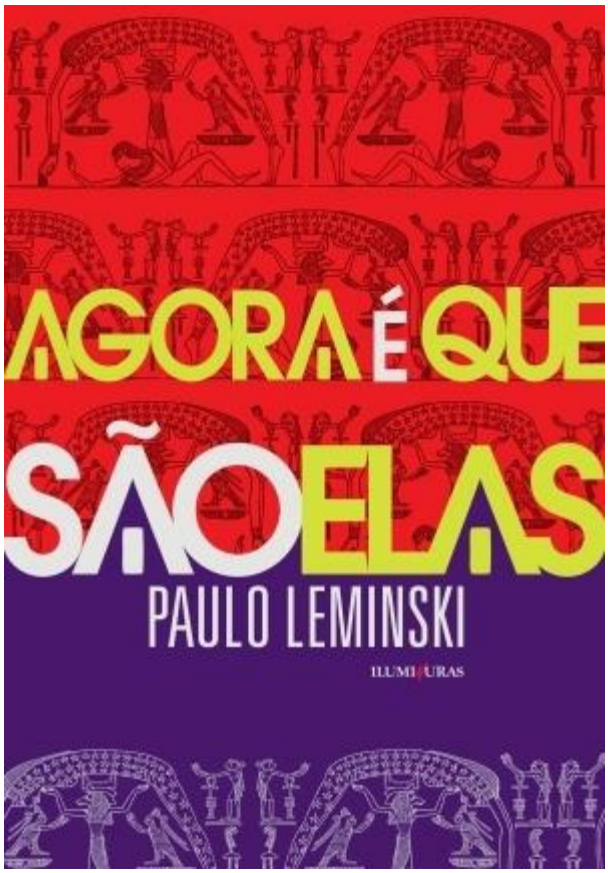
ÍON:

Ó Palas filha de Zeus máximo, não recebi
incrédulo tuas palavras e creio que sou filho
de Lóxias e dela. Isso antes não era incrível.

CREÚSA:

Ouve-me! Sem louvar antes, louvo Febo,
por me devolver filho de que descuidou.
Estas vistosas portas e oráculo do Deus

antes me eram hostis, agora tenho prazer
em tocar aldravas e interpelar as portas.
ATENA:
Aprovo que louves o Deus por mudares.
Tarda o Deus, mas afinal não é sem força.
CREÚSA:
Filho, vamos para casa!
ATENA:
Ide! Irei junto.
ÍON:
A guarda é digna de nós.
CREÚSA:
E cara à urbe.
ATENA:
Tem o trono prístino.
ÍON:
Tenho digna posse.
CORO:
Salve, Apolo, filho de Zeus e Leto! Quem
tem males em casa, honre Nume e seja forte!
Os honestos por fim obtêm dignas sortes,
e os maus, quais são, nunca estariam bem.


AGORA É QUE
SÃO ELAS
PAULO LEMINSKI
ILUMINURAS

Agora é que são elas

Leminski, Paulo
9788573214260
224 páginas

Compre agora e leia

Leminski no círculo dos escritores mais inventivos se ombreia em talento com Joyce, Rosa ou Carroll no fabuloso Catatau, seu aclamado primeiro livro, e a um Italo Calvino ou Cortazar neste Agora é que são elas.

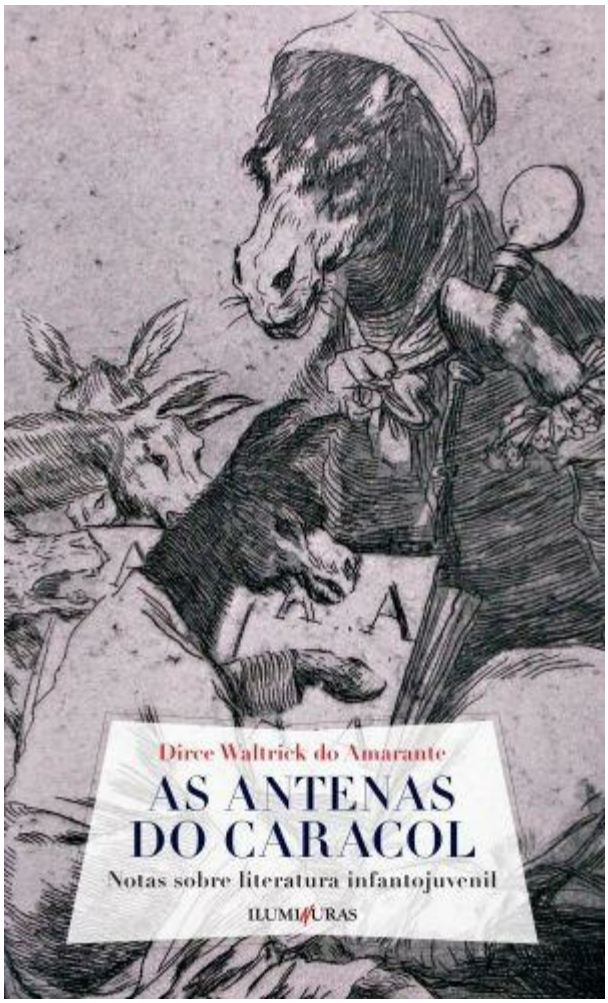
Sempre genial no que fazia, Leminski saiu-se com esta: "O romance não é mais possível. Agora é que são elas é um romance sobre a minha impossibilidade de fazer um romance". E lançou então esta narrativa, em lúdico e atrevido exercício, misturando todo seu repertório e talento como poeta, tradutor, ensaísta, publicitário, músico e transgressor inventivo de diversas normas.
Com grande habilidade e competência neste "suprarromance" misturando paródias, ironias, citações várias, inversões de perspectivas, norma culta ou linguajar desbocado, Leminski vai tecendo tramas: personagem sem nome, narrador-malandro que queria ser médico, mas virou astrônomo, tem um caso com Norma, filha de seu analista Vladimir Propp, escritor russo, autor da Morfologia do conto maravilhoso...

As normas propostas por Propp nesse livro norteiam ou confundem a vida e ações das personagens enquanto rola uma agitada festa que estranhamente não comemora nada, divagações e questionamentos sobre os lances de uma guerra em algum lugar no cosmos, idas e vindas no tempo e no espaço, na história: tudo parece muito ao acaso, despretensiosamente ou não, para reviravoltas do pensamento culto, da filosofia à psicanálise, com uma linguagem simples, leve e solta, ligeira e musical, embaralhando e desmascarando as articulações da lógica e as regras dos esquemas prontos.

"Além das aparências, este definitivamente não é um romance fácil ou superficial. E a crítica vem se desdobrando em análises para lhe renovar elogios.
A vida como um carnaval passando pelo labirinto, dentro ou avessa a certas normas. Ficção e realidade, indagações sobre a existência. "Ao delito de deixar o dito pelo não dito" é o pensamento vivo de Leminski que conspira por aqui. Mas será que é mesmo assim?"

- Elson Fróes

Compre agora e leia


Dirce Waltrick do Amarante
AS ANTENAS DO CARACOL
Notas sobre literatura infantojuvenil
ILUMINURAS

As antenas do caracol

Amarante, Dirce Waltrick do
9788573214284
144 páginas

Compre agora e leia

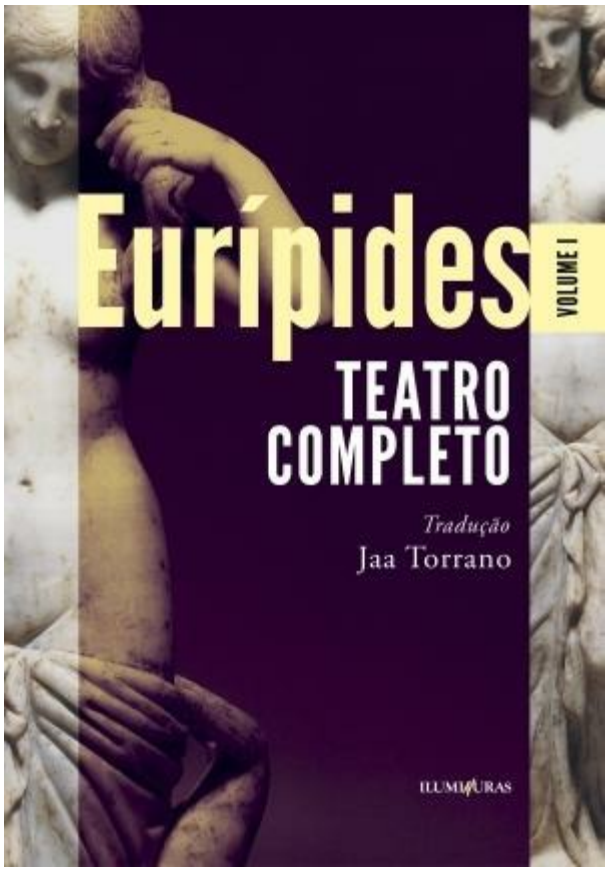
Havia uma senhora do Amarante
Que fez um livro interessante:
Dirce Waltrick, tradutora de limerique,
Essa amável senhora do Amarante.

Este livro da ensaísta, tradutora e dramaturga Dirce Waltrick do Amarante discute aspectos nada óbvios da literatura infantojuvenil. A autora visita - com um olhar apaixonado, de quem tem "fé" na leitura e fulmina certas instituições promotoras do emburrecimento do jovem leitor - casos concretos como a adaptação da obra dos irmãos Grimm para quadrinhos, o teatro infantil, a censura a Monteiro Lobato, o nonsense do escritor, desenhista e pintor inglês Edward Lear e as suas diferenças para com o nonsense de Lewis Carroll, o texto de James Joyce "O gato de Copenhague", as posições de Ana Maria Machado e de Marcelo Coelho, que a ajudam a refletir sobre a tradição cultural, a lógica, a linguagem, a utilidade da literatura e as suas relações com a educação.

É de Graciliano Ramos, contudo, que vem a melhor evocação das leituras "edificantes" da infância, nas que um menino vadio encontra casualmente no seu caminho uns passarinhos-mensageiros dos valores do sistema... A partir do aspecto "monumental" da obra para crianças de Monteiro Lobato, a questão surge, e atinge um nível geral - a quem se destina este monumento, e o que fazer com ele? A questão é ampla, pois a infância mudou, e talvez nem exista mais, a não ser em estado de ruptura da ordem simbólica, como na visão apocalíptica de Baudrillard. As notas teóricas da autora, em diálogo com pensadores dentre os quais Agamben, Adorno e Horkheimer, Benjamin, além do próprio Baudrillard, conferem ao livro uma potência de pensamento sobre uma questão que excede a da infância, ou melhor, que nos puxa para a infância que nunca nos deixou, se, como propõe Agamben, a infância seria "aquilo que chamamos de pensamento".

- Paula Glenadel

Compre agora e leia


Eurípides
VOLUME I
TEATRO COMPLETO
Tradução
Jaa Torrano
ILUMINURAS

Eurípides - Volume 1

Eurípedes
9788573214901
165 páginas

Compre agora e leia

De Eurípides (séc. V a.C.), o último e o mais trágico dos três (com Ésquilo e Sófocles) grandes poetas trágicos de Atenas clássica, temos hoje dezoito tragédias e um drama satírico, além de numerosos fragmentos resgatados de citações e de papiros.

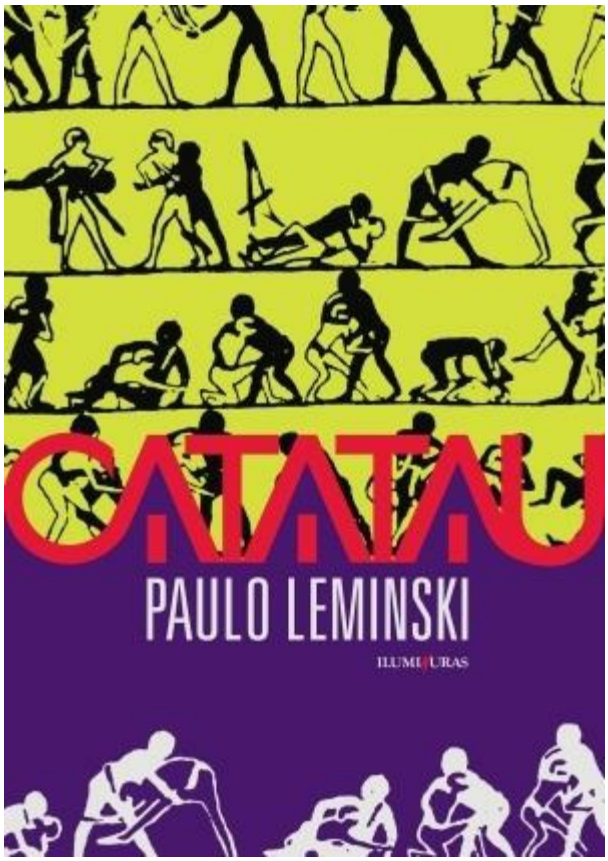
Em língua portuguesa, esta é a primeira tradução por um único tradutor de todo o Teatro Completo de Eurípides. "Completo" neste caso se diz das peças que nos chegaram integrais, a saber, o drama satírico O Ciclope e as tragédias Alceste, Medeia, Os Heraclidas, Hipólito, Andrômaca, Hécuba, As Suplicantes, Electra, Héracles, As Troianas, Ifigênia em Táurida, Íon, Helena, As Fenícias, Orestes, As Bacas, Ifigênia em Áulida e Reso.

A presente tradução se diz metódica pela coerência de seus procedimentos, rigorosa ao observar e conservar as demarcações léxicas do imaginário mítico e assim contemplar com uma visão totalizante o sistema de imagens descritivas das noções míticas de "Deus(es)" e de seus correlatos. A presente tradução se diz sistemática por transpor as imagens, as noções e as reiterações e inter-referências das figurações mitopoéticas, transpondo assim também o movimento próprio ao pensamento mítico e político de Eurípides.

A presente tradução incorpora — com tanto rigor quanto possível — a índole do português falado no Brasil, em busca da compreensão — tão imediata quanto possível — dos versos traduzidos. A ironia trágica nos contempla justamente no horizonte dessa equivalência entre o imediato e o possível.

A presente tradução segue o texto de J. Diggle — Euripidis Fabulae (Oxford, 3 v., 1981, 1984, 1994) e onde este é lacunar, recorremos a restaurações propostas por outros editores, cujos nomes se assinalam à margem direita do verso traduzido.

Compre agora e leia


CATATAU
PAULO LEMINSKI
ILUMINURAS

Catatau

Leminski, Paulo
9788573214277
256 páginas

Compre agora e leia

Escrito durante quase uma década, esse "romance-ideia", como o denominou o autor, "O catatau" é um monólogo onírico de René Descartes em visita a Pernambuco no período holandês. Diante do absurdo da natureza dos trópicos e dos costumes dos indígenas, o filósofo vê sua razão naufragar: "Duvido se existo, quem sou eu se esse tamanduá existe?", pergunta.
Num texto lúdico, parodiando as narrativas dos viajantes e empregando recursos do Concretismo e do Tropicalismo, Leminski cria uma fábula inovadora e radical, firmando-se como um dos grandes explicadores do Brasil.

O leitor tem em mãos um clássico da literatura brasileira recente. O Catatau (1975) de Paulo Leminski é um texto experimental que se filia à grande tradição das novelas satíricas e filosóficas, tais como Gargantua de Rabelais, Gulliver de Swift, Jacques, o fatalista de Diderot, Robinson Crusoe de Defoe. Tanto é que o núcleo da fábula do Catatau trata de uma insólita vinda do filósofo René Descartes a Recife, no tempo do Brasil holandês. Submetido ao trópico e à exótica natureza tupiniquim, após fumar certa erva que lhe sequestra a clareza de pensamento, René Descartes, ou simplesmente Cartésio, delira enquanto espera a vinda do oficial do exército da Companhia das Índias Ocidentais, o polonês Krzysztof Arciszewski, o qual ficou de lhe explicar esse inabordável Brasil.

O Catatau é, pois, um texto de vanguarda que trata de assuntos afeitos aos séculos 16 e 17. Nele o autor emprega recursos como neologismos, aforismos, filosofemas e trocadilhos nonsense, parodiando clássicos portugueses, constituindo-se em verdadeiro tesouro de invenção prosódica da língua, que une o falar culto ao popular. Nesse sentido o Catatau pode ser encarado como um romance Tropicalista, Concretista, Neobarroco.

- Maurício Arruda Mendonça

Compre agora e leia

ANTONIO NEGRI
BIOCAPITALISMO
EDITORIAL QUADRATA
ILUMINURAS

Biocapitalismo

Negri, Antonio
9788573214796
144 páginas

Compre agora e leia

Antonio Negri tem tentado reinventar a política, sobretudo a prática das esquerdas, introduzindo e repaginando uma série de conceitos. Não por acaso, este livro, editado por Adrián Cangi e Ariel Pennisi, vem de uma obra compilada na Argentina: a escuta que Negri encontra na América Latina é particularmente grande. Temos muito a dialogar com sua obra.

A crise (endêmica) econômica, misturada à crise da representação política, tem provocado uma nova onda de ocupações do espaço público na América Latina e pelo mundo afora. O Estado, como agente do capital financeiro, tem tido dificuldades em enfrentar essas novas ondas que emanam do que Negri, com Spinoza, chama de manifestações da "multidão".

Essa categoria política não tem nada a ver com a de "massas", que esteve, no século XX, no centro dos fascismos.

Para Negri, na era do biopoder, encarnado no que ele denomina de biocapitalismo, deve-se inventar a biopolítica. As lutas operárias obrigaram o capital a se deslocar cada vez mais para a administração da vida, da saúde, da educação, da velhice, consolidando o Estado/assistente (também em vias de dissolução...).

Mas existe uma reserva de resistência que se manifesta na construção da multidão, não como sujeito político tradicional, mas como fonte de articulação de desejos represados, de demandas de minorias e de diversos grupos díspares, mas unidos na ocupação e construção de um espaço de resistência, do comum, como instância de ruptura e de emancipação.

Negri descarta a ideia de construção de uma sociedade pós-histórica, final: ele sabe que a força da multidão vive de suas divisões e conflitos. Com Spinoza, ele afirma a democracia como um espaço de embates, de tensões e não de uma artificial e violenta

imposição da ordem.

Compre agora e leia

Table of Contents

Eurípides | Teatro completo | Volume II
    Dedicatória
    Agradecimentos
Apresentação
As suplicantes
Electra
Héracles
As troianas
Ifigênia em Táurida
Íon